



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

**RELAÇÕES INTERNACIONAIS E
INTEGRAÇÃO**

**A DIPLOMACIA ESPORTIVA E SUAS IMPLICAÇÕES NA POLÍTICA
INTERNACIONAL:
O CATAR E A COPA DO MUNDO FIFA DE 2022**

JEANNE HELENA DELAVA DE OLIVEIRA

Foz do Iguaçu
2024



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)**

RELAÇÕES INTERNACIONAIS E INTEGRAÇÃO

**A DIPLOMACIA ESPORTIVA E SUAS IMPLICAÇÕES NA POLÍTICA INTERNACIONAL:
O CATAR E A COPA DO MUNDO FIFA DE 2022**

JEANNE HELENA DELAVA DE OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais e Integração.

Orientador: Prof. Dra. Karen dos Santos Honório

Foz do Iguaçu
2024

JEANNE HELENA DELAVA DE OLIVEIRA

**A DIPLOMACIA ESPORTIVA E SUAS IMPLICAÇÕES NA POLÍTICA INTERNACIONAL:
O CATAR E A COPA DO MUNDO FIFA DE 2022**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais e Integração.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dra. Karen dos Santos Honório
UNILA

Prof. Dr. Lucas Ribeiro Mesquita
UNILA

Prof. Dr. Mamadou Alpha Diallo
UNILA

Foz do Iguaçu, 11 de outubro de 2024.

AGRADECIMENTOS

Nesta forma de materializar a finalização deste trabalho e da graduação, faço menção especial às pessoas que fizeram parte dessa jornada. Agradeço...

A Deus pelo dom da vida e por guiar cada um dos meus passos...

Aos meus pais e meus irmãos, por me apoiarem e estarem ao meu lado...

Ao vô Natal, vô Zelia e vô Nila, que esperaram tanto por esse momento...

Ao vô João, à Nona e ao Bisa Lino, que me cuidam do céu...

Ao Tio Jean, por sempre ser meu parceiro nas mais loucas aventuras...

Ao Henrique, meu grande amor e companheiro de vida, pelo apoio e amor incondicional em cada passo que dei desde que lhe conheci...

À família Diniz e toda a família Venialgo, por serem minha segunda família...

À Janaína, Aline, Luana e Edimara, por serem minhas amigas da vida...

À Fernanda, que dividiu comigo os dias de estágio e de graduação...

À Nicolle, por ser a melhor colega de casa...

Aos colegas que me acompanharam durante a jornada, em especial ao Vitor, ao André e à Letícia...

À Laura, Leticia, Mauro e à Universidad Nacional de Avellaneda (UNDAV), por ter possibilitado minha mobilidade acadêmica...

À Verónica e Marilú, por terem plantado em mim, durante suas aulas na UNDAV, a semente do que viria a ser este tema de TCC...

À Ursu e Leti, pelas aulas maravilhosas e descontraídas na mobilidade...

À Valentina, a melhor companheira de casa que eu poderia ter em Buenos Aires, e à Carola, pelos conselhos e pelo apoio durante minha estadia na Argentina...

À Guadalupe, a minha mexicana favorita e companheira nos jogos do Brasil durante a Copa – coincidentemente – de 2022...

À Aracelli e ao Juliano pela importância em minha trajetória profissional...

Às professoras Ângela e Lisiane, que marcaram meu Ensino Médio...

A todos os professores que fizeram parte de minha trajetória na UNILA...

Aos professores que avaliaram meu trabalho na banca de TCC...

E, por último mais não menos importante, agradeço à Prof. Karen Honório, por ser minha orientadora e me proporcionar as melhores aulas durante a graduação!

Sport has the power to change the world. It has the power to inspire. It has the power to unite people in a way that little else does. Sport can awaken hope where there was previously only despair. Sport speaks to people in a language they can understand.

Nelson Mandela

RESUMO

Esse trabalho visa analisar as dinâmicas estabelecidas entre o esporte e as Relações Internacionais, tendo como objeto de estudo a utilização estratégica de megaeventos esportivos pelos Estados e explorando a diplomacia esportiva dos países como forma de promoção internacional, aumento do poder regional e alcance dos objetivos de política externa. Sendo o esporte uma poderosa arma de envolvimento de massas e de identificação, o vínculo entre este e as Relações Internacionais se intensificou nos séculos XX e XXI, principalmente devido ao grande engajamento e audiência angariados pelos megaeventos esportivos. Nesse sentido, a pergunta de pesquisa deste trabalho é “quais são as estratégias adotadas pelos Estados ao sediar megaeventos esportivos e como eles refletem na política internacional?” utilizando como recorte o Catar e a Copa do Mundo FIFA de 2022. A hipótese estabelecida é a premissa de que o evento serviu como uma forma de *sportswashing* para recuperar a identidade internacional do Catar, abalada pelas práticas internas do país. Para análise dessa hipótese, adotamos a metodologia qualitativa e a Teoria Construtivista como lente de análise das Relações Internacionais, fundamentando-nos nos escritos de Alexander Wendt sobre a construção das identidades no cenário internacional. A pesquisa bibliográfica confirma a hipótese apresentada, concluindo que a realização da Copa do Mundo FIFA de 2022 no Catar se mostrou como uma tentativa ineficaz de *sportswashing* por parte do governo catari, pois evidenciou os aspectos negativos internos e aumentou a insatisfação internacional frente ao país, convertendo-se em uma forma de *soft disempowerment*.

Palavras-chave: Catar; Copa do Mundo FIFA; diplomacia esportiva; megaeventos esportivos; *sportswashing*.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar la dinámica que se establece entre el deporte y las Relaciones Internacionales, teniendo como objeto de estudio el uso estratégico de los megaeventos deportivos por parte de los Estados y explorando la diplomacia deportiva de los países como forma de promoción internacional, aumento del poder regional y alcance de los objetivos internacionales de política exterior. Como el deporte es un arma poderosa de participación e identificación de masa, el vínculo entre el deporte y las Relaciones Internacionales se ha intensificado en los siglos XX y XXI, principalmente debido a la gran participación y audiencia que los megaeventos deportivos generan. En este sentido, la pregunta de investigación de este artículo es “¿cuáles son las estrategias adoptadas por los Estados al ser sede de megaeventos deportivos y cómo se reflejan en la política internacional?” centrándose en Qatar y la Copa del Mundo FIFA 2022. La hipótesis establecida es la premisa de que el evento sirvió como una forma de *sportswashing* para recuperar la identidad internacional de Qatar, agitada por las prácticas internas del país. Para analizar esta hipótesis, adoptamos la metodología cualitativa y la Teoría Constructivista como lente de análisis de las Relaciones Internacionales, a partir de los escritos de Alexander Wendt sobre la construcción de identidades en el escenario internacional. La investigación bibliográfica confirma la hipótesis presentada, concluyendo que la celebración de la Copa del Mundo FIFA 2022 en el Qatar resultó ser un intento ineficaz de *sportswashing* por parte del gobierno qatarí, ya que demostró los aspectos negativos internos y aumentó el descontento internacional con el país, volviéndose una forma de *soft disempowerment*.

Palabras clave: Qatar; Copa del Mundo FIFA; diplomacia deportiva; megaeventos deportivos; *sportswashing*.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the dynamics established between sports and International Relations, having as its object of study the strategic use of sports mega-events by States and exploring sports diplomacy in countries as a form of international promotion, regional power increase, and reach of foreign policy objectives. As the sport is a powerful weapon of mass engagement and identification, the connection between this and International Relations intensified in the 20th and 21st centuries, mainly due to the great engagement and attraction of the public by mega sporting events. In this sense, the research question of this paper is 'What are the strategies adopted by States to host sports mega-events, and how are they reflected in international politics?' with Qatar and the 2022 FIFA World Cup in focus. The article's hypothesis indicates that the 2022 FIFA World Cup functioned as a form of sportswashing to recover Qatar's international identity, which was damaged by the country's domestic practices. To analyze these hypotheses, we adopted the qualitative methodology and Constructivist Theory as lens of analysis of International Relations, based on the writings of Alexander Wendt on the construction of identities in the international context. The bibliographical research confirms the hypothesis presented, concluding that holding the 2022 FIFA World Cup in Qatar proved to be an ineffective attempt at sportswashing by the Qatari government, highlighting the negative aspects domestically and increasing international dissatisfaction with the country, becoming a form of soft disempowerment.

Key words: Qatar; FIFA World Cup; sports diplomacy; sports mega-events; sportswashing.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFD	<i>Aspire Football Dreams</i>
AZF	<i>Aspire Zone Foundation</i>
CBCF	<i>Club Financial Control Body</i> (Órgão de Controle Financeiro de Clubes)
COI	Comitê Olímpico Internacional
COP	Conferência das Nações Unidas para as Mudanças Climáticas
FIFA	<i>Fédération Internationale de Football Association</i> (Federação Internacional de Futebol)
ICSS	<i>International Centre for Sport Security</i> (Centro Internacional para Segurança Esportiva)
MICE	Meeting, Incentives, Conferences and Events (Reuniões, Incentivos, Conferências e Eventos)
NDS	<i>Qatar National Development Strategy 2011-2016</i>
NDS2	<i>Qatar Second National Development Strategy 2018-2022</i>
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMC	Organização Mundial do Comércio
PSG	<i>Paris Saint-Germain</i>
QNV 2030	<i>Qatar National Vision 2030</i>
QOC	<i>Qatar Olympic Committee</i> (Comitê Olímpico Catari)
QSI	<i>Qatar Sports Investment</i>
QTA	<i>Qatar Tourism Authority</i> (Autoridade de Turismo do Catar)
RI	Relações Internacionais
SIGA	<i>Sport Integrity Global Alliance</i> (Aliança Global de Integridade Esportiva)
SSS	<i>Sports Sector Strategy 2011-2016</i>
SWF	<i>Sovereign Wealth Funds</i> (Fundos Soberanos de Riqueza)
UEFA	<i>Union of European Football Associations</i> (União das Associações Europeias de Futebol)

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – O CONSTRUTIVISMO DE WENDT E CONCEITOS TEÓRICOS	12
1.1 WENDT E O CONSTRUTIVISMO	12
1.2 CONCEITOS UTILIZADOS	23
1.3 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	38
CAPÍTULO 2 – O CATAR NA POLÍTICA INTERNACIONAL	39
2.1 O CATAR NO PÓS-INDEPENDÊNCIA.....	39
2.2 A DIPLOMACIA ESPORTIVA CATARI	54
2.3 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	65
CAPÍTULO 3 – A COPA DO MUNDO FIFA 2022 NO CATAR	67
3.1 VANTAGENS E DESVANTAGENS DO CATAR COMO PAÍS-SEDE.....	67
3.2 O SPORTSWASHING E A COPA DO MUNDO FIFA DE 2022.....	75
3.3 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS.....	90

INTRODUÇÃO

No cenário internacional o esporte é uma arma poderosa, que “desempenha um papel importante nas relações internacionais entre Estados, atores não-estatais e pessoas em todo o mundo”¹ (Murray, 2018, p. 2, tradução nossa). Ao longo da história, não nos faltam exemplos do uso do esporte como meio para manifestações internacionais ou para alcance de objetivos de política externa: os atletas africanos negros abandonaram as Olimpíadas de Montreal em 1976 como forma de protesto contra o *apartheid*; a União Europeia explora o esporte no desenvolvimento de uma cidadania comunitária; e Organizações Não-Governamentais (ONGs) o utilizam como parte de programas de desarmamento e reintegração em nações devastadas pela guerra, como o Afeganistão (Murray, 2018; Vasconcelos, 2018).

No contexto atual de uma cultura esportiva cultivada e valorizada no mundo todo, as celebrações mundiais do esporte, como as Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo FIFA, são utilizadas por empresas e governos como plataforma de promoção de suas ações, ideais e práticas no cenário internacional (Vasconcelos, 2018). Nesse sentido, este trabalho tem como tema “o esporte e as Relações Internacionais” e como objeto “a utilização estratégica de megaeventos esportivos pelos Estados” objetivando analisar, sobretudo, a prática da diplomacia esportiva dos países como forma de promoção internacional, aumento do poder regional e alcance dos objetivos de política externa.

A partir da pergunta de pesquisa “quais são as estratégias adotadas pelos Estados ao sediar megaeventos esportivos e como elas refletem na política internacional?”, adotou-se como recorte o Catar e a Copa do Mundo FIFA de 2022 para realização de estudo de caso sobre o tema. A hipótese estabelecida nesta primeira parte do trabalho e que será confirmada ou negada ao longo da pesquisa bibliográfica é a premissa de que a Copa do Mundo serviu como uma forma de *sportswashing* para a identidade internacional do Catar, ou seja, que a realização do evento objetivava recuperar a reputação abalada pelas práticas internas do país.

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a qualitativa, com o argumento sendo construído a partir da análise de livros, teses, artigos científicos e materiais jornalísticos sobre o tema, bem como de documentos oficiais do Governo do Catar

¹ Tradução livre do trecho em inglês: “sport plays a major part in the international relations between states, non-state actors and people all over the world.” (Murray, 2018, p.2).

que nos auxiliaram a entender as estratégias e os objetivos nacionais. A Teoria Construtivista, outrossim, foi escolhida como lente de análise das Relações Internacionais, apoiando-se nos escritos e estudos de Alexander Wendt sobre o papel dos interesses e dos objetivos na construção das identidades no cenário internacional.

Este trabalho está dividido da seguinte forma: o primeiro capítulo discorre sobre a base teórica utilizada, demonstrando o papel do Construtivismo na análise e conceituando os termos utilizados na pesquisa; o segundo capítulo versa sobre o histórico e o momento atual do Catar, com o objetivo de entender o contexto do país no período pós-independência e seu recente envolvimento no esporte internacional; por fim, o terceiro e último capítulo analisa a realização da Copa do Mundo FIFA de 2022 no Catar, visando entender as estratégias do país em sediar o evento e as implicações decorrentes observadas na política internacional, bem como seus resultados na identidade internacional do país.

Importante descrever o motivo que me levou à escolha de analisar o esporte e as Relações Internacionais neste Trabalho de Conclusão de Curso. Cresci em uma casa que respira esporte, principalmente o futebol, e sempre estive por dentro das discussões que acompanham o cenário esportivo. Em uma disciplina que cursei durante minha mobilidade acadêmica – coincidentemente, em 2022 – na Universidad Nacional de Avellaneda, Argentina, discutimos sobre a realização da Copa do Mundo FIFA de 1978 como forma de ressuscitar o orgulho nacional em meio ao período sombrio da última ditadura cívico-militar do país. Desde então, me despertou a curiosidade de entender como o esporte é utilizado como meio para desviar a atenção da população dos problemas internos dos países, principalmente devido ao seu poder de mobilizar as massas e reascender o orgulho nacional.

Ao chegar o momento de escolher o tema de meu TCC, não tinha dúvidas de que o esporte estaria no centro de minhas análises sobre as Relações Internacionais. Meu desejo era recortar este tema e estudar a utilização do *sportswashing* por algum país controverso no cenário internacional, chegando, então, à Copa do Mundo FIFA de 2022, que foi uma edição atípica e despertou reações diversas nas populações. Já durante a pesquisa e elaboração deste trabalho, foi emocionante acompanhar a edição de 2024 dos Jogos Olímpicos, em Paris, e observar como as competições esportivas internacionais reacendem sentimentos há muito tempo esquecidos nos corações dos cidadãos de uma nação.

CAPÍTULO 1 – O CONSTRUTIVISMO DE WENDT E CONCEITOS TEÓRICOS

Neste capítulo inicial do trabalho, será analisado todo o arcabouço teórico necessário para compreensão do tema escolhido. O capítulo está dividido em três seções: a primeira discorre sobre o surgimento da Teoria Construtivista de Wendt como uma terceira via no estudo das Relações Internacionais, em oposição ao (neo)realismo e ao (neo)liberalismo; a segunda seção se concentra na definição dos conceitos utilizados nesta análise bibliográfica: *soft power*, *soft disempowerment*, diplomacia esportiva, megaeventos esportivos e *sportswashing*; e a terceira seção apresenta a conclusão do capítulo.

1.1 WENDT E O CONSTRUTIVISMO

A base teórica deste trabalho concentra-se nos argumentos desenvolvidos por Alexander Wendt, um dos principais nomes da Teoria Construtivista de Relações Internacionais (RI), em seu livro *Social Theory of International Politics* (1999). Tal livro constitui-se como a base do Construtivismo de Wendt, em uma discussão que aborda aspectos psicológicos, filosóficos e sociológicos para construção de uma lógica Construtivista, opondo-se à lógica materialista adotada em maior grau pelos pensadores (neo)realistas e em menor grau pelos teóricos (neo)liberais de RI.

A abordagem realista das Relações Internacionais, sobretudo o que conhecemos como abordagem neorrealista – que se expandiu no contexto pós-guerra –, tem como ponto inicial da teoria sobre a política internacional o poder e o interesse nacional, sendo “poder entendido, em última instância, como capacidade militar e interesse como um desejo egoísta de poder, segurança ou riqueza”² (Wendt, 1999, p. 92, tradução nossa). A abordagem (neo)liberal que emergiu na década de 1980 valorizava a importância do poder e do interesse na política internacional, mas adicionou um terceiro fator importante: as instituições internacionais (Wendt, 1999).

Essa adoção conjunta de poder, interesses nacionais e instituições internacionais, é apontada por Wendt como um “consenso materialista” compartilhado por Neorrealistas e Neoliberais:

² Tradução livre do trecho original em inglês: “power understood ultimately as military capability and interest as an egoistic desire for power, security, or wealth” (Wendt, 1999, p. 92).

Neorealistas e neoliberais discordam sobre seus pesos relativos, mas eles provavelmente concordariam que, juntos, os três fatores explicam a maior parte da variância nos resultados internacionais. Além disso, apesar dos adeptos de nenhuma das abordagens tender a se autodenominar 'materialistas', tanto os neorealistas quanto os neoliberais rotineiramente se referem ao poder e ao interesse, e às vezes até mesmo às instituições, como fatores 'materiais'.³ (Wendt, 1999, p. 92, tradução nossa).

Em oposição a essa visão materialista das RI, Wendt (1999) aponta que os teóricos idealistas adotam um quarto fator na análise internacional: as ideias. Tal fator coloca outros aspectos em evidência, como identidade, ideologia, discurso e cultura, e, por consequência, “os estudiosos materialistas estão enfrentando um idealismo ressurgente que coloca a questão ‘que diferença as ideias fazem?’ claramente sobre a mesa”⁴ (Wendt, 1999, p. 92, tradução nossa).

Wendt (1999) também afirma que, de um lado, a abordagem dominante de ciência política coloca as ideias como uma das formas de explicar alguns aspectos de comportamento, para além dos efeitos causados pelas causas materiais – poder, interesses e instituições. Por outro lado, a abordagem construtivista investiga e analisa até que ponto as ideias constituem tais causas aparentemente “materiais”. Nesse sentido, em seu livro o autor concorda que algumas ideias podem ser caracterizadas como um meio para realizar interesses exógenos, afirmando que alguns desses interesses podem ser materiais, mas, ao mesmo tempo, defende a tese de que as ideias também podem constituir interesses (Wendt, 1999).

Outro ponto adotado por Wendt é a desconstrução da premissa de que o Realismo tem como uma de suas características definidoras a ideia de que “a natureza da política internacional é moldada pelas relações de poder”⁵ (Wendt, 1999, p. 96, tradução nossa). O autor afirma que, se tal premissa fosse verdadeira, todo estudante de política internacional seria um Realista, visto que qualquer teórico de RI concorda que o poder é importante. A partir de tal consideração, Wendt apresenta que a diferença entre o Realismo e as outras correntes é a “hipótese materialista de que os

³ Tradução livre do trecho em inglês: “Neorealists and Neoliberals disagree about their relative weight, but they would probably agree that together the three factors explain most of the variance in international outcomes. Moreover, although adherents of neither approach tend to call themselves ‘materialists,’ both Neorealists and Neoliberals routinely refer to power and interest, and sometimes even institutions, as ‘material’ factors.” (Wendt, 1999, p. 92).

⁴ Tradução livre do trecho em inglês: “materialist scholars are facing a resurgent idealism that puts the question of ‘what difference do ideas make?’ clearly on the table” (Wendt, 1999, p. 92).

⁵ Tradução livre do trecho em inglês: “the nature of international politics is shaped by power relations” (Wendt, 1999, p. 96).

efeitos do poder são constituídos principalmente por forças materiais brutas”⁶, enquanto a hipótese idealista coloca as ideias e os contextos culturais como constituintes do poder (Wendt, 1999, p. 97, tradução nossa).

Wendt também se opõe a ideia de que a ênfase nos interesses nacionais – egoístas – é outra característica do Realismo pois, assim como a relevância do poder nos estudos internacionais, se tal ênfase fosse própria do Realismo, novamente todos os estudantes de RI seriam realistas. Nessa análise, o que importa é a visão das abordagens sobre como os interesses são constituídos. No caso da hipótese realista, os interesses nacionais possuem “uma base material e não social, enraizada em alguma combinação de natureza humana, anarquia e/ou capacidades materiais brutas”⁷ (Wendt, 1999, p. 114, tradução nossa), enquanto o argumento de Wendt (1999, p. 135, tradução nossa) afirma que o significado da distribuição de poder na política internacional “é constituído em parte importante pela distribuição de interesses e que o conteúdo dos interesses é, por sua vez, constituído em parte importante pelas ideias”⁸.

Dessa forma, podemos estabelecer uma linha de pensamento partindo da posição (neo)realista de que apenas o poder e os interesses nacionais são necessários para compreender o sistema internacional. Essa linha de pensamento avança com os (neo)liberais, que apontam que, para explicar uma parte importante da ação estatal, as ideias e as instituições são mais importantes que o poder e os interesses. Porém, para Wendt, os (neo)liberais tratam as ideias de uma forma causal, que é importante, mas não é o suficiente para explicar seus efeitos, uma vez que a teoria construtivista acredita que elas constituem a base material (poder e interesse). O apontamento de Wendt (1999), portanto, não ignora a importância dos interesses na leitura do sistema internacional, mas sim destaca o papel das ideias na construção desses interesses, diferentemente dos materialistas, que depositam no poder a base para construção dos interesses.

As chamadas “necessidades” também fazem parte do argumento construído por Wendt (1999) e são divididas em necessidades identitárias e necessidades

⁶ Tradução livre do trecho em inglês: “materialist hypothesis that the effects of power are constituted primarily by brute material forces” (Wendt, 1999, p. 97).

⁷ Tradução livre do trecho em inglês: “a material rather than social basis, being rooted in some combination of human nature, anarchy, and/or brute material capabilities” (Wendt, 1999, p. 114).

⁸ Tradução livre do trecho em inglês: “is constituted in important part by the distribution of interests, and that the content of interests are in turn constituted in important part by ideas” (Wendt, 1999, p. 135).

materiais. As necessidades materiais, de um lado, são necessidades próprias e biológicas dos indivíduos, que remetem à natureza humana e são, por exemplo, segurança física, associação com outros, autoestima e a necessidade de melhorarem suas condições de vida. Do outro lado, temos as necessidades identitárias, que são necessárias para sustentação de determinada identidade de um indivíduo ou de um grupo: por exemplo, para possuir e reproduzir a identidade de um Estado, um grupo precisa, dentre outros aspectos, sustentar o monopólio do uso legítimo da violência, enquanto para reproduzir a identidade de um professor, o indivíduo precisa de alunos para ensinar (Wendt, 1999).

De acordo com o autor (Wendt, 1999), as necessidades identitárias refletem as estruturas internas e externas que constituem os atores como seres sociais e elas são necessárias para a sobrevivência dos agentes. Nesse sentido, para o construtivismo de Wendt (1999), a biologia possui pouca relevância no estudo das RI, pois a natureza humana não é capaz de apontar se as pessoas são boas ou más, egoístas ou altruístas. Isso acontece porque tais aspectos do comportamento humano não são determinados por nossa natureza e, portanto, não são materiais. Nas palavras de Wendt,

ao desenvolver esta hipótese não devemos esquecer que os seres humanos são animais cujas necessidades materiais são um elemento constitutivo fundamental dos seus interesses, mas, no final, os seus interesses são principalmente uma função das suas ideias, não dos seus genes⁹ (Wendt, 1999, p. 133, tradução nossa).

Nesse sentido, o autor destaca as três vantagens em se adotar a abordagem idealista¹⁰ no estudo dos interesses – e, por consequência, das identidades – nas Relações Internacionais: em primeiro lugar, a abordagem idealista “sugere um programa de pesquisa empírica para estudar o conteúdo dos interesses do Estado no mundo real”¹¹, diferentemente das teorias tradicionais, que tipicamente assumem um modelo de interesses estatais e não investigam quais tipos de interesses os Estados realmente possuem; em segundo lugar, essa abordagem sugere maneiras de

⁹ Tradução livre do trecho em inglês: “in developing this hypothesis we should not forget that human beings are animals whose material needs are a key constituting element of their interests, but in the end their interests are mostly a function of their ideas, not their genes” (Wendt, 1999, p. 133).

¹⁰ Neste trabalho, o termo idealista faz referência à importância das ideias no episteme construtivista, não devendo ser confundido, aqui, com o termo “idealista” utilizado pelos realistas para classificar os liberais/liberalismos nas RI.

¹¹ Tradução livre do trecho em inglês: “suggests a program of empirical research for studying the content of real world state interests” (Wendt, 1999, p. 133).

operacionalizar a relação entre o agente e a estrutura, enquanto as teorias materialistas apontam “a existência de normas culturais e comportamento correspondente, sem mostrar como as normas entram na cabeça dos atores para motivar ações”¹²; por fim, a abordagem idealista sugere novas possibilidades para política externa e mudanças sistêmicas, pois “na medida em que os interesses são constituídos por crenças, podemos ter mais esperança de mudá-los do que se eles simplesmente refletissem a natureza humana”¹³ (Wendt, 1999, p. 133-4, tradução nossa).

Wendt (1999), ademais, se debruça sobre os efeitos da cultura em seus agentes, afirmando que, se de um lado os materialistas focam seus estudos nos efeitos da cultura no comportamento, os construtivistas se concentraram nos efeitos provocados por esta nas identidades e nos interesses. Wendt desconstrói a premissa de que os interesses nunca são socialmente construídos ao apontar que afirmar tal premissa seria o mesmo que assumir que “as pessoas nascem com ou criam por si mesmas todos os seus interesses, seja para obter estabilidade, fazer guerra ou se casar com o namorado do ensino médio”¹⁴ (Wendt, 1999, p. 169-70, tradução nossa). Nesse sentido, a socialização seria um processo de formação de identidades e de interesses, pois ela é um processo de aprender a “conciliar o comportamento de alguém às expectativas sociais”¹⁵ (Wendt, 1999, p. 170, tradução nossa).

Contudo, a cultura não é o suficiente para determinar as crenças e os interesses de um agente, visto que as pessoas não se movem apenas com as forças externas, mas também por si mesmas. Nesse sentido, a argumentação do autor não se fundamenta na ideia de que a “cultura não ajuda a constituir o significado dos desejos e crenças de um agente, mas sim que os agentes têm um papel a desempenhar na explicação social que não pode ser reduzido à cultura”¹⁶ (Wendt, 1999, p. 181,

¹² Tradução livre do trecho em inglês: “the existence of cultural norms and corresponding behavior, without showing how norms get inside actors' heads to motivate actions” (Wendt, 1999, p. 134).

¹³ Tradução livre do trecho em inglês: “to the extent that interests are constituted by beliefs we can have more hope of changing them than we could if they simply reflected human nature” (Wendt, 1999, p. 134).

¹⁴ Tradução livre do trecho em inglês: “people are born with or make up entirely on their own all their interests, whether in getting tenure, making war, or marrying their high school sweetheart” (Wendt, 1999, p. 169-70).

¹⁵ Tradução livre do trecho em inglês: “to conform one's behavior to societal expectations” (Wendt, 1999, p. 170).

¹⁶ Tradução livre do trecho em inglês: “culture does not help constitute the meaning of an agent's desires and beliefs, but that agents have a role to play in social explanation which cannot be reduced to culture” (Wendt, 1999, p. 181).

tradução nossa). Para concluir tal argumentação, Wendt (1999, p. 186, tradução nossa) sustenta que “a estrutura existe, tem efeitos e evolui apenas por causa dos agentes e das suas práticas”¹⁷ e que o “os processos sociais são sempre estruturados, e as estruturas sociais estão sempre em processo”¹⁸.

Wendt (1999) afirma que em nossas análises sobre os Estados, deveríamos iniciar com a análise sobre a cultura, para então partirmos para o poder e os interesses, no lugar de apenas recorrer à cultura quando estes dois não forem suficientes. Para exemplificar a importância da cultura nas identidades e nos interesses de um país no contexto internacional, Wendt nos fornece uma exemplificação a partir das relações entre os Estados Unidos e a União Soviética no período da Guerra Fria. O autor aponta que

Uma vez que a formação cultural conhecida como a "Guerra Fria" estava em vigor, os EUA e os soviéticos tinham uma crença compartilhada de que eram inimigos, o que ajudou a constituir suas identidades e interesses em qualquer situação, sobre a qual, por sua vez, eles agiram de maneiras que confirmaram ao Outro que eram uma ameaça, reproduzindo a Guerra Fria.¹⁹ (Wendt, 1999, p. 187, tradução nossa)

Outro ponto importante da argumentação de Wendt (1999) discorre sobre as 5 propriedades comuns aos Estados: (1) uma ordem-institucional legal, (2) uma organização que reivindica o monopólio do uso legítimo da violência organizada, (3) uma organização com soberania, (4) uma sociedade e (5) um território. Apesar de serem propriedades amplamente conhecidas nas Relações Internacionais, elas podem causar divergências de definição. Por esse motivo, o autor (1999) discorre sobre cada uma delas.

Por ordem institucional-legal entende-se que as estruturas do Estado são estruturas de poder que regulam o comportamento dos sujeitos existentes e constituem quem esses sujeitos são (Wendt, 1999). Além disso, Wendt (1999) estabelece que existem complexos entre sociedade e Estado, que são capazes de variar seus graus de ação a depender das características da estrutura estatal. Dando continuidade à discussão, o monopólio do uso legítimo da violência organizada se

¹⁷ Tradução livre do trecho em inglês: “structure exists, has effects, and evolves only because of agents and their practices” (Wendt, 1999, p. 186).

¹⁸ Tradução livre do trecho em inglês: “social processes are always structured, and social structures are always in process” (Wendt, 1999, p. 186).

¹⁹ Tradução livre do trecho em inglês: “Once the cultural formation known as the ‘Cold War’ was in place, the US and Soviets had a shared belief that they were enemies which helped constitute their identities and interests in any given situation, which they in turn acted upon in ways that confirmed to the Other that they were a threat, reproducing the Cold War. (Wendt, 1999, p. 187)

refere (1) ao uso coordenado de forças mortais por um grupo e (2) a um controle central de todas as instituições de violência de um Estado, que envolve suas forças de manutenção tanto da segurança interna, como da internacional (Wendt, 1999).

A terceira propriedade, soberania, é entendida por Wendt como a capacidade de “ser reconhecido pela sociedade como tendo certos poderes, como tendo autoridade”²⁰ (1999, p. 207, tradução nossa). Aqui, podemos nos referir à soberania interna, que faz menção à divisão estatal em uma estrutura organizacional de autoridades unificadas e que trabalham conjuntamente; e à soberania externa, que presume a ausência de qualquer autoridade externa superior ao Estado (Wendt, 1999). A sociedade, quarta propriedade apontada pelo autor (Wendt, 1999), é mais difícil de ser definida, mas o autor indica dois fatores-chave para entendê-la: as pessoas possuem um conhecimento comum que as conduz a seguir a maioria das regras da sociedade na maior parte do tempo e uma sociedade possui fronteiras.

Por fim, temos o território como parte constituinte do Estado. Inclusive, Wendt (1999, p. 211, tradução nossa) diferencia a autoridade estatal de outras autoridades – como de igrejas ou de empresas – pois “nenhum desses é intrinsecamente territorial em caráter. A autoridade do Estado é”²¹. A partir dessa definição, Wendt sinaliza que “ser um estado não implica nenhum sistema político particular, nenhum modo particular de produção, reconhecimento por outros estados, nacionalismo ou soberania indivisível. [...] nem mesmo implica interesse próprio”²² (1999, p. 214, tradução nossa). As propriedades apontadas por ele apenas evidenciaram aspectos comuns a todas as discussões sobre como os Estados são construídos pelo sistema de Estado.

Após essa definição, Wendt (1999) discorre brevemente sobre as relações entre Estados e governos. Os Estados, assim como outros agentes corporativos, não podem ser observados, mas sim são uma junção de diversos indivíduos e seus comportamentos. Para o autor,

Indivíduos podem dizer que pertencem à mesma organização e se engajar em ações coletivas para provar isso, mas nunca vemos realmente o estado. O que vemos é, no máximo, governo, o agregado de indivíduos concretos

²⁰ Tradução livre do trecho em inglês: “being recognized by society as having certain powers, as having authority” (Wendt, 1999, p. 207).

²¹ Tradução livre do trecho em inglês: “neither of which is intrinsically territorial in character. State authority is” (Wendt, 1999, p. 211).

²² Tradução livre do trecho em inglês: “being a state does not imply any particular political system, any particular mode of production, recognition by other states, nationalism, or undivided sovereignty. [...] it even does not imply self-interest.” (Wendt, 1999, p. 214)

que fundamentam um estado em um dado momento. A ação do estado depende das ações desses indivíduos, já que as estruturas sociais só existem em virtude das práticas que as fundamentam.²³ (Wendt, 1999, p. 216, tradução nossa)

Contudo, apesar dessa relação estreita entre os indivíduos de um governo e as ações do Estado do qual eles fazem parte, não podemos meramente reduzir o Estado a um governo. Para Wendt (1999), os Estados são instituições que persistiram através do tempo, independentemente de mudanças geracionais ou de governos, devido a algumas propriedades que são quase que totalmente estáveis, como fronteiras, símbolos nacionais, interesses e política externa. Segundo o autor (Wendt, 1999, p. 217, tradução nossa), são essas propriedades contínuas que nos permitem “chamar cada governo nacional em Washington, DC, por 200 anos de um governo ‘dos EUA’”²⁴. De fato, os governos possuem papel essencial e guiam a ação estatal, mas, muitas vezes, eles multiplicam regularidades e práticas que ocorrem no nível macro, fazendo com que o Estado não possa ser reduzido à ação dos governos.

Analisando mais especificamente a identidade, o autor a define como “qualidade subjetiva ou de nível unitário”²⁵, uma vez que está enraizada na autocompreensão de um ator, mas, ao mesmo tempo, também possui uma “qualidade intersubjetiva ou sistêmica”²⁶, pois os significados de compreensão do ator dependem dos outros atores o enxergarem dessa mesma forma (Wendy, 1999, p. 224, tradução nossa). É o que Wendt nos exemplifica ao afirmar que “John pode pensar que é um professor, mas se essa crença não for compartilhada por seus alunos, sua identidade não funcionará na interação deles”²⁷ (1999, p. 224, tradução nossa). Dessa forma, as ideias sustentadas por Si mesmo – entendidas por Wendt como *self* – e as ideias sustentadas pelo Outro criam a identidade, sendo esta constituída, portanto, por estruturas internas e externas.

Outrossim, o que diferencia o ser humano de outros seres biológicos ou objetos é a sua capacidade de possuir consciência e memória – um senso – de Si mesmo,

²³ Tradução livre do trecho em inglês: “Individuals may say they belong to the same organization, and engage in collective action to prove it, but we never actually see the state. What we see is at most government, the aggregate of concrete individuals who instantiate a state at a given moment. State action depends on the actions of those individuals, since social structures only exist in virtue of the practices which instantiate them.” (Wendt, 1999, p. 216)

²⁴ Tradução livre do trecho em inglês: “call every national government in Washington, DC for 200 years a ‘US’ government” (Wendt, 1999, p. 217).

²⁵ Tradução livre do trecho em inglês: “subjective or unit-level quality” (Wendt, 1999, p. 224).

²⁶ Tradução livre do trecho em inglês: “intersubjective or systemic quality” (Wendt, 1999, p. 224).

²⁷ Tradução livre do trecho em inglês: “John may think he is a professor, but if that belief is not shared by his students then his identity will not work in their interaction” (Wendt, 1999, p. 224).

que se difere de suas atividades. Para Wendt, “isto é ainda mais verdadeiro para os estados, que nem sequer têm ‘corpos se os seus membros não tiverem uma narrativa conjunta de si próprios como atores corporativos”²⁸ (1999, p. 225). O autor também nos informa que identificou 4 tipos de identidades – pessoal ou corporativa, tipo, papel e coletiva –, que podem assumir diversas formas simultâneas em um mesmo ator – sendo este ator um indivíduo ou um Estado (Wendt, 1999).

Wendt nos aponta que os 4 tipos de identidades implicam, mas não podem ser reduzidas a interesses, pois

Identidades referem-se a quem ou o que os atores são. Elas designam tipos sociais ou estados de ser. Interesses referem-se ao que os atores querem. Eles designam motivações que ajudam a explicar o comportamento. [...] No entanto, identidades por si só não explicam a ação, já que ser não é a mesma coisa que querer [...]. Sem interesses, identidades não têm força motivacional, sem identidades, interesses não têm direção.²⁹ (Wendt, 1999, p. 231, tradução nossa)

Por meio dessa relação de interdependência entre as identidades e os interesses, Wendt (1999) nos aponta que em toda explicação sobre interesse sempre haverá suposições implícitas sobre identidade e vice-versa. Avançando em sua argumentação, o autor nos afirma que existem dois tipos de interesses: objetivos e subjetivos. Os interesses objetivos são “necessidades ou imperativos funcionais que devem ser satisfeitos para que uma identidade seja reproduzida”³⁰ pois, caso eles não sejam alcançados, as identidades apoiadas por eles não sobreviverão (Wendt, 1999, p. 231-2, tradução nossa). Diferentemente, os interesses subjetivos são as crenças que os atores possuem sobre como satisfazer suas necessidades identitárias e as motivações para o comportamento.

Apesar da dificuldade de dizer o conteúdo dos interesses estatais, Wendt afirma que os Estados “compartilham propriedades essenciais em virtude de sua identidade corporativa como estados”³¹ e aponta quais são os interesses nacionais universais, que predisõem as ações dos Estados (Wendt, 1999, p. 233, tradução

²⁸ Tradução livre do trecho em inglês: “this is still more true of states, which do not even have ‘bodies’ if their members have no joint narrative of themselves as a corporate actor” (Wendt, 1999, p. 225).

²⁹ Tradução livre do trecho em inglês: “Identities refer to who or what actors are. They designate social kinds or states of being. Interests refer to what actors want. They designate motivations that help explain behavior. [...] However, identities by themselves do not explain action, since being is not the same thing as wanting [...]. Without interests identities have no motivational force, without identities interests have no direction.” (Wendt, 1999, p. 231)

³⁰ Tradução livre do trecho em inglês: “needs or functional imperatives which must be fulfilled if an identity is to be reproduced” (Wendt, 1999, p. 231-2).

³¹ Tradução livre do trecho em inglês: “share essential properties in virtue of their corporate identity as states” (Wendt, 1999, p. 233).

nossa). Esses interesses comuns são: sobrevivência física do território e de parte da sociedade de um Estado, autonomia para controlar suas alocações de recursos e escolhas de governo, bem-estar econômico e autoestima coletiva (Wendt, 1999). Tais interesses são relevantes para a nossa discussão pois são

necessidades que devem ser atendidas para que os complexos estado-sociedade sejam seguros e, como tal, estabelecem limites objetivos sobre o que os estados podem fazer em suas políticas externas. Eles podem ocasionalmente ter implicações contraditórias que exigem priorização, mas, a longo prazo, todos os quatro devem ser satisfeitos. Estados que não o fizerem tenderão a morrer.³² (Wendt, 1999, p. 237, tradução nossa)

Wendt (1999) alcança, então, um ponto-chave de sua desconstrução da lógica Realista. De fato, podemos afirmar que, em grande parte do tempo, os Estados são guiados apenas por seus interesses próprios, como diriam os realistas. Contudo, a grande questão não é “se os estados são egoístas às vezes, ou mesmo na maioria das vezes, mas se o são por natureza”³³ (Wendt, 1999, p. 239, tradução nossa). Se dissermos que os Estados são guiados por seus interesses próprios por natureza, então entenderemos o interesse próprio como uma característica natural dos Estados para análise de suas implicações comportamentais; porém, se entendermos que a grande relevância dos interesses próprios se dá por uma construção social, o processo de formação de tais interesses se torna uma prioridade da análise (Wendt, 1999).

Além disso, o conceito de interesse próprio pode trazer inúmeras contradições e faz-se necessário defini-lo. Para Wendt (1999, p. 239, tradução nossa), uma grande confusão ocorre quando utilizamos o interesse próprio como equivalente a dizer que um ator agiu de tal maneira porque essa maneira era de seu interesse, pois “isso implica que o interesse próprio é tudo aquilo em que o Eu está interessado, o que retira do conceito qualquer poder explicativo”³⁴. A partir dessa desconstrução, o autor afirma que “todo comportamento é ‘interessado’ no sentido de que se espera que tenha algum benefício percebido para o Eu; as pessoas raramente fazem coisas que

³² Tradução livre do trecho em inglês: “needs that must be met if state-society complexes are to be secure, and as such they set objective limits on what states can do in their foreign policies. They may on occasion have contradictory implications that require prioritization, but in the long run all four must be satisfied. States that do not will tend to die out.” (Wendt, 1999, p. 237)

³³ Tradução livre do trecho em inglês: “whether states are self-interested sometimes, or even most of the time, but whether they are by nature” (Wendt, 1999, p. 239).

³⁴ Tradução livre do trecho em inglês: “this implies that self-interest is whatever the Self is interested in, which strips the concept of any explanatory power” (Wendt, 1999, p. 239).

acham que terão um impacto negativo em sua utilidade líquida”³⁵ e que a ideia de que os Estados agem guiados por seus interesses próprios não nos diz nada sobre o conteúdo de tais interesses (Wendt, 1999, p. 239, tradução nossa). Dessa forma, o “interesse próprio não é uma propriedade intrínseca dos atores, como ter olhos azuis [...], mas uma crença contingente sobre como satisfazer necessidades que é ativada em relação a situações específicas e Outros, e como tal é culturalmente constituída”³⁶ (Wendt, 1999, p. 240, tradução nossa).

Wendt (1999) faz uma ressalva, contudo, sobre a conexão entre os interesses próprios e a relação com o Outro. Ao buscar o alcance de seus objetivos próprios, um Estado não necessariamente se recusará a cooperar ou ajudar outros, pois os interesses próprios falam sobre motivação e não sobre comportamento em si. Dessa forma, o caminho está entre encontrar um meio termo entre a ideia de que nada no Estado é construído pelo sistema internacional e a ideia de que tudo é, entendendo que algumas características são próprias do Estado e outras derivam de sua relação com o Outro.

Para sintetizar, o pensamento de Wendt (1999) defende a ideia de que as ideias são partes importantes do sistema internacional, uma vez que constituem o poder, os interesses e as instituições. Contudo, isso não significa que a estrutura do sistema internacional deva ser ignorada, mas sim que ela não é suficiente para explicar as motivações e o comportamento dos Estados. Dessa forma, as ideias e aspirações de um Estado constroem seus interesses que, por sua vez, constroem suas identidades através da motivação de seu comportamento e do relacionar-se com os outros Estados no sistema internacional. Tais identidades são reconhecidas por si mesmo e devem ser reconhecidas pelos outros Estados para que possam se perpetuar.

Podemos dizer que a partir da lógica construtivista, os Estados não são totalmente dependentes da estrutura internacional. Dessa forma, possuem maior poder de decisão e, conseqüentemente, de ação, a partir de suas crenças e interesses e, portanto, de suas identidades. Tais crenças, interesses e identidades moldam sua ação a partir de suas características próprias, diferentemente das lógicas

³⁵ Tradução livre do trecho em inglês: “all behavior is ‘interested’ in the sense that it is expected to have some perceived benefit for the Self; people rarely do things which they think will have a negative impact on their net utility” (Wendt, 1999, p. 239).

³⁶ Tradução livre do trecho em inglês: “self-interest is not an intrinsic property of actors, like having blue eyes [...], but a contingent belief about how to meet needs that gets activated in relation to specific situations and Others, and as such it is culturally constituted” (Wendt, 1999, p. 240).

(neo)Realista ou (neo)Liberal, nas quais o poder de decisão do Estado está pautado nos aspectos centrais das teorias: a busca pelo poder e a cooperação, respectivamente, em uma estrutura internacional anárquica e definidora das ações dos Estados de acordo com sua posição de poder no sistema.

1.2 CONCEITOS UTILIZADOS

Nesta subseção do trabalho, abordaremos os conceitos necessários à compreensão do nosso objeto de análise. Para isso, foram selecionados os seguintes conceitos: *soft power* (Nye, 2008) e seu “binário oposto” *soft disempowerment* (Brannagan; Giulianotti, 2014, p. 3), diplomacia esportiva (Murray, 2012), megaeventos esportivos (Roche, 2000; Müller, 2015) e *sportswashing* (Akhundova, 2015; Jiménez-Martínez, Skey, 2018; Lenskyj, 2020). A utilização desses conceitos junto à Teoria Construtivista de Wendt (1999) de Relações Internacionais nos possibilitarão um entendimento mais amplo do tema escolhido.

Joseph S. Nye Jr. utilizou o termo *soft power* pela primeira vez em 1990 em seu livro *Bound to Lead: The Changing Nature Of American Power* (Søyland, 2020). Para referência neste trabalho, adotou-se um dos escritos de Nye mais modernos e mais utilizados academicamente: o artigo *Public Diplomacy and Soft Power*, publicado na *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, em 2008. Nye (2008, p. 94, tradução nossa) define o poder como a “capacidade de afetar os outros para obter os resultados que você deseja”³⁷ e um Estado pode alcançar esse poder por meio de coerção e pagamentos – as chamadas armas militares e econômicas ou *hard power* – ou por meio da atração. Um país consegue atrair outros quando esses outros países “querem segui-lo, admirando seus valores, imitando seu exemplo e/ou aspirando ao seu nível de prosperidade e abertura”³⁸ (Nye, 2008, p. 94, tradução nossa). Dessa forma, com a adoção do *soft power*, o país utiliza mais a cooptação do que a coerção para atrair os outros.

Nye compara o *soft power* à sedução utilizada por indivíduos como forma de atração, sobretudo por líderes políticos, que buscam se portar como pessoas com

³⁷ Tradução livre do trecho em inglês: “ability to affect others to obtain the outcomes you want.” (Nye, 2008, p. 94).

³⁸ Tradução livre do trecho em inglês: “want to follow it, admiring its values, emulating its example, and/or aspiring to its level of prosperity and openness” (Nye, 2008, p. 94).

uma personalidade atrativa ao seu público, visando atingir um alto nível de satisfação deste. Da mesma forma, os Estados que possuem a habilidade de estabelecer preferências no contexto internacional tendem a ser associados aos recursos que produzem *soft power*, os chamados “aspectos intangíveis”, tais como cultura, valores políticos expressados, instituições políticas e políticas públicas que trazem autoridade moral (Nye, 2008).

Além disso, Nye aponta que o *soft power* é uma fonte de influência, não a influência em si. Isso ocorre, pois, a influência exercida por um país é o conjunto do *hard power* – ameaças militares e pagamentos econômicos – com o *soft power* – poder atrativo, em termos comportamentais, ou atração pela autoridade (Nye, 2008). Dessa forma, podemos dizer que o *soft power* é um dos meios utilizados pelo Estado para alcance de seu poder e influência sobre os outros países, ou seja, *soft power* é um meio para um fim.

O *soft power* de um país, de acordo com o autor (Nye, 2008), é construído a partir de quatro fontes de recursos: sua cultura, dividida em alta cultura e cultura popular; seus valores políticos e sua política externa. Conforme mencionado brevemente, as fontes de cultura de um país utilizadas para atrair o público internacional é a alta cultura, que se refere à chamada cultura de elites – arte, literatura e educação – e a cultura popular, cujo foco está no entretenimento de massa e na propaganda – um grande exemplo de aplicação da cultura popular foram os esforços aplicados pelos países no contexto da Primeira Guerra Mundial para difusão de seus motivos, com o estabelecimento de escritórios próprios para propaganda (Nye, 2008). Nessa discussão sobre a cultura e o *soft power*, Brannagan e Giulianotti (2014, p. 4, tradução nossa) apontam que, no contexto global atual, “a cultura representa um campo fundamental para a busca e o exercício do *soft power*, nomeadamente através do esporte, das artes, da educação e dos meios de comunicação social”³⁹.

Quanto aos valores políticos e à política externa de um país, Nye (2008) aponta que são recursos utilizados tanto no contexto doméstico como no contexto internacional e auxiliam na construção da legitimidade e da autoridade moral de um país. Outrossim, na aplicação de tais recursos de *soft power*, o Estado apoia-se em referências que validam suas ações e potencializam sua credibilidade e legitimidade, como outros governos, mídia, Organizações Não-Governamentais (ONGs) e

³⁹ Tradução livre do trecho em inglês: “culture represents a key field for the pursuit and exercise of soft power, notably through sport, the arts, education and media” (Brannagan e Giulianotti, 2014, p. 4).

Organizações Intergovernamentais (OIs). Dessa forma, os recursos do *soft power* são reforçados e expandidos a partir das percepções dessas referências.

Contudo, Brannagan e Giulianotti (2014) apresentam uma contribuição importante ao estudo sobre o *soft power*. Em seu artigo *Soft power and soft disempowerment: Qatar, global sport and football's 2022 World Cup finals*, publicado na revista *Leisure Studies* em 2014, os autores introduzem o conceito de *soft disempowerment* apresentando-o como um “binário oposto”, um outro lado da moeda, ao conceito de *soft power* (Brannagan e Giulianotti, 2014, p. 3).

Para os autores, em toda tentativa de acumular *soft power*, sempre há a possibilidade do *soft disempowerment*, que pode ser definido como as

ocasiões em que você pode aborrecer, ofender ou alienar outros, levando a uma perda de atratividade ou influência. O conceito de soft disempowerment garante que devemos ir além de pensar apenas em como o soft power é acumulado positivamente; em vez disso, este termo nos permite examinar como as ações sociais podem ter resultados positivos e negativos que são empoderadores e desempoderadores, respectivamente.⁴⁰ (Brannagan e Giulianotti, 2014, p. 3, tradução nossa)

Dessa forma, se por um lado um país pode adotar estratégias com o objetivo de aumentar seu *soft power* e seu poder de atração de outros países, tais estratégias podem se tornar negativas a partir do risco reputacional que carregam. Isso ocorre porque, quando um país se coloca em evidência no cenário internacional, a atenção destinada a ele requer que o país esteja preparado e saiba como se portar perante as críticas que podem vir dos mais diversos atores, como a mídia e organizações internacionais. Do contrário, conforme apontado por Brannagan e Giulianotti (2014), caso o país esteja despreparado para enfrentar o risco reputacional e as possíveis críticas, sua estratégia de aumentar seu poder de atração internacional se tornará nociva, reduzindo, assim, a credibilidade do país.

O próximo conceito utilizado é a principal base deste trabalho: a diplomacia esportiva. Stuart Murray, o grande expoente do tema, utilizou o conceito pela primeira vez em seu artigo *The Two Halves of Sports-Diplomacy*, publicado na revista *Diplomacy & Statecraft* em 2012. Em 2018, Murray desenvolveu um livro sobre o tema,

⁴⁰ Tradução livre do trecho em inglês: “occasions in which you may upset, offend or alienate others, leading to a loss of attractiveness or influence. The concept of soft disempowerment ensures that we should move beyond thinking only of how soft power is positively accumulated; instead, this term enables us to examine how social actions may have positive and negative outcomes that are empowering and disempowering respectively” (Brannagan e Giulianotti, 2014, p. 3).

intitulado *Sports Diplomacy: Origins, Theory and Practice*, no qual ele descreve a evolução da diplomacia esportiva ao longo da história e evidencia suas qualidades e limitações, bem como aborda seu aspecto negativo. Estes dois escritos de Murray foram utilizados na definição de tal conceito.

Segundo Murray (2012), a relação entre política, diplomacia e esportes não surgiu no século XXI. Pelo contrato, é uma relação estreita que pode ser observada desde as Olimpíadas Antigas, realizadas na Grécia, que permitiam uma trégua aos fãs e competidores durante os Jogos mesmo em um contexto de conflitos constantes e acalorados. Ao longo da história, não nos faltam exemplos de momentos nos quais o esporte foi utilizado como uma ferramenta punitiva, uma forma de boicote ou um instrumento para aproximação de países inimigos: durante o Apartheid, a África do Sul se viu proibida de competir em diversas competições internacionais; durante a Guerra Fria, os Estados Unidos boicotaram os Jogos Olímpicos de Moscou em 1980, enquanto a União Soviética e 13 Estados-satélites se recusaram a participar dos Jogos Olímpicos de Los Angeles quatro anos depois; e houve uma grande aproximação entre os rivais históricos Japão e Coreia do Sul na Copa do Mundo FIFA de 2002, quando os dois países dividiram pela primeira vez o papel de sede da competição (Murray, 2012).

Antes de analisarmos o conceito de diplomacia esportiva, entretanto, faz-se necessário discorrermos sobre o conceito de diplomacia e de esporte. O conceito de Bull (2002, p. 156, tradução nossa) sobre diplomacia, amplamente utilizado nas Relações Internacionais e adotado neste trabalho, a define como a “condução de relações entre Estados e outras entidades com posicionamento na política mundial por agentes oficiais e por meios pacíficos”⁴¹. A contribuição de Murray ao tema adiciona que “enquanto a política externa diz respeito aos fins de um Estado, a prática da diplomacia é o meio para alcançá-los”⁴² e que as bases da diplomacia são “representar, promover e avançar os valores e interesses essenciais de uma nação”⁴³ (Murray, 2012, p. 578, tradução nossa).

Por outro lado, o conceito de esporte é mais difícil de ser colocado em poucas

⁴¹ Tradução livre do trecho em inglês: “conduct of relations between states and other entities with standing in world politics by official agents and by peaceful means” (Bull, 2002, p. 156).

⁴² Tradução livre do trecho em inglês: “where foreign policy concerns a state’s ends, the practice of diplomacy is the means to achieve them” (Murray, 2012, p. 578).

⁴³ Tradução livre do trecho em inglês: “to represent, promote and advance a nation’s core values and interests” (Murray, 2012, p. 578)

palavras, uma vez que é amplo e aborda diversos aspectos, como educação física, recreação, competição, modalidades esportivas, esporte profissional ou de elite, e esporte amador. Uma vez que as definições de esportes podem ser inúmeras, Sands (2010) as compara com as definições de cultura, que variam de acordo com o autor e a teoria utilizada. Buscando encontrar uma forma comum e mais facilmente aceita, o autor define o esporte como “uma forma de competição, com vencedores e perdedores, geralmente limitada a uma expressão física, moldada por regras e com conquistas premiadas com alguma recompensa de valor socialmente aceito”⁴⁴ (Sands, 2010, p. 14, tradução nossa). Tal forma de competição, também observado pelo autor, indica uma universalidade que transcende as especificidades culturais.

Em um capítulo publicado no livro *The global politics of sport: The role of global institutions in sport*, Alisson e Monnington (2005) elaboram uma análise política do esporte moderno, que destaca sua essência e sua dimensão internacional, bem como sua autonomia conquistada a partir do desenvolvimento de organizações internacionais, como a Federação Internacional de Futebol (FIFA, do francês Fédération Internationale de Football Association) e o Comitê Olímpico Internacional (COI).

Após breve discussão sobre o conceito de esporte, retornamos à diplomacia para entendermos algumas de suas transformações ao longo do tempo sob a ótica de Murray (2012). O autor defende que a partir da metade do século XVII, a diplomacia tem cumprido o papel de instituição vanguardista na condução da política internacional e que tal esfera da atuação estatal esteve sob monopólio da diplomacia e dos Ministérios de Relações Exteriores até o fim da Guerra Fria. Contudo, no contexto internacional pós-Guerra Fria, com o avanço das discussões sobre mudanças climáticas, o combate ao terrorismo e as diversas crises financeiras, novos atores diplomáticos surgiram no contexto internacional, como as organizações da sociedade civil, as corporações multinacionais, as organizações intergovernamentais (OIs), as organizações não-governamentais (ONGs) e, até mesmo, celebridades influentes.

Nesse contexto, o surgimento de novos atores colocou em xeque a legitimidade da diplomacia e seu papel de solucionar os problemas enfrentados pelo Estado. Nas palavras do autor, “onde o estado e os seus diplomatas fracassaram, os atores não

⁴⁴ Tradução livre do trecho em inglês: “a form of competition, with winners and losers, usually limited to a physical expression, molded by rules and with achievement awarded with some reward of socially accepted value” (Sands, 2010, p. 14).

estatais intervieram e proliferaram, preenchendo habilmente o vácuo parcial de responsabilidade deixado pelo estado”⁴⁵ (Murray, 2012, p. 579, tradução nossa).

Segundo Murray (2012), nesse ambiente que se tornou hostil à diplomacia tradicional e dada a evolução do sistema internacional, as instituições diplomáticas enfrentaram uma escolha: ou a reforma e a inovação das instituições, ou a irrelevância e sua eventual extinção. Frente a tal decisão, diversos diplomatas e Ministérios de Relações Exteriores passaram por reformas que trouxeram avanços, como o aumento da presença de mulheres, a adoção de novos temas às discussões – migração, por exemplo –, e o uso de novas formas de conduzir a diplomacia, como o uso da internet e dos meios de comunicação. Essas reformas de seus sistemas de administração pública fizeram surgir a “diplomacia pública”, caracterizada pelo envolvimento de diversos públicos na diplomacia dentro e fora do Estado, inclusive públicos não-estatais. Para Murray (2018, p. 92, tradução nossa) “compreender a diplomacia no século XXI não é pensar nela num sentido binário, de ou/ou, de Estado versus não-Estado, mas sim de uma forma plural”⁴⁶.

Nesse sentido, Murray afirma que a diplomacia esportiva é uma das “formas híbridas de diplomacia”⁴⁷ que se desenvolveram a partir desse contexto, ou seja, está “sob o amplo guarda-chuva da diplomacia pública”⁴⁸ (Murray, 2012, p. 580-1, tradução nossa)⁴⁹. Para o autor, a diplomacia esportiva

Envolve atividades representativas e diplomáticas realizadas por esportistas em nome e em conjunto com seus governos. Facilitada pela diplomacia tradicional, essa prática usa esportistas e eventos esportivos para engajar, informar e criar uma imagem favorável entre públicos e organizações estrangeiras para moldar suas percepções de uma forma que seja mais

⁴⁵ Tradução livre do trecho em inglês: “where the state and its diplomats have floundered, non-state actors have stepped in and proliferated, neatly filling the partial vacuum of responsibility left by the state” (Murray, 2012, p. 579).

⁴⁶ Tradução livre do trecho em inglês: “to understand diplomacy in the twenty-first century is not to think of it in a binary, either/or, state versus non-state sense but in a plural manner” (Murray, 2018, p. 92).

⁴⁷ Tradução livre do trecho em inglês: “hybrid forms of diplomacy” (Murray, 2012, p. 580).

⁴⁸ Tradução livre do trecho em inglês: “under the wide umbrella of public diplomacy” (Murray, 2012, p. 580).

⁴⁹ Em seu livro *Sports Diplomacy: Origins, Theory and Practice* (2018), Murray defende que a Diplomacia Esportiva não surgiu somente neste contexto pós-Guerra Fria, mas sim que ela já era utilizada pelos Estados ao longo do século XX, com é o caso do Jogos Olímpicos de Berlim de 1936. Contudo, essa diplomacia esportiva é chamada pelo autor de tradicional e possui características distintas daquelas observadas no contexto pós-Guerra Fria. Neste trabalho, nosso foco será a “nova” diplomacia esportiva apresentada por Murray, que surgiu entre a década de 1990 e o início do século XXI.

propícia para atingir as metas de política externa de um governo.⁵⁰ (Murray, 2012, p. 581, tradução nossa)

Assim como as outras formas de diplomacia que surgiram na década de 1990 e ganharam força durante o século XXI, a diplomacia esportiva é umas das “ferramentas potentes de *soft power* que são cada vez mais vitais para a imagem, reputação e, em última análise, sucesso da política externa de um Estado”⁵¹ (Murray, 2018, p. 93, tradução nossa). Dessa forma, o esporte é um dos meios escolhidos pelos Estados com o objetivo de aumentar sua atratividade perante os outros países através do *soft power*, uma vez que não segue os tradicionais aspectos militares e econômicos da diplomacia. Sobre este tema, Murray afirma, ainda, que

Em um contexto de *soft power*, esporte, música e arte não são mais áreas de águas estagnadas abaixo dos governos. Essas ferramentas essencialmente humanas, universais e diplomáticas são cada vez mais vitais para demonstrar cortesia entre as chamadas nações, estados e pessoas distintas, unindo-as por meio de laços, buscas e línguas universais esquecidas comuns.⁵² (Murray, 2018, p. 126, tradução nossa)

Outrossim, Murray (2018) observa que diversos governos estão utilizando a diplomacia esportiva como estratégia para alcance de seus objetivos. Alguns dos motivos apontados pelo autor para explicar o aumento da presença dessa nova forma de diplomacia no contexto internacional são: a diplomacia esportiva é uma prova positiva de que os Ministérios de Relações Exteriores são capazes de inovar, adaptar, reformar suas práticas e manterem-se relevantes; a diplomacia esportiva complementa a diplomacia pública de um Estado e suas agendas de desenvolvimento; o aspecto prático da diplomacia esportiva, que costuma trazer poucos riscos e, por isso, se mostra uma ferramenta versátil para a diplomacia; e, por fim, a diplomacia esportiva ultrapassa as fronteiras do Estado, uma vez que o esporte é uma linguagem ancestral e universal, que não necessita de palavras (Murray, 2018).

Murray (2018) também aponta que a diplomacia esportiva pode ser utilizada

⁵⁰ Tradução livre do trecho em inglês: “It involves representative and diplomatic activities undertaken by sports people on behalf of and in conjunction with their governments. Facilitated by traditional diplomacy, this practice uses sports people and sporting events to engage, inform, and create a favourable image amongst foreign publics and organisations to shape their perceptions in a way that is more conducive to achieving a government’s foreign policy goals.” (Murray, 2012, p. 581).

⁵¹ Tradução livre do trecho em inglês: “potent soft power tools that are increasingly vital to a state’s foreign policy image, reputation and, ultimately, success” (Murray, 2018, p. 93).

⁵² Tradução livre do trecho em inglês: “In a soft power context, sport, music and art are no longer backwater areas below governments. These essentially human, universal and diplomatic tools are increasingly vital in demonstrating comity between so-called nations, states and people, uniting them through common bonds, pursuits and forgotten universal languages.” (Murray, 2018, p. 126).

como a expressão da cultura de uma nação, caso o país tenha o esporte como um aspecto significativo de sua identidade. Nesse sentido, o esporte internacional pode ser utilizado para projetar a cultura nacional ao mundo, como é o caso das grandes cerimônias de abertura e de encerramento de megaeventos esportivos – discutiremos sobre esse conceito adiante. Além disso, o esporte internacional possibilita a demonstração da superioridade de uma nação de várias formas e os governos estão conscientes da audiência e do alcance do esporte e dos festivais esportivos (Murray, 2012).

Contudo, Murray (2012) nos chama atenção ao afirmar que, apesar desses benefícios da diplomacia esportiva, é importante analisar teoricamente as práticas que a envolvem, se estas respeitam e entendem o lugar especial que o esporte possui em grande parte do público mundial ou se apenas evidenciam os aspectos negativos do esporte. O autor afirma que, para muitas pessoas, o esporte não se encontra acima ou abaixo dos governos, mas sim “está além deles e, sem dúvida, deveria ser deixado puro, inexplorado e não contaminado pelos elementos corruptos e divisíveis da política e da diplomacia”⁵³ (Murray, 2012, p. 585, tradução nossa).

Nesse sentido, tanto em seu artigo *The Two Halves of Sports-Diplomacy* (2012), como em seu livro *Sports Diplomacy: Origins, Theory and Practice* (2018), Murray destaca, de um lado, as limitações da diplomacia esportiva e, de outro, o aspecto negativo que os governos podem aferir a ela, uma vez que esta pode ser moldada de acordo com as estratégias dos Estados. Sobre as limitações da diplomacia esportiva, Murray (2018) nos aponta que: as estratégias de *soft power*, como a diplomacia esportiva, não são tão importantes quanto o *hard power* e a diplomacia tradicional; as práticas governamentais de utilização da diplomacia esportiva podem ser acusadas de desonestidade e *sportswashing* – discutiremos sobre esse ponto adiante; a capacidade da diplomacia esportiva de alterar o comportamento de um Estado é limitada; e as estratégias de diplomacia esportiva podem não alcançar os resultados esperados e trazerem prejuízos.

Sobre o lado negativo da diplomacia esportiva, o autor provoca uma maior discussão. Em seu escrito inicial (Murray, 2012), questiona a contradição entre a diplomacia e o esporte: de um lado, a diplomacia como forma de “condução das

⁵³ Tradução livre do trecho em inglês: “it is beyond them and, arguably, should be left, pure, untapped, and untainted by the corrupt and divisive elements of politics and diplomacy” (Murray, 2012, p. 585).

relações entre os estados”⁵⁴ (Bull, 2002, p. 156, tradução nossa) existe em um contexto internacional competitivo para buscar a paz entre os Estados; por outro lado, apesar de todas as variáveis existentes na definição do conceito de esporte, a sua essência, que perdura desde a Grécia antiga até os dias atuais, “é inconfundível: regras, atividade física, competição e, de preferência, vitória”⁵⁵ (Murray, 2012, p. 586, tradução nossa). Dessa forma, o aspecto competitivo do esporte é colocado como uma contradição à diplomacia como forma de alcançar a paz.

Outro ponto apontado por Murray (2018) é a comparação entre o esporte internacional e o sistema internacional anárquico. Dessa forma, o autor afirma que, assim como os Estados, os atletas esportivos “existem num reino anárquico e competitivo e muitas vezes cruzam linhas morais, éticas e legais para ‘ganhar’”⁵⁶ e que existe um “lado Hobbesiano” da diplomacia esportiva, que pode ser, ao mesmo tempo, “bom e mau, público e secreto, brilhante e terrível, moral e amoral”⁵⁷ (Murray, 2018, p. 205, tradução nossa).

O autor chama de “antidiplomacia esportiva” (Murray, 2018, p. 206) esse lado negativo da utilização do esporte nas Relações Internacionais, que pode ser observado nos atentados terroristas que acontecem em eventos esportivos, na trapaça de um atleta olímpico na busca por uma medalha e no aproveitamento do esporte por presidentes que desejam desestabilizar seus adversários. Nesse sentido, o autor afirma que

O caráter ideal da diplomacia e do esporte, em outras palavras, é frequentemente manchado e integrado pela grande e medonha máquina política. A antidiplomacia esportiva destrói em vez de construir boas relações, aumenta o isolamento e o distanciamento e representa um tipo de comportamento arcaico e incivilizado. É a antítese do uso da diplomacia esportiva como uma força positiva.⁵⁸ (Murray, 2018, p. 207, tradução nossa)

Ao longo da história, não faltam exemplos de situações nas quais o esporte foi

⁵⁴ Tradução livre do trecho em inglês: “conduct of relations between states” (Bull, 2002, p. 156).

⁵⁵ Tradução livre do trecho em inglês: “is unmistakable: rules, physical activity, competition and, preferably, winning” (Murray, 2012, p. 586).

⁵⁶ Tradução livre do trecho em inglês: “exist in an anarchic, competitive realm and will often cross moral, ethical and legal lines in order to ‘win’” (Murray, 2018, p. 205).

⁵⁷ Tradução livre do trecho em inglês: “good and bad, public and secret, brilliant and awful, moral and amoral” (Murray, 2018, p. 205).

⁵⁸ Tradução livre do trecho em inglês: “The ideal character of diplomacy and sport, in other words, is often tarnished by, and subsumed, under, the great, ghastly political machine. Sports anti-diplomacy tears down rather than builds good relations, increases isolation and estrangement, and represents an archaic, uncivilised type of behaviour. It is the antithesis of using sports diplomacy as a positive force.” (Murray, 2018, p. 207).

apenas utilizado como “meios para fins nacionais”⁵⁹ (Murray, 2018, p. 207, tradução nossa). Seja no caso das Copas do Mundo FIFA de 1934 e 1938, vencidas pela Itália de Mussolini, ou da Copa do Mundo FIFA de 1978, realizada em meio à última ditadura cívico-militar da Argentina, Murray afirma que “os políticos ditatoriais não têm qualquer interesse na noção de diplomacia esportiva como uma ferramenta para superar o distanciamento internacional”⁶⁰ e que o esporte – nesses casos, o futebol – pode ser utilizado como “um meio de reforçar a legitimidade interna e solidificar alianças internacionais com regimes igualmente fétidos”⁶¹ (Murray, 2018, p. 209, tradução nossa).

Ainda em sua discussão sobre a antidiplomacia esportiva, Murray (2018) relembra o caso de doping dos Comitês Olímpico e Paralímpico Russos nos Jogos Olímpicos do Rio, em 2016. Na ocasião, uma investigação encabeçada pela Agência Mundial de Antidoping descobriu e publicizou um grande esquema de doping conduzido pela Autoridade Russa de Antidoping. Por consequência, o Comitê Olímpico Internacional banuiu 118 de 389 atletas russos de participarem das Olimpíadas e o Comitê Paralímpico Internacional proibiu o Estado russo de enviar atletas aos Jogos Paralímpicos (Murray, 2018). Contudo, o autor aponta que, apesar da punição, os Estados frequentemente continuam abusando do esporte ou dos atletas para benefícios nacionais e mantém uma postura pessimista sobre esses casos de antidiplomacia esportiva, pois a Agência Mundial Antidoping e o Comitê Olímpico Internacional

são incapazes de punir severamente os Estados que toleram e praticam o doping. Eles têm autoridade moral, não poder legal, soberano ou jurisdicional. Como tal, o estado infrator recebe um tapa no pulso, alguma má publicidade e é instruído a ficar de fora de alguns jogos. Doping e trapaça, portanto, tornam-se aspectos normativos do esporte internacional. Punições brandas e ineficazes também confirmam que nas Relações Internacionais não há poder acima do Estado.⁶² (Murray, 2018, p. 214, tradução nossa)

Nesse sentido, se a diplomacia esportiva será benéfica ou prejudicial ao

⁵⁹ Tradução livre do trecho em inglês: “means to national ends” (Murray, 2018, p. 207).

⁶⁰ Tradução livre do trecho em inglês: “dictatorial politicians have no interest whatsoever in the notion of sports diplomacy as a tool to overcome international estrangement” (Murray, 2018, p. 209).

⁶¹ Tradução livre do trecho em inglês: “a means to bolstering domestic legitimacy and solidifying international alliances with similarly malodorous regimes” (Murray, 2018, p. 209).

⁶² Tradução livre do trecho em inglês: “are unable to severely punish states that condone and practice doping. They have moral authority, not legal, sovereign or jurisdictional power. As such, the offending state gets a slap on the wrist, some bad press, and is told to sit out a few games. Doping and cheating, thus become normative aspects of international sport. Meek, ineffective punishments also confirm that in international relations there is no power above the state.” (Murray, 2018, p. 214).

sistema internacional como um todo e ao ideário pacífico do esporte, apenas a postura estatal e suas estratégias poderão nos confirmar. Seja como meio de promoção nacional no sistema internacional ou apenas de alcance da legitimidade doméstica necessária para manutenção de regimes antidemocráticos, a diplomacia esportiva continuará sendo uma dentre as ferramentas à disposição do Estado para alcance de seus objetivos.

Uma das aplicações mais conhecida da diplomacia esportiva ocorre quando um Estado busca sediar megaeventos – mais especificamente, megaeventos esportivos. Este é o próximo conceito que abordaremos nesse capítulo. A literatura aponta-nos diversas definições do que viriam a ser tais eventos, mas optamos pela definição de Maurice Roche em seu livro *Mega-events and Modernity: Olympics and expos in the growth of global culture* (2000) e pela complementação fornecida por Martin Müller em seu artigo *What makes an event a mega-event? Definitions and sizes* (2015), publicado na revista *Leisure Studies*.

Nas palavras de Roche (2000, p. 1), megaeventos são “eventos culturais (incluindo comerciais e desportivos) de grande escala, que têm um carácter dramático, apelo popular de massa e significado internacional”⁶³. No livro, ele determina os dois principais eventos dessa classificação, as conhecidas Feiras Mundiais (Expos) e os Jogos Olímpicos, afirmando que tais eventos “contribuíram para o significado e desenvolvimento da ‘cultura pública’, da ‘cidadania cultural’ e da ‘inclusão/exclusão cultural’ nas sociedades modernas, tanto a nível nacional como internacional”⁶⁴ (Roche, 2000, p. 1, tradução nossa).

Roche também sinaliza que as Expos e os Jogos Olímpicos são apenas os exemplos mais visíveis e espetaculares dos eventos culturais nas sociedades modernas. Ele aponta que a categoria das Expos mundiais resultou na criação de diversos “herdeiros contemporâneos”⁶⁵, que são as feiras internacionais especializadas de diversas tecnologias e indústrias, como carros e computadores (Roche, 2000, p. 3, tradução nossa). Similarmente, os herdeiros contemporâneos dos Jogos Olímpicos são as competições mundiais esportivas, como os campeonatos de

⁶³ Tradução livre do trecho em inglês: “large-scale cultural (including commercial and sporting) events which have a dramatic character, mass popular appeal and international significance” (Roche, 2000, p. 1).

⁶⁴ Tradução livre do trecho em inglês: “have contributed to the meaning and development of ‘public culture’ ‘cultural citizenship’ and ‘cultural inclusion/exclusion’ in modern societies, both at a national and an international level” (Roche, 2000, p. 1).

⁶⁵ Tradução livre do trecho em inglês: “contemporary heirs” (Roche, 2000, p. 3).

futebol, atletismo e ginástica. Aqui, ele destaca a Copa do Mundo de futebol, que “cresceu, através da televisão e da difusão global da cultura esportiva, na mesma escala das Olimpíadas em termos de atrair audiências televisivas globais sem precedentes”⁶⁶ (Roche, 2000, p. 3, tradução nossa).

Ademais, Roche (2000) destaca que os eventos mundiais possuem edições a nível regional, como é o caso de eventos olímpicos regionais – Jogos Pan-Americanos e Jogos Asiáticos, por exemplo – e de eventos preparatórios para os eventos mundiais – como as competições continentais de classificação para a Copa do Mundo FIFA.

Contudo, com o objetivo de tornarmos a discussão sobre o conceito mais atual, vamos analisar o artigo *What makes an event a mega-event? Definitions and sizes*, de Müller (2015). No trabalho, o autor se dedicou à revisão da literatura sobre os megaeventos, buscando definir o que classificaria um evento qualquer como um “megaevento”, visto que tal definição poderia variar a depender do autor escolhido ou dos critérios colocados em evidência. Apesar do conceito parecer um conceito qualitativo, Müller (2015) apontou os critérios utilizados em sua discussão e definiu aspectos quantitativos para definição de gigaeventos e megaeventos e ressaltou outros eventos relevantes, mas que não alcançam tais classificações.

Nesse sentido, os critérios elencados por Müller em sua definição foram: atração de visitantes, utilizando como parâmetro o número de ingressos vendidos; alcance midiático, apoiando-se nos valores de direitos de imagem; total de custos; e transformação urbana nas sedes dos eventos, tendo o montante de capital investido como parâmetro. Nesse sentido, os megaeventos são definidos pelo autor como “ocasiões ambulatoriais de duração fixa que (a) atraem um grande número de visitantes, (b) têm grande alcance midiático, (c) têm grandes custos e (d) têm grandes impactos no ambiente construído e na população”⁶⁷ (Müller, 2015, p. 629, tradução nossa).

Para colocar em um aspecto quantitativo o que significa tal definição, importaremos os critérios elencados por Müller (2015). Nesse sentido, um megaevento é um evento com (a) mais de 1 milhão de visitantes, (b) mais de US\$ 1

⁶⁶ Tradução livre do trecho em inglês: “has grown, through television and the global diffusion of sport culture, to the same scale as the Olympics in terms of attracting unprecedentedly vast global television audiences” (Roche, 2000, p. 3).

⁶⁷ Tradução livre do trecho em inglês: “ambulatory occasions of a fixed duration that (a) attract a large number of visitors, (b) have large mediated reach, (c) come with large costs and (d) have large impacts on the built environment and the population” (Müller, 2019, p. 629).

bilhão de valores de comercialização de direito de imagem, (c) mais de US\$ 5 bilhões de custos e (d) mais de 5 bilhões de capital investido. Contudo, como alguns eventos ultrapassam os aspectos estabelecidos por tais critérios, Müller (2015) estabeleceu valores maiores para os gigaeventos, que alcançam (a) mais de 3 milhões de visitantes, (b) mais de US\$ 2 bilhões de valores de comercialização de direito de imagem, (c) mais de US\$ 10 bilhões de custos e (d) mais de 10 bilhões de capital investido

A partir de tal definição, dentre os eventos que aconteceram no período analisado pelo autor – entre 2010 e 2013 –, apenas os Jogos Olímpicos de Londres (2012) se encaixaria na classificação de gigaevento, enquanto a Copa do Mundo FIFA da África do Sul (2010), a Expo de Shanghai (2010) e os Jogos Olímpicos de Inverno de Vancouver (2010), por exemplo, estariam na classificação de megaevento. Contudo, Müller (2015) apontou que as Copas do Mundo FIFA do Brasil (2014) e da Rússia (2018) apresentavam indícios de que extrapolariam a classificação de um megaevento e seriam definidos como um gigaevento.

Müller (2015) destaca, ainda, outros eventos de relevância regional e até mesmo internacional que não costumam alcançar os critérios definidos por ele para serem classificados como um megaevento, tais como os Jogos Pan-Americanos, a Copa do Mundo de Rugby e o *Super Bowl*. A partir dessa revisão dos escritos de Roche (2000) e Müller (2015), neste trabalho adota-se o entendimento de que os megaeventos esportivos compreendem os eventos esportivos que possuem maior relevância no cenário internacional e são pelo menos classificados como megaeventos, ou seja, os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo FIFA.

Temos uma literatura vasta que destaca a importância e os benefícios dos chamados megaeventos esportivos na imagem internacional de um país, colocando-os como uma grande fonte de *soft power* através da diplomacia esportiva. Segundo Brannagan e Giulianotti (2014), os esportes globais são veículos para os Estados construírem identidades e atingirem seus objetivos de política externa e de *soft power*, principalmente a partir da realização bem-sucedida desses eventos e, por consequência, da demonstração de sua capacidade esportiva no cenário internacional. Outrossim, nas palavras de Murray, os megaeventos esportivos podem oferecer às “nações anfitriãs oportunidades significativas para impulsionar o

envolvimento com o público estrangeiro por meio do esporte”⁶⁸ (Murray, 2012, p. 582, tradução nossa).

Contudo, tais eventos em alguns casos têm sido utilizados pelos países em uma prática que ficou conhecida como “*sportswashing*”. O conceito de *sportswashing* é apresentado e considerado relevante nessa pesquisa para a análise da diplomacia esportiva do Catar e a Copa do Mundo FIFA de 2022. O conceito foi utilizado pela primeira vez em 2015 por Gulnara Akhundova, uma ativista internacional de direitos humanos e jornalista independente, em artigo publicado no jornal britânico *The Independent*. A jornalista nascida no Azerbaijão e exilada na época, criticava a escolha do Comitê Olímpico Europeu de realizar os primeiros Jogos Europeus no seu país, que recebia diversas denúncias de seu presidente autocrático, incluindo a prisão de críticos políticos.

A ativista afirmou que “regimes tirânicos e corruptos tentam sediar grandes eventos esportivos na esperança de usá-los como propaganda”⁶⁹ e, ao utilizar a ideia de *sportswashing* pela primeira vez, apontou que tais regimes não poderiam “*sportswash* sua reputação”⁷⁰ nem estarem acima dos direitos humanos (Akhundova, 2015, tradução nossa). Nesse sentido, a ativista afirma que o Azerbaijão estaria utilizando o evento esportivo como uma forma de lavar a sua reputação internacional.

Outra utilização importante do termo aconteceu em 2018, em artigo escrito pelos acadêmicos César Jiménez-Martínez e Michael Skey, no jornal de divulgação científica *The Conversation*, que apontaram como os governos utilizam o *sportswashing* para melhorarem sua reputação, utilizando como exemplo a Copa do Mundo FIFA daquele ano, realizada na Rússia. Os autores chamam atenção ao fato de que “histórias de controvérsia ou falta de preparação preenchem tempo e espaço na mídia antes do evento, mas assim que a competição começa, uma ‘esfera de consenso’ prevalece”⁷¹, ressaltando que “preocupações, controvérsias e acusações são deixadas de lado e o esporte assume o centro das atenções”⁷² (Jiménez-Martínez;

⁶⁸ Tradução livre do trecho em inglês: “host nations significant opportunities to boost engagement with the foreign public through sport” (Murray, 2012, p. 582).

⁶⁹ Tradução livre do trecho em inglês: “tyrannical, corrupt regimes bid to host major sports events in the hope of using them as propaganda” (Akhundova, 2015).

⁷⁰ Tradução livre do trecho em inglês: “sportswash’ their reputation” (Akhundova, 2015).

⁷¹ Tradução livre do trecho em inglês: “stories of controversy or lack of preparation fill time and space in the media before the event, but as soon as the competition begins, a ‘sphere of consensus’ prevails” (Jiménez-Martínez; Skey, 2018).

⁷² Tradução livre do trecho em inglês: “concerns, controversies and accusations are left aside and sports takes centre stage” (Jiménez-Martínez; Skey, 2018).

Skey, 2018, tradução nossa).

Outrossim, os autores apontam que os megaeventos esportivos podem interromper temporariamente as críticas feitas a um governo e operar como “meios para lavar a imagem e a reputação global de um governo nacional”⁷³ (Jiménez-Martinez; Skey, 2018, tradução nossa). Além disso, Jiménez-Martinez e Skey comparam o *sportswashing* ao *greenwashing*, prática adotada por empresas e organizações que utilizam estratégias de marketing com o objetivo de parecerem ecologicamente corretas e fortalecer a imagem positiva que seu público possui.

Em 2020, em seu livro *The Olympic Games: A Critical Approach*, Helen Lenskyj utilizou o conceito de *sportswashing* para destacar aspectos importantes dos Jogos Olímpicos. Para a autora, segundo a lógica do *sportswashing*,

o mundo se concentrará no evento esportivo de alto nível, conduzido de forma eficiente em locais de última geração, desviando, assim, a atenção global dos problemas internos do país. A fé no *sportswashing* é geralmente bem fundamentada, com o apelo global do esporte competitivo ofuscando os apelos por justiça social.⁷⁴ (Lenskyj, 2020, p. 51, tradução nossa)

A autora também afirma que em algumas situações o *sportswashing* pode ser prejudicial à imagem de um país, visto que pode evidenciar suas falhas internas. Contudo, diferentemente do que se pode pensar, o *sportswashing* não é uma prática exclusiva de ditaduras e países democráticos também podem utilizá-lo para desviar atenção de seus problemas internos, pois se por um lado, os ditadores não precisam “conquistar os corações e mentes dos cidadãos em qualquer assunto, os representantes eleitos nas democracias enfrentam uma negociação mais difícil, e o *sportswashing* fornece uma estratégia útil”⁷⁵ (Lenskyj, 2020, p. 52, tradução nossa)

Além disso, o conceito de *sportswashing* também é constantemente utilizado por Organizações Não-Governamentais que tratam de direitos humanos, como a Anistia Internacional, que o define como uma tentativa de “usar o *glamour* do esporte como uma ferramenta de relações públicas para melhorar sua imagem internacional”⁷⁶

⁷³ Tradução livre do trecho em inglês: “means to launder a national government’s global image and reputation” (Jiménez-Martinez; Skey, 2018).

⁷⁴ Tradução livre do trecho em inglês: “the world will focus on the high-profile sporting event, efficiently conducted in state-of-the-art venues, thereby diverting global attention from the country’s internal problems. Faith in sportswashing is generally well founded, with the global appeal of competitive sport overshadowing calls for social justice.” (Lenskyj, 2020, p. 51, tradução nossa)

⁷⁵ Tradução livre do trecho em inglês: “to win the hearts and minds of citizens on any issue, elected representatives in democracies face a harder sell, and sportswashing provides a useful strategy” (Lenskyj, 2020, p. 52).

⁷⁶ Tradução livre do trecho em inglês: “to use the glamour of sport as a public relations tool to improve its international image” (Anistia Internacional, 2020).

(Anistia Internacional, 2020, tradução nossa). Seja na academia, no jornalismo ou no ativismo, o conceito de *sportswashing* já é um conceito amplamente conhecido quando se trata da utilização do esporte como forma de obter melhorias na reputação doméstica e internacional de países.

1.3 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, pudemos entender a base teórica que fundamenta a discussão sobre a diplomacia esportiva, o Catar e a Copa do Mundo FIFA de 2022. Na segunda seção do capítulo compreendemos o papel do Construtivismo na construção dos interesses e das identidades no sistema internacional, uma vez que esta corrente teórica se fundamenta no papel das ideias em tal construção, dando menos importância aos aspectos materiais – poderes militares e econômicos. Na terceira seção do capítulo, analisamos e definimos os conceitos teóricos utilizados neste trabalho, observando como eles são relevantes para a análise entre o esporte e as RI.

CAPÍTULO 2 – O CATAR NA POLÍTICA INTERNACIONAL

Este segundo capítulo concentra-se na análise da posição ocupada pelo Catar na política e no cenário internacional. O capítulo foi dividido em três seções: a primeira discorre sobre o contexto do país no pós-independência, passando sobre seu sistema de governo, suas características geográficas e suas estratégias de política externa; a segunda seção analisa a diplomacia esportiva catari, percorrendo sobre as práticas que compõem seu recente envolvimento no esporte internacional; por fim, a terceira seção apresenta as considerações finais deste segundo capítulo.

2.1 O CATAR NO PÓS-INDEPENDÊNCIA

O Catar é um país localizado no Oriente Médio, mais precisamente no conhecido Golfo Pérsico, e faz fronteira apenas com a Arábia Saudita. O país tem em torno de 2,5 milhões de habitantes, dos quais cerca de 88% são estrangeiros, e 11.586 km² de extensão, o que o torna o 164º maior país do mundo – sua área é cerca de duas vezes maior que a área do Distrito Federal (CIA The World Factbook; IBGE). Apesar de sua pequena extensão, com um PIB per capita de US\$ 121,1 registrado em 2022, o Catar é a quinta nação mais rica do mundo na proporcionalidade com seu número de habitantes, estando atrás apenas de Luxemburgo, Singapura, Irlanda e Noruega (Banco Mundial). Sua riqueza se deve, em grande parte, às suas reservas de petróleo e de gás natural: o Catar é o 13º país do mundo em reservas de petróleo e o 3º país em reservas de gás natural, atrás apenas na Rússia e do Irã (World Meter).

Figura 1. Localização do Catar no Oriente Médio (em laranja)



O Catar foi um protetorado britânico até o ano de 1971, quando conquistou sua independência e, desde então, estabeleceu uma forma de governo que conhecemos como monarquia absoluta (Grix; Brannagan; Lee; 2019). Rolim Silva (2014, p. 307, tradução nossa) aponta que a monarquia absoluta é similar à forma de governo dos Estados islâmicos personalizada na figura do Emir, considerado um “soberano absoluto com autoridade constitucional”⁷⁷, assim como o chefe de Estado do Catar, Emir Tamim bin Hamad Al Thani. Além disso, assim como nas outras formas de regimes monárquicos, o papel de chefe de Estado do Catar segue a hereditariedade da família Al Thani, que está no poder desde a metade do século XIX, antes mesmo da independência (CIA The World Factbook).

Neste momento, faremos um pequeno apanhado histórico da trajetória política do Catar, com o objetivo de entendermos as relações que se estabelecem no contexto interno do país. De acordo com Kamrava (2013), a família Al Thani chegou a Doha – capital do Catar – em 1850 e sua forma de governar foi reconhecida pelo Residente Britânico no Golfo Pérsico em 1868. Apesar dessa grande influência britânica observada desde o século XIX na região, o Catar esteve sob domínio do Império Otomano até o início do século XX, quando as diversas disputas e depressões econômicas do Catar, ocasionadas pelos períodos ruins de pesca e pela má gestão financeira, dificultaram a manutenção do controle do território por parte do Império (Kamrava, 2013).

Kamrava (2013) aponta que a Crise de 1929 e a subsequente Grande

⁷⁷ Tradução livre do trecho em inglês: “absolute sovereign with constitutional authority” (Rolim Silva, 2014, p. 307).

Depressão econômica acabaram com a riqueza de grandes famílias influentes do comércio Catari. Além disso, para o autor, as primeiras décadas do século XX “trouxeram poucas mudanças ao Catar, e foi somente com a chegada da era do petróleo que o país começou a testemunhar uma transformação rápida e profunda de suas paisagens sociais e econômicas”⁷⁸ (Kamrava, 2013, p. 109, tradução nossa). Anos mais tarde, a década de 1950 foi um período importante para o país, pois o crescimento da influência britânica na região estabeleceu um aparato de segurança e aumentou o número de funcionários públicos, apesar do país ainda carecer de algumas instituições.

Na década seguinte, o Catar seguiu seu desenvolvimento político e uma das primeiras formas da família Al Thani se garantir no poder foi a distribuições de terras – que os tornou grandes proprietários de terra (Kamrava, 2013). Além disso, Kamrava (2013) afirma que a proliferação de escritórios estatais permitiu que a família monopolizasse o poder e controlasse seus níveis de atuação. A lacuna que foi criada entre o governante e a população não existia antes da descoberta do petróleo, mas o autor afirma que o Emir “ainda se considera uma extensão natural da sociedade, seu grande patriarca e protetor”⁷⁹ (Kamrava, 2013, p. 111, tradução nossa).

Sobre a consolidação política do Catar, Kamrava (2013) afirma que o processo se estendeu entre os governos de Ali (1949-1960), Ahmad (1960-1972) e Khalifa (1972-1995). Contudo, nenhum deles conseguiu combater a fragilidade que havia se instalado entre a família Al Thani, o que levou Khalifa a colocar membros de sua família em posições-chave do governo, incluindo seu filho e herdeiro Hamad (1995-2013), que o destituiu através de um golpe em 1995 (Kamrava, 2013). Kamrava (2013) aponta que o governo de Hamad foi transformador, pois elevou os patamares da consolidação estatal, acabando com o ciclo de pressão dos membros da família Al Thani sobre o Emir, e que o golpe de Hamad sobre o pai, Khalifa, aconteceu em um momento de grave recessão econômica do país, por isso teve grande apoio entre a família.

A monarquia absoluta do Catar, conforme apontado por Kamrava (2013), é um sistema que se encaixa na definição de autoritarismo proposta por Linz (2000), que

⁷⁸ Tradução livre do trecho em inglês: “brought little change to Qatar, and it was only with the arrival of the oil era that the country began to witness rapid and profound transformation of its social and economic landscapes” (Kamrava, 2013, p. 109).

⁷⁹ Tradução livre do trecho em inglês: “still considers itself a natural extension of society, its grand patriarch and protector” (Kamrava, 2013, p. 111).

se difere do conceito de governo autoritário estabelecido por Hannah Arendt (2011). Para Arendt (2011), o poder de atuação do governo autoritário é limitado por leis estabelecidas por uma força externa e superior ao próprio poder, que lhe garante legitimidade, enquanto Linz (2000, p. 159, tradução nossa) entende o autoritarismo como um regime que possui as seguintes características: pouco e limitado pluralismo político, confiança na apatia política e na desmobilização da população e um líder com “limites formalmente mal definidos, mas que são, na verdade, bastante previsíveis”⁸⁰.

Outrossim, o autoritarismo de Linz (2000, p. 152, tradução nossa) envolve o “uso personalista e particularista do poder para fins essencialmente privados do governante”⁸¹ e as “fronteiras entre o tesouro público e a riqueza privada do governante tornam-se confusas”⁸². Essa diferença é aqui estabelecida e adota-se o conceito de Linz, pois: (1) o poder do Emir do Catar não é regido por leis externas nem por uma autoridade superior, visto que (2) muitas vezes os governantes alteraram a constituição mesmo que o país não tivesse um parlamento estabelecido; e (3) a hereditariedade garante a transição do poder no país (Kamrava, 2013). Contudo, o Catar não pode ser entendido como outros Estados do Oriente Médio, os quais são famosos pela grande coerção com os cidadãos. Nesse sentido, Kamrava (2013, p. 135, tradução nossa) nos afirma que o autoritarismo do Catar é “unicamente benigno e, de forma um tanto contraintuitiva, relativamente popular”⁸³. O autor vai mais além e estabelece que

Para fins de consumo em massa, tanto nacional quanto internacionalmente, o Estado se apresenta como progressista, profundamente preocupado com o bem-estar social e questões de segurança humana. [...] A ditadura do Catar, em outras palavras, é genuinamente popular. O Estado, é claro, não dá nada como certo, permanecendo sempre vigilante sobre potenciais sinais de atrito. Porém, toma muito cuidado para não hostilizar desnecessariamente seus súditos com exibições extravagantes de grandeza real ou seu corolário de ampla presença policial.⁸⁴ (Kamrava, 2013, p. 137, tradução nossa)

⁸⁰ Tradução livre do trecho em inglês: “formally ill-defined limits but are actually quite predictable ones” (Linz, 2000, p. 159).

⁸¹ Tradução livre do trecho em inglês: “personalistic and particularistic use of power for essentially private ends of the ruler” (Linz, 2000, p. 152).

⁸² Tradução livre do trecho em inglês: “boundaries between the public treasury and the private wealth of the ruler become blurred” (Linz, 2000, p. 152).

⁸³ Tradução livre do trecho em inglês: “uniquely benign, and, somewhat counterintuitively, relatively popular” (Kamrava, 2013, p. 135).

⁸⁴ Tradução livre do trecho em inglês: “For purposes of mass consumption, both domestically and internationally, the state presents itself as progressive, deeply concerned with social welfare and issues of human security. [...] Qatar’s dictatorship, in other words, is genuinely popular. The state, of course, takes nothing for granted, remaining ever vigilant about potential signs of dissent. But it takes great care not to needlessly antagonize its subjects by outlandish displays of royal grandeur or its corollary of extensive police presence.” (Kamrava, 2013, p. 137, tradução nossa)

Aqui, cabem algumas ressalvas a essa relação de paternidade que o Emir estabelece com a população do Catar, visto que as condições de vida dos cidadãos cataris e dos apresentam características opostas. Essas ressalvas serão tratadas com maior profundidade no capítulo 3 deste trabalho.

Outro aspecto importante a ser mencionado nesta análise sobre o Catar são suas vantagens comparativas frente aos vizinhos do Golfo Pérsico. Kamrava (2013) aponta que os grandes e poderosos atores regionais que ditavam o curso dos eventos no Oriente Médio – Irã, Iraque, Egito e Síria, por exemplo – enfrentaram declínios em seus poder e influência na região e, além disso, observaram novos atores ganhando relevância neste cenário, como o Catar e Emirados Árabes Unidos. O Catar tem buscado projetar seu poder para além das fronteiras nacionais e tem emergido como um importante ator na região (Kamrava, 2013).

A primeira vantagem comparativa do Catar é traduzida no papel desempenhado pelo país na estrutura da política regional (Kamrava, 2013). O autor nos aponta que o “sistema regional abriu o espaço e a oportunidade para o Catar fazer sentir a sua presença e impulsionar as suas agendas regionais e internacionais”⁸⁵ (Kamrava, 2013, p. 41, tradução nossa). Nesse sentido, destacamos a importância estratégica do Catar para os Estado Unidos após o 11 de setembro, com a transferência da base militar estadunidense da Arábia Saudita para o Catar e a utilização do país para hospedagem da central de comando militar dos EUA durante as invasões ao Afeganistão e ao Iraque (Kamrava, 2013). O autor ressalta que essa aproximação não significa que o Catar viria a se tornar um protetorado dos Estado Unidos, mas sim exemplifica sua estratégia de manter a comunicação aberta com o maior número de atores possível. Para Kamrava, o poder

emana não dos canos de armas e tanques — cujo uso efetivo os líderes do Oriente Médio se destacaram apenas contra seus próprios povos e não contra o inimigo distante — mas da capacidade de definir e controlar os símbolos que dão significado às realidades circundantes. [...] Isso parece ser exatamente o que o Catar está tentando fazer — definir e liderar, tanto simbólica quanto factualmente, o que o arabismo significa no século XXI.⁸⁶ (Kamrava, 2013, p. 42, tradução nossa)

⁸⁵ Tradução livre do trecho em inglês: “regional system has thus opened the space and the opportunity for Qatar to make its presence felt and to push forward its regional and international agendas” (Kamrava, 2013, p. 41).

⁸⁶ Tradução livre do trecho em inglês: “emanates not from the barrels of guns and tanks—the effective use of which Middle Eastern leaders have excelled at only against their own peoples and not the enemy afar—but from the ability to define and control the symbols that give meaning to surrounding realities. [...] This appears to be exactly what Qatar is trying to do—to define and to lead, both symbolically and factually, what Arabism means in the twenty-first century.” (Kamrava, 2013, p. 42)

A segunda vantagem competitiva está relacionada com a autonomia institucional e as agendas da liderança política do Catar – determinada na busca por ambições domésticas, regionais e globais –, que possibilitaram a busca pela liderança regional e a tentativa de definição de agendas importantes (Kamrava, 2013). Nesse sentido, o autor afirma que o Catar “é geralmente visto como um líder, ou como alguém com reivindicações reais de liderança, no mundo árabe”⁸⁷ (Kamrava, 2013, p. 42, tradução nossa). Aqui, fazemos relação entre a percepção de liderança que os outros países possuem do Catar a sua crença de ser um líder, com os aspectos identitários do construtivismo de Wendt (2000) apontado no primeiro capítulo, pois a identidade de um ator só é construída a partir da relação com o outro, que necessariamente deve perceber tal identidade.

As dinâmicas globais do Catar, que não sofrem fissuras ou fragmentações, são apontadas por Kamrava (2013) como sua terceira vantagem comparativa, pois, diferentemente dos outros atores regionais, o país desfruta de uma coesão social notável entre seus cidadãos⁸⁸. Por fim, a quarta vantagem comparativa do Catar para o autor (Kamrava, 2013) é a abundância de recursos financeiros à disposição do Estado, como consequência das grandes riquezas naturais, pois tais recursos permitiram – e seguem permitindo – que os governos garantissem a segurança socioeconômica necessária para sua população e diminuíssem a insatisfação política.

Grix, Brannagan e Lee (2019) também apontaram alguns vantagens do Catar em comparação com seus vizinhos do Golfo Pérsico e do Oriente Médio como um todo: os níveis de progresso e de modernização do país, que começaram a aumentar em 1995 e são maiores que os outros países da região; a rede de comunicação Al Jazeera, a única da região que compete com as maiores corporações midiáticas do mundo, como BBC e CNN; os investimentos realizados mundialmente por meio da *Qatar Investment Authority* (QIA); e a ajuda humanitária e internacional fornecida pelo país frente a desastres naturais – sobre estes três últimos tópicos abordaremos com maior profundidade adiante.

Abordando aspectos da política externa e da projeção regional e internacional

⁸⁷ Tradução livre do trecho em inglês: “is generally perceived to be a leader, or to have substantive claims to leadership, in the Arab world” (Kamrava, 2013, p. 42).

⁸⁸ Aqui, novamente fazemos uma ressalva ao fato de que tal coesão social interna apontada é observada apenas entre seus cidadãos e não usufruída pelos estrangeiros que residem no Catar, conforme analisaremos no terceiro capítulo.

do Catar, Kamrava (2013) destaca sua autonomia, enraizada em duas fontes diferentes, mas complementares: as grandiosas receitas obtidas com as exportações de hidrocarbonetos – petróleo e gás natural, principalmente – e a coesão institucional da elite do país que permite a tomada rápida de decisões políticas, ocasionando na agilidade política e diplomática. Esses fatores garantem ao Catar uma diplomacia “caracterizado por um nível incomum de hiperativismo”⁸⁹ não encontrada em nenhum de seus vizinhos (Kamrava, 2013, p. 70, tradução nossa).

Apesar desse hiperativismo, a diplomacia do Catar precisa ser atenciosa e cautelosa em virtude do contexto regional no qual ele está localizado: mencionando os principais atores, o Catar está próximo do grande Irã, ao norte; da gigante Arábia Saudita, ao sul; e da onipresença do império estadunidense na região (Kamrava, 2013). Por ser um país pequeno e possuir uma força militar pouco significativa, seus líderes o posicionam como um país comprometido a permanecer nas “órbitas económicas e diplomáticas ocidentais”⁹⁰, ao mesmo tempo em que se mostram relutantes a abandonar as causas inimigas do Ocidente – como o Hamas e o Irã (Kamrava, 2013, p. 74, tradução nossa).

O estadunidense Christopher Blanchar (2014, p. 9, tradução nossa) classifica a abordagem do Catar aos seus assuntos regionais como um “ato de equilíbrio multidirecional”⁹¹, ao se posicionar como mediador de conflitos regionais e disputas políticas – trataremos desse assunto adiante. Outrossim, a “diplomacia multilateral”⁹² do Catar é caracterizada pelas relações com diversos grupos, entidades e países, mesmo que haja disputas entre seus parceiros – em 2013, por exemplo, o grupo afegão Talibã inaugurou um escritório político em Doha, capital do Catar e, mesmo após a retirada do escritório do país, o Catar continuou suas relações com o grupo (Blanchar, 2014, p. 10, tradução nossa). Kamrava (2013) afirma que os diplomatas estadunidenses em Doha estão cientes dessa política externa multilateral e multidimensional do Catar e que o país continuará mantendo suas relações com atores inimigos do EUA.

Entretanto, não podemos deduzir que a natureza das relações bilaterais que o

⁸⁹ Tradução livre do trecho em inglês: “characterized by an unusual level of hyperactivism” (Kamrava, 2013, p. 70).

⁹⁰ Tradução livre do trecho em inglês: “Western economic and diplomatic orbits” (Kamrava, 2013, p. 74).

⁹¹ Tradução livre do trecho em inglês: “multi-directional balancing act” (Blanchar, 2014, p. 9).

⁹² Tradução livre do trecho em inglês: “multilateral diplomacy” (Blanchar, 2014, p. 10).

Catar mantém com os Estados Unidos e com o Irã são idênticas, pois, apesar de ambas as relações serem fortes e estáveis, seus aspectos são diferentes (Kamrava, 2013). Kamrava (2013) afirma que a relação Catar-Estados Unidos está ancorada em três pilares centrais: arranjos militares e de segurança; interesses econômicos e comerciais; e iniciativas culturais e educacionais. Assim, Søyland (2020) aponta que a relação estabelecida entre os dois países é tanto uma fonte de *hard power*, pois possibilita a segurança militar necessária ao país oriental, como uma fonte de *soft power*, pois o Catar é visto, regional e internacionalmente, como um país estável e pacífico por possuir a aprovação da maior potência mundial até então.

Nessa relação, conforme mencionado há pouco, o tamanho e a capacidade militar do Catar fazem com que ele

precise e goste da proteção militar americana; de outra forma, seria indefeso por si só. Contudo, também gosta de sua independência na política externa, [...] como uma forma de manter linhas de comunicação abertas com tantos atores internacionais díspares quanto possível, amigos e inimigos.⁹³ (Kamrava, 2013 p. 90, tradução nossa)

Por outro lado, como expressão dessa política externa independente, a relação Catar-Irã está em torno das “expressões de amizade”⁹⁴ e das frequentes visitas oficiais que os líderes e oficiais políticos de ambos os países realizam ao país parceiro (Kamrava, 2013, p. 80, tradução nossa). Nesse sentido, o que tal relação bilateral não atua nas dimensões de educação, cultura, segurança e comércio, elas são mantidas através das relações fraternais e pessoais entre os líderes dos dois países (Kamrava, 2013).

O hiperativismo da diplomacia catari acontece concomitantemente a uma intensa campanha da marca Catar que, desde a metade da década de 1990, promove esforços nas mais diversas áreas da política, da economia, do esporte e da cultura (Kamrava, 2013). Nesse sentido, Kamrava (2013) diferencia duas formas únicas do Catar para promoção de sua marca, que diferem daquelas observadas nos outros países do Golfo Pérsico e do restante do mundo: (1) a estação de televisão via satélite *Al Jazeera* e (2) os esforços de mediação diplomática e de resolução de conflitos.

A primeira forma de promoção do Catar, a emissora *Al Jazeera*, é uma das grandes fontes de *soft power* do país devido a sua influência por todo o mundo árabe,

⁹³ Tradução livre do trecho em inglês: “needs and likes the American military protection; it would be otherwise defenseless on its own. But it also likes its foreign policy independence, [...] as a way of maintaining open lines of communication with as many disparate international actors as possible, friend and foe alike.” (Kamrava, 2013 p. 90)

⁹⁴ Tradução livre do trecho em inglês: “expressions of friendship” (Kamrava, 2013, p. 80).

pois, conforme apontado pelo autor, a “acessibilidade das redes de comunicação globais tornou a imagem e a reputação de um país centrais para o seu sucesso econômico e diplomático”⁹⁵ (Kamrava, 2013, p. 90, tradução nossa). O embrião da *Al Jazeera* foi criado por Hamad em 1994, antes de sua chegada ao cargo de Emir, com o objetivo de modernizar a televisão estatal catari e transmitir seus programas via satélite e, em 1996, quando Hamad ocupava o cargo de Emir, ele decretou o estabelecimento da *Al Jazeera* (Kamrava, 2003).

Segundo Kamrava (2013) e Reiche (2014), a emissora se tornou conhecida por oferecer uma programação para além de apenas informações e dados governamentais e logo se tornou a maior fonte de informação do mundo árabe e começou a rivalizar com a BBC e a CNN como uma fonte internacionalmente reconhecida de informação. Para o autor, a criação da *Al Jazeera* tinha como desejo projetar a imagem do Catar como um sério ator regional e internacional e sua inspiração foi o “esforço para mostrar o Catar como um pioneiro em várias frentes, desde o diálogo e a discussão até a abertura e o debate, a tecnologia da comunicação e um pioneiro das notícias”⁹⁶ (Kamrava, 2013, p. 92, tradução nossa).

Søyland (2020, p. 40, tradução nossa) destaca que o canal *Al Jazeera* é uma ferramenta importante na diplomacia pública do Catar – conceito definido no capítulo 1 –, uma vez que possui uma reputação respeitada na região e no mundo todo e é vista como “a voz do povo”⁹⁷. Além disso, segundo o autor, a emissora destaca os conflitos mediados pelo Catar, o que lhes confere maior relevância, principalmente no Oriente Médio, onde ela possui uma voz verossímil e diferente das mídias ocidentais (Søyland, 2020). Kamrava (2013) destaca a evolução e o avanço da *Al Jazeera*, com a criação de canais de esporte (2003), assuntos públicos (2005), programas infantis (2005) e documentários (2007). Além disso, foi em 2006 que a emissora se expandiu para o mundo com a criação do *Al Jazeera International*, um canal de satélite ininterrupto com transmissão de notícias em inglês.

O braço esportivo da *Al Jazeera* foi renomeado em 2012 e passou a chamar-se *beIN Sports* (Reiche, 2014) e logo adquiriu direitos de transmissão das principais

⁹⁵ Tradução livre do trecho em inglês: “accessibility of global communication networks have made a country’s image and reputation central to its economic and diplomatic success” (Kamrava, 2013, p. 90).

⁹⁶ Tradução livre do trecho em inglês: “effort to brand Qatar as a pioneer on several fronts, ranging from dialogue and discussion to openness and debate, communication technology, and a news trailblazer” (Kamrava, 2013, p. 92).

⁹⁷ Tradução livre do trecho em inglês: “the voice of the people” (Søyland, 2020, p. 40).

ligas europeias em diversos países. Na região do Oriente Médio e Norte da África, segundo Søyland (2020), a emissora possui os direitos da Copa do Mundo FIFA, UEFA *Champions League*, *Europa League*, *Spanish La Liga*, *English Premier League*, *France Ligue 1*, *Italian Serie A*, *German Bundesliga* e muitas outras ligas de futebol. Além disso, na França e na América do Norte, a *beIN Sports* adquiriu os direitos de transmissão de muitas das maiores ligas e campeonatos (Søyland, 2020).

A segunda forma de promoção regional e internacional do Catar é sua posição como mediador de conflitos regionais. De acordo com Kamrava (2013), no século XXI o Catar se tornou um dos mais ativos mediadores de conflito do mundo na região do Oriente Médio e, inclusive, em partes da África, cultivando a imagem de um país interessado na paz e na estabilidade. Para Søyland (2020), essa postura ativa potencializa a posição política e o *soft power* do país no Oriente Médio. Alguns exemplos dessa postura do Catar são sua atuação como um centro de diálogo entre o Talibã e o governo do ex-presidente afegão Karzai e entre o Talibã e os Estados Unidos (Søyland, 2020); o apoio aos movimentos revolucionários durante a Primavera Árabe e a posição de mediador do conflito entre Fatah e Hamas no Líbano, mediante a ameaça de retomada da guerra civil do país (Reiche, 2014; Kamrava, 2013); e os esforços de mediação no Iêmen, na Palestina, no Sudão, no Djibouti e na Eritreia (Kamrava, 2013).

Kamrava (2013, p. 93-4, tradução nossa) aponta que “numa região conhecida pelas suas crises transfronteiriças e conflitos sectários intranacionais, o Catar emergiu rapidamente como um ator hábil na resolução e mediação de conflitos”⁹⁸ e destaca que, no caso do Líbano, os esforços anteriores da Liga Árabe, das Nações Unidas e do Governo Francês haviam falhado. O autor também afirma que os grandes esforços de mediação de conflitos dispendidos pelo Catar são únicos na esfera regional e global, este último devido ao seu tamanho como país, pois esse papel costuma pertencer aos grandes poderes e, eventualmente, aos poderes medianos (Kamrava, 2013).

Gray (2013) também utiliza o termo “marca” para referir aos esforços da política externa no Catar na construção da mensagem de um país dinâmico, cosmopolitano, aberto aos negócios internacionais e disposto a contribuir com a estabilidade

⁹⁸ Tradução livre do trecho em inglês: “in a region known for its cross-border crises and intra-national sectarian strife, Qatar has quickly emerged as an actor adept at diffusing and mediating conflicts” (Kamrava, 2013, p. 93-4).

internacional, ou seja, na construção da imagem de um país que é um bom cidadão internacional. Essa propaganda do país em se mostrar um bom cidadão internacional também pode ser observada nas (1) realizações de conferências internacionais no território catari, (2) aquisições e investimentos realizados mundialmente e (3) doações humanitárias a países que passam por dificuldades.

As principais e mais notórias conferências internacionais realizadas no Catar foram a Rodada Doha de negociações da Organização Mundial do Comércio (OMC), em 2001, e a Conferência das Nações Unidas para as Mudanças Climáticas de Doha (COP18), em 2012 (Søyland, 2020). De acordo com Reiche (2014), a COP18 foi a primeira negociação das Nações Unidas sobre mudanças climáticas a ser realizada no Oriente Médio e, para Søyland (2020, p. 41, tradução nossa), tais conferências deram ao Catar uma “presença internacional no cenário mundial como um ator que trabalha para acordos multilaterais entre nações, reforçando, assim, sua imagem de *soft power* no mundo”⁹⁹.

A segunda forma de envolvimento internacional do Catar são as doações humanitárias estratégicas, oferecidas em momentos de crise, tendo a principal delas sido realizada após o furacão Katrina em 2005, quando o Emir Hamad doou US\$ 100 milhões para ajudar na reconstrução de infraestruturas importantes – como habitações, hospitais e escolas – na cidade de New Orleans, Estados Unidos (New York Times, 2008).

Outro ponto importante são os investimentos e aquisições realizados pela *Qatar Investment Authority* (QIA), o *Sovereign Wealth Funds* (SWF) do Catar e principal ferramenta de ligação entre o país e a economia global. A QIA foi criada em 2005 com o objetivo de proteger e aumentar os ativos financeiros do país e diversificar sua economia e é uma organização que investe nos principais mercados globais, classes de ativos, setores e geografias (QIA, site oficial). Reiche (2014) exemplifica essa diversificação dos investimentos da QIA, afirmando que alguns de seus ativos são: Volkswagen, a gigante do automobilismo; Sainsbury, uma das maiores cadeiras de supermercados do Reino Unido; o suíço Credit Suisse, um dos maiores e mais rentáveis bancos do mundo; e a companhia estadunidense de entretenimento Miramax.

⁹⁹ Tradução livre do trecho em inglês: “international presence at the world stage as an actor that works for multilateral agreements amongst nations, thus enhancing their soft power image in the world” (Søyland, 2020, p. 41).

Kamrava (2013) destaca que a QIA também possui o papel de promover a transferência de tecnologia para o Catar, por meio do incentivo às empresas das quais faz parte a abrirem subsidiárias no país. O autor exemplifica com a aquisição de 10% da alemã Porsche, grande nome do automobilismo esportivo e de alto desempenho, que concordou em estabelecer instalações de teste, pesquisa e desenvolvimento no Catar (Kamrava, 2013). Além disso, o Catar “tende a ser um tanto atipicamente agressivo em suas estratégias de investimento”¹⁰⁰ se comparado aos fundos soberanos dos outros países do Golfo Pérsico, principalmente no que diz respeito aos investimentos na Europa (Kamrava, 2013, p. 98, tradução nossa)

Contudo, Kamrava (2013) nos apresenta uma contradição: de um lado, a QIA aparenta ser um veículo de investimento altamente profissional e bem-sucedido, que utiliza da *expertise* local e atraiu alguns dos banqueiros internacionais mais talentosos e rentáveis; porém, por outro lado, a estratégia do fundo está diretamente alinhada com os objetivos e interesses da política externa do Catar e, apesar de ser vista como uma das instituições mais importantes do país, suas ações e operações costumam ser altamente politizadas.

A partir desses aspectos da história, economia, diplomacia, política externa e propagando do Catar, podemos entender como o seu poder regional e, em menor grau, internacional, foi construído sobretudo após sua independência do Reino Unido. Como observamos, por possuir poucas fontes de *hard power*, o país se dedica à construção de seu *soft power*, principalmente através da sua posição como mediador de conflitos regionais, da emissora *Al Jazeera* e das aquisições e investimentos feitos pela QIA. Outrossim, pudemos compreender algumas das dinâmicas internas do país que, por meio dos recursos financeiros provenientes da extração e exportação de petróleo e gás natural, é capaz de fornecer boa qualidade de vida e acesso aos mais diversos recursos aos seus cidadãos, consolidando-se, assim, como uma monarquia absoluta autoritária estável e com alto nível de satisfação perante a população Catari.

Diante desse contexto, é comum nos perguntarmos se os próximos anos e décadas do Catar serão promissores como os últimos e se a ascensão da influência e do poder regional do país se manterão no longo prazo. Kamrava (2013) indiretamente nos auxilia a responder esse questionamento ao afirmar que

¹⁰⁰ Tradução livre do trecho em inglês: “tends to be somewhat uncharacteristically aggressive in its investment strategies” (Kamrava, 2013, p. 98).

Em regimes sultanísticos como o Catar, um ataque cardíaco pode mudar tudo. Especialmente no Catar, onde não há parlamento, nem forças armadas significativas para se manifestar, nem bastiões institucionais do Estado, apenas um exército de funcionários importados que implementam as decisões tomadas por alguns cataris. No Catar, os indivíduos não apenas substituíram as instituições. Eles se tornaram instituições.¹⁰¹ (Kamrava, 2013, p. 104, tradução nossa)

Dessa forma, apesar do Catar apresentar um contexto interno estável perante seus cidadãos e continuamente buscar formas de se projetar internacionalmente, a centralização do poder se mostra um entrave na busca por suposições sobre o futuro do país, especialmente se levarmos em conta que há cerca de três décadas Hamad chegou ao poder através de um golpe contra seu próprio pai. Além disso, as discussões que traremos no terceiro capítulo de certa forma se opõem a tal contexto de estabilidade doméstica e fortalecimento da imagem internacional do país.

Por fim, discutiremos sobre o *Qatar National Vision 2030* (QNV 2030) e algumas de suas características antes de entrarmos em nossa próxima seção. O QNV 2030 é um documento elaborado pela Secretaria Geral para Planejamento de Desenvolvimento do Catar em 2008, durante o governo de Hamad, que se apresenta como meio para construção de uma ponte entre o presente e o futuro. O documento “visa transformar o Catar em um país avançado até 2030, capaz de sustentar o seu próprio desenvolvimento e proporcionar um elevado padrão de vida a toda a sua população durante as gerações vindouras”¹⁰² (QNV 2030, p. 3, tradução nossa)

Além disso, o QNV 2030 aponta que as características e desafios do país a serem alcançadas no futuro, para além da melhoria do padrão de vida dos cidadãos, são: modernização e preservação de tradições, as necessidades da atual geração e das gerações futuras; o crescimento gerenciado e a expansão descontrolada; o tamanho e a qualidade da força de trabalho estrangeira e o caminho de desenvolvimento escolhido; e o crescimento econômico, desenvolvimento social e gerenciamento ambiental (QNV, 2030).

Søyland (2020) afirma que, a partir da QNV 2030, o Catar reconhece que precisa modernizar sua sociedade e diversificar sua economia para que consiga

¹⁰¹ Tradução livre do trecho em inglês: “In sultanistic regimes such as Qatar, one heart attack can change everything. Especially in Qatar where there is no parliament, no meaningful armed forces to speak of, no institutional bastions of the state, only an army of imported functionaries who implement the decisions made by a few Qataris. In Qatar individuals have not just replaced institutions. They have become institutions.” (Kamrava, 2013, p. 104)

¹⁰² Tradução livre do trecho em inglês: “aims at transforming Qatar into an advanced country by 2030, capable of sustaining its own development and providing for a high standard of living for all of its people for generations to come” (QNV 2030, p. 3).

manter o alto padrão de vida para as futuras gerações, sem que esse avanço custe suas tradições culturais ou o padrão de vida da atual geração. Ademais, o autor destaca que, com os investimentos em infraestrutura, serviços públicos e a tecnologia avançada, o país “procura continuar o seu crescimento económico, aumentar o padrão de vida e, ao mesmo tempo, tornar-se mais amigável com o meio ambiente”¹⁰³ (Søyland, 2020, p. 20, tradução nossa).

Visando alcançar os objetivos estabelecidos na QNV 2030, em 2011 a Secretaria Geral para Planejamento de Desenvolvimento do Catar criou o primeiro *Qatar National Development Strategy* (2011-2016), que “identifica ações e resultados específicos para superar os desafios e avançar nas metas do QNV 2030”¹⁰⁴ (NDS 2011-2016, 2011, p. 2, tradução nossa). Os programas identificados neste documento estão diretamente alinhados com os objetivos da QNV 2030 e abordam resultados e metas de 14 setores estratégicos, incluindo o setor esportivo, “como uma inspiração para uma sociedade ativa e saudável”¹⁰⁵ (NDS 2011-2016, 2011, p. 2, tradução nossa).

No *Qatar National Development Strategy* (2011-2016), entende-se que a atividade física ocupa um papel central enriquecendo vidas e que a participação esportiva é uma grande fonte de saúde e diversão para todos os envolvidos, além do fato de que o esporte “é frequentemente um elemento de ligação no tecido social e cultural da sociedade, tanto a nível comunitário como a nível internacional”¹⁰⁶ (NDS 2011-2016, 2011, p. 3, tradução nossa). Nesse sentido, o documento apresenta projetos de promoção da participação esportiva e de um estilo de vida saudável, de desenvolvimento de instalações esportivas e, mais relevantes para nossa discussão, de um plano para desenvolvimento atlético e de gestão estratégica para desenvolvimento de carreiras profissionais, incluindo plano para mulheres, pessoas com deficiências e técnicos (NDS 2011-2016, 2011, p. 3).

Ainda em 2011, o *Qatar Olympic Committee* (QOC) divulgou o *Sports Sector Strategy* (2011-2016) como abordagem mais detalhada de um dos 14 setores

¹⁰³ Tradução livre do trecho em inglês: “seeks to continue their economic growth, increase the standard of living while becoming more environmentally friendly along the way” (Søyland, 2020, p. 20).

¹⁰⁴ Tradução livre do trecho em inglês: “identifies specific actions and outcomes to overcome challenges and advance QNV 2030 goals” (NDS 2011-2016, 2011, p. 2).

¹⁰⁵ Tradução livre do trecho em inglês: “as an inspiration for an active and healthy society” (NDS 2011-2016, 2011, p. 2).

¹⁰⁶ Tradução livre do trecho em inglês: “it is often a binding element in the social and cultural fabric of society, at the community level as well as on the international stage” (NDS 2011-2016, 2011, p. 3).

estratégicos que integraram a NDS 2011-2016 e com o objetivo de entregar três resultados principais: maior participação comunitária nos esportes e na atividade física como um todo; planejamento melhorado e integrado para instalações esportivas comunitárias e de elite; e aumento e promoção do desenvolvimento, gestão e desempenho dos talentos esportivos (*Sports Sector Strategy* 2011-2016).

Além disso, o SSS 2011-2016 está relacionado aos quatro pilares de desenvolvimento que integram a QNV 2030 – humano, social, econômico e ambiental – e baseia-se no *Qatar Olympic Committee Strategic Plan 2008-2012* ao apontar as seis áreas prioritárias para os esportes: instalações esportivas e de lazer; promoção e publicidade; educação esportiva, conscientização e mudança cultural; desenvolvimento de caminhos para atletas; gestão esportiva; e hospedagem de eventos internacionais (*Sports Sector Strategy* 2011-2016).

Por meio do SSS 2011-2016, da NDS 2011-2016 e da QNV 2030, podemos perceber como o esporte está se tornando uma área importante das políticas públicas do Catar. Para o país, a prática do esporte a nível comunitário auxilia na construção da coesão social e familiar ao juntar as pessoas de uma forma amigável e ativa. A nível individual, a prática aumenta a confiança pessoal, a saúde física e o bem-estar mental, enquanto, a nível internacional, os “eventos esportivos e atletas ajudam a elevar o perfil regional e global do Catar e resultam em maior orgulho nacional”¹⁰⁷ (*Sports Sector Strategy* 2011-2016, p. 6, tradução nossa).

Tal reconhecimento dos aspectos positivos do esporte a nível internacional sinaliza como este pode ser utilizado como fonte de *soft power* e como parte da diplomacia de um país por meio da diplomacia esportiva. Essa constatação encontra-se explícita no próprio SSS 2011-2016, que afirma que

O Catar está comprometido em aumentar a participação esportiva e as práticas de estilo de vida ativo entre sua população para melhorar os resultados de saúde, e está usando os esportes para construir amizades e melhorar as relações entre nações em todo o mundo. Também está criando estratégias para se tornar um centro esportivo global com uma variedade de instalações esportivas de primeira classe e uma série de eventos esportivos regionais e internacionais.¹⁰⁸ (SSS 2011-2016, 2011, p. 6, tradução nossa)

¹⁰⁷ Tradução livre do trecho em inglês: “sports events and athletes help raise Qatar’s regional and global profile, and result in enhanced national pride” (*Sports Sector Strategy* 2011-2016, p. 6).

¹⁰⁸ Tradução livre do trecho em inglês: “Qatar is committed to increasing sports participation and active lifestyle practices among its population to improve health outcomes, and is using sports to forge friendships and improve relations between nations worldwide. It is also strategising to become a global sports hub with an array of first class sports facilities and a host of regional and international sporting events.” (SSS 2011-2016, 2011, p. 6, tradução nossa)

Em 2018, Secretaria Geral para Planejamento de Desenvolvimento divulgou o *Qatar Second National Development Strategy 2018-2022* (NDS2)¹⁰⁹, com o objetivo de avaliar a relação dos projetos do primeiro NDS do país e traçar os caminhos para avanço das metas e objetivos estabelecidos no QNV 2030. O NDS2 apresenta novamente o esporte como fator importante para o desenvolvimento, sobretudo social, do país e ressaltou as conquistas alcançadas nos anos anteriores: o aumento da participação catari nos eventos esportivos internacionais, a integração das pessoas com deficiências nos esportes e aumento da participação feminina (NDS2 2018-2022). Outrossim, o documento apresenta novas metas para o setor esportivo e estabelece um plano de ação para concretização destas.

Dessa forma, podemos perceber que o envolvimento esportivo do Catar não foi uma estratégia passageira, mas sim que faz parte da construção da imagem nacional a ser alcançada até o ano de 2030. Na busca pelo aumento do *soft power* regional e internacional do país, o esporte como um todo e, por meio de estratégias de política externa, a diplomacia exportiva, é uma grande aposta nessas primeiras décadas do século XXI. Conforme nos afirma Søyland (2020), o Catar busca se diferenciar dos outros países do Oriente Médio ao se mostrar como um país moderno, inovador e altamente tecnológico por meio do esporte e, como veremos no capítulo três, especialmente por meio do futebol. Na próxima seção, nos dedicaremos a entender como ocorre o envolvimento do Catar no esporte internacional.

2.2 A DIPLOMACIA ESPORTIVA CATARI

Elias (2021) nos aponta que a diplomacia esportiva do Catar pode ser entendida de duas formas diferentes: de um lado, como uma tentativa de esconder e compensar suas fraquezas em fontes de *hard power* através das ferramentas de *soft power*, enquanto, por outro, o Catar busca atrelar o sucesso esportiva à marca Catar e, por consequência, ganhar vantagem frente aos seus concorrentes regionais em matérias como turismo, investimento estrangeiro e percepções da opinião pública internacional. Ao longo desta seção, entenderemos quais são as ações adotadas pelo

¹⁰⁹ Em 2024, o órgão divulgou o *Third Qatar National Development Strategy 2024-2030*, como último plano de estratégia nacional para alcance das metas da QNV 2030. O documento não é relevante para este trabalho devido ao período que está sendo analisado, mas encontra-se disponível em: <https://www.psa.gov.qa/en/nds1/nds3/Documents/QNDS3_EN.pdf>. Acesso em: 15 set. 2024.

país em sua diplomacia esportiva.

Antes disso, contudo, faremos um pequeno contexto histórico sobre a relação entre o Catar e o esporte internacional. Conforme Reiche (2014) nos aponta, o Catar começou seu desenvolvimento de esporte de elite um pouco mais tarde que outros países: o esporte foi introduzido no país apenas na década 1940 por trabalhadores estrangeiros das companhias as petróleo; o primeiro clube esportivo do país foi criado em 1948; o *Qatar Olympic Committee* (QOC) ou Comitê Olímpico Catari foi estabelecido em 1979 com o objetivo de coordenar a participação de times e atletas nacionais nas competições internacionais; e apenas em 1984 o Catar enviou atletas para competir nos Jogos Olímpicos, na edição de Los Angeles, com a presença de 27 atletas masculinos nos esportes: atletismo, futebol e tiro.

Rolim Silva (2014) aponta que o governo do Catar utilizou a presença dos atletas em uma cerimônia de abertura das Olimpíadas, com a presença da bandeira nacional, para afirmar sua autonomia no cenário internacional. Nesse sentido, para Reiche (2014, p. 493, tradução nossa), os Jogos Olímpicos “foram usados pelo Catar neste caso para ganhar reconhecimento internacional”¹¹⁰.

Além disso, apesar do Catar ser apenas mais um dos países emergentes que utilizam o esporte internacional para alcançarem o sucesso esportivo, ele possui características que o diferem: sua localização no Oriente Médio, seu pequeno tamanho e sua pequena população de cerca de dois milhões de pessoas, em grande parte trabalhadores estrangeiros, são muito diferentes das condições observadas no Brasil, China ou África do Sul, por exemplo, que são países com grande extensão territorial e população; seu PIB per capita, um dos maiores do mundo, também difere as condições socioeconômicas daquelas observadas nos outros países emergentes, que enfrentam altos níveis de pobreza (Reiche, 2014).

Esses autores também nos auxiliam a entender os motivos para o envolvimento do Catar no esporte internacional. Elias (2021) chama atenção à necessidade de diversificação da economia do Catar, totalmente dependente dos combustíveis fósseis, fator estabelecido na QNV 2030. Nesse sentido, o Catar impulsiona o seu esporte “como uma estratégia de marca para desencadear uma mudança antecipatória em direção à diversificação da geração de rendimento nacional para

¹¹⁰ Tradução livre do trecho em inglês: “were used by Qatar in this case to win international recognition” (Reiche, 2014, p. 493).

setores relacionados com o esporte”¹¹¹, principalmente através do fomento do turismo, de acordos televisivos de transmissão e de investimentos estrangeiros que não estejam ligados aos combustíveis fósseis (Elias, 2021, p. 6, tradução nossa).

Reiche (2014) sinaliza, também, que os investimentos no sucesso esportivo são uma ferramenta de melhoria da infraestrutura de um país, sobretudo para países emergentes, pois a participação esportiva acelera a construção de estádios, estradas, aeroportos, portos, hotéis e telecomunicações. O jornalista Stanley Reed (*New York Times*, 2013) aponta que os investimentos esportivos fazem parte da busca do Catar por uma posição melhor e mais estratégica no cenário internacional, o que inclui, também a expansão da *Al Jazeera* para o mercado estadunidense.

Alguns autores, como Rolim Silva (2014), apontam que o envolvimento esportivo do Catar está relacionado à ideia de uma construção de nação, apoiada na unidade, identidade e orgulho nacional. Contudo, Reiche (2014) combate essa ideia ao apontar que o grupo de cidadãos cataris é um grupo homogêneo, com sua grande maioria pertencendo às classes mais altas da sociedade e compartilhando a mesma religião, o Islamismo Sunita. Além disso, sob a perspectiva do governo, não há necessidade para construção desse orgulho nacional uma vez que os cidadãos possuem tudo de que eles precisam e, sob a perspectiva da sociedade, não há insatisfação com o governo estabelecido (Reiche, 2014).

O autor, portanto, sustenta a tese de que os investimentos esportivos ocorrem na busca pela diversificação da economia, visto que, apesar de distante, existe um prazo estabelecido para o término dos combustíveis fósseis. Nesse sentido, no futuro o país enfrentará a necessidade de encontrar novas formas de receita nacional para manter os altos níveis de gastos públicos e, assim, a criação e o desenvolvimento de um centro esportivo regional e internacional é “um passo importante na diversificação da economia do Catar e na sua transformação gradual numa economia pós-hidrocarbonetos”¹¹² (Reiche, 2014, p. 496, tradução nossa).

Uma instituição importante em nossa análise sobre a relação entre o esporte e o Catar é o *Qatar Olympic Committee* (QOC), criado em março de 1979 e reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional em 1980, que possui como missão:

¹¹¹ Tradução livre do trecho em inglês: “as a branding strategy to trigger an anticipatory shift towards the diversification of national income generation towards sports-related sectors” (Elias, 2021, p. 6).

¹¹² Tradução livre do trecho em inglês: “a major step in diversifying Qatar’s economy and gradually transforming into a post-hydrocarbon economy” (Reiche, 2014, p. 496).

disseminar o esporte e a atividade física pelo país; patrocinar e aumentar o Movimento Olímpico no país; e apoiar e desenvolver o desempenho esportivo no contexto do espírito olímpico (QOC). Como representante do esporte olímpico no país, o QOC é responsável pelas delegações cataris enviadas aos Jogos Olímpicos, Asiáticos e Árabes, bem como aos campeonatos mundiais das modalidades, além de organizar a realização de eventos esportivos no país e apoiar o desenvolvimento do esporte olímpico em todas as suas esferas.

Søyland (2020) nos aponta que o Catar vê o esporte sobretudo como um instrumento diplomático para criar relações com os países do mundo e aumentar sua reputação no cenário internacional. Um dos mecanismos dessa diplomacia esportiva é a hospedagem de eventos esportivos, que, com sua audiência de centenas de milhões de espectadores em todo o mundo, fornece ao Catar a possibilidade de “mostrar o seu país ao público global e alterar estereótipos do país e da região, e, finalmente, ganhar *soft power* no sistema internacional”¹¹³ (Søyland, 2020, p. 21, tradução nossa).

O evento esportivo de maior prestígio sediado pelo Catar é a Copa do Mundo FIFA de 2022, o tema central desse trabalho. Porém, logo após sua independência o Catar já iniciou a sediar eventos regionais de esporte (Reiche, 2014). A seguir, organizamos os eventos e megaeventos esportivos sediados pelo Catar no século XXI desde 2003 até 2022, em um período de 20 anos que se encerra com a Copa do Mundo FIFA de 2022. A lista não aborda todos os eventos esportivos realizados no país, apenas os de maior expressão regional e internacional.

Quadro 1. Eventos esportivos realizados no Catar

Principais eventos sediados pelo Catar entre 2003 e 2022	Ano
Campeonato Asiático de Handebol Masculino	2004
Campeonato Mundial de Tênis de Mesa por Equipe	2004
Copa do Golfo de Nações	2004
Campeonato Asiático de Basquete	2004
Jogos da Ásia Ocidental	2005
Jogos Asiáticos	2006

¹¹³ Tradução livre do trecho em inglês: “to showcase their country to the global audience and alter stereotypes of the country and the region, and ultimately gain soft power in the international system” (Søyland, 2020, p. 21).

Campeonato Asiático de Atletismo em Pista Coberta	2008
Campeonato Asiático de Esgrima	2009
Campeonato Mundial de Atletismo em Pista Coberta	2010
Copa da Ásia de Futebol	2011
Jogos Árabes	2011
Campeonato Asiático de Tiro	2012
Copa do Mundo de Natação	2014 até 2021 ¹¹⁴
Campeonato Mundial de Handebol Masculino	2015
Campeonato Mundial de Para-Atletismo	2015
Campeonato Mundial de Boxe Amador	2016
Campeonato Mundial de Ciclismo em Estrada	2016
Campeonato Mundial de Ginástica Artística	2018
Campeonato Mundial de Atletismo	2019
Copa do Mundo de Clubes da FIFA	2020
Copa do Mundo FIFA	2022

Fonte: Grix, Brannagan, Lee, 2019; Reiche, 2014; Søyland, 2020.

Além desses eventos e megaeventos sediados pelo Catar no período, o país também realizou algumas etapas anuais de competições esportivas, conforme Reiche (2014) no aponta, que são: Campeonato de Tênis ATP 250 de Doha (1993-presente), Mundial de Clubes de Handebol (2002; 2010-2017) Campeonato Mundial de Motovelocidade (2004-presente), *Qatar Masters* (2008-presente), Campeonato Mundial de Equitação (2008-presente), Campeonato de Tênis Feminino ATP 1000 de Doha (2008-presente), Campeonato Mundial de Clubes de Voleibol Masculino (2009-2012) e Liga Diamante de Atletismo (2010-presente). Além disso, o Catar também tentou sediar os Jogos Olímpicos em duas oportunidades, na edição de 2016 e 2020, com fracasso em ambas as tentativas (Reiche, 2014).

Outra fonte de *soft power* importante do Catar é a *Aspire Zone Foundation* (AZF), um centro esportivo multipremiado e de última geração, que concentra algumas das melhores infraestruturas e instalações esportivas do mundo para melhoria do desempenho esportivo e busca ser referência em excelência esportiva mundial

¹¹⁴ As Copas do Mundo de Natação são realizadas em 7 ou 8 etapas, sendo cada etapa realizada em um país diferente. Entre 2014 e 2021, em cada edição o Catar sediou uma das etapas do campeonato.

(*Aspire Zone Foundation*). O centro tem atraído atletas e times profissionais de elite de todo o mundo, incluindo times de futebol renomados, como Manchester United e Bayer de Munique (Grix; Brannagan; Lee; 2019). As instalações de 2,5 km² envolvem hotéis cinco estrelas, centro de esportes aquáticos e de atletismo, shopping de marcas de luxo, instalações para esportes femininos, a *Aspire Academy for Sports Excellence* – definições adiante – e o *Aspetar*, o primeiro hospital de ortopedia e medicina esportiva do Oriente Médio, credenciado como um Centro Médico de Excelência FIFA e como o Centro de Pesquisa do Comitê Olímpico Internacional para Prevenção de Lesões e Proteção da Saúde do Atleta (*Aspire Zone Foundation; Aspetar*).

A *Aspire Academy for Sports Excellence* é o programa de desenvolvimento de talentos de elite do Catar, que possui como um de seus objetivos transformar alguns de seus cidadãos em atletas profissionais de elite bem-sucedidos (Grix; Brannagan; Lee; 2019). Fundada em 2004, a *Aspire Academy* visa ser reconhecida como a principal academia do mundo no desenvolvimento de atletas jovens, através de instalações de última geração, conhecimento especializado em ciências do esporte e olheiros e treinadores internacionais altamente qualificados para o desenvolvimento dos atletas cataris de elite (*Aspire Academy; Søyland, 2020*).

A política de identificação de talentos estabelece a triagem em massa de alunos e alunas do 6º ano, com o objetivo de identificar aqueles com talento esportivo para receberem bolsas de estudo da instituição, sendo futebol, atletismo, squash, tênis de mesa e esgrima os principais esportes (*Aspire Academy; Søyland, 2020*). Para além do desenvolvimento de atletas de elite para participação em competições esportivas, o projeto “Futebol Combatendo a Malária”, compartilhado pela *Aspire Academy* e a Fundação Lionel Messi, auxilia o Catar na apresentação do país como um bom ator no sistema internacional, um ator que demonstra seus valores políticos e culturais ao assumir a responsabilidade de apoiar países e populações menos favorecidas (*Søyland, 2020*).

Uma das frentes de ação da *Aspire Academy* é o *Aspire Football Dreams* (AFD), projeto que identifica garotos talentosos de 13 anos, nascidos em países em desenvolvimento, e seleciona-os para bolsas de estudo que abrangem educação, treinamento esportivo, suporte social e médico, participação em jogos internacionais amistosos, acomodação e alimentação (*Aspire Football Dreams*). Sendo uma das formas da diplomacia esportiva catari aumentar o *soft power* do país frente aos países do Sul global, o AFD seleciona anualmente entre 18 e 20 jovens da África, América do

Sul, América Central e Ásia a participarem do programa em Doha ou na filial satélite em Senegal (Søyland, 2020). Apesar do Catar possuir a política de naturalização de atletas que discutiremos adiante, o AFD não objetiva atrair jogadores para tal política (Aspire Football Dreams).

Outra frente relevante das fontes de *soft power* presentes na diplomacia esportiva do Catar é a naturalização de atletas estrangeiros, apesar de ser uma prática pouco divulgada pelo governo Catari (Reiche, 2014). Conforme apontado por Søyland (2020), no contexto da globalização, no qual o esporte é um verdadeiro fenômeno global, conquistar medalhas em torneios internacionais pode estar associado a um aumento do prestígio internacional. Elias (2021) aponta que o processo de naturalização pode ser favorável tanto para os países como para os atletas, pois

permite que os Estados aproveitem os sucessos esportivos de atletas estrangeiros de alto nível para aumentar sua competitividade e, assim, prestígio no cenário global na forma de "quadro de medalhas e classificações mundiais da FIFA", enquanto atletas de alto nível têm um caminho mais fácil para a participação em torneios e eventos internacionais ao se prepararem para países esportivos menos competitivos que carecem de estruturas esportivas nacionais sofisticadas.¹¹⁵ (Elias, 2021, p. 7, tradução nossa)

Além disso, Elias (2021) aponta a naturalização de atletas como uma das estratégias do Catar para impulsionar sua reputação internacional, visando obter benefícios socioculturais e econômicos, além de se projetar como um ator relevante no mundo esportivo internacional. Para entendermos a relevância dessa política para a participação esportiva do Catar, os dois primeiros medalhistas olímpicos do país, Mohamed Suleiman (Jogos Olímpicos de Barcelona, 1992) e Said Saif Asaad (Jogos Olímpicos de Sidnei, 2000), nasceram na Somália e Bulgária, respectiva (Reiche, 2014). Outrossim, dos 39 atletas enviados às Olimpíadas do Rio, em 2016, pelo menos 23 passaram pelo processo de naturalização (Finn, 2016).

Outro exemplo expressivo aconteceu no Campeonato Mundial de Handebol Masculino de 2015, realizado no Catar e que teve o país como segundo colocado (Søyland, 2020). Segundo o autor, apenas dois dos seis jogadores titulares do time catari eram nascidos no Catar, sendo o restante da equipe composta principalmente

¹¹⁵ Tradução livre do trecho em inglês: "enable states to build on the sporting successes of foreign-born high-level athletes to enhance their competitiveness and thus prestige on the global stage in the form of 'medal tables and FIFA world rankings', while high-level athletes are provided with an easier path towards participation in international tournaments and events when suiting up for less competitive sporting countries which lack sophisticated domestic sporting structures." (Elias, 2021, p. 7).

por Europeus, Egípcios e Tunisianos naturalizados pela política do país (Søyland, 2020). A equipe foi apenas a terceira equipe não-europeia a disputar uma medalha no campeonato e, diferentemente do que acontece em outros esportes, o handebol permite que os jogadores disputem por diferentes seleções ao longo de sua carreira (BBC, 2015). Para Elias (2021), o processo de naturalização foi

particularmente crucial se considerado o fato de que o Catar havia vencido a licitação para sediar o evento e, portanto, preferiria escalar uma equipe competitiva. Embora o Catar não valesse a pena ser mencionado anteriormente entre as principais seleções de handebol, como demonstrado em desempenhos medíocres nas décadas anteriores, o emirado ficou em 2º lugar em 2015 e, desde então, conseguiu terminar entre os dez primeiros em 2017 e 2021.¹¹⁶ (Elias, 2021, p. 9, tradução nossa)

Apesar de parecer controverso, essa política encontra aval na legislação do país, na Lei Nº 38, de 2005, que versa sobre a aquisição da nacionalidade catari (Elias, 2021). O art. 6 da lei afirma que, por decisão do Emir, a nacionalidade catari pode ser concedida “àqueles que prestaram grandes serviços ao país, ou que têm habilidades específicas das quais o país precisa, ou estudantes que se destacam por mostrarem promissora capacidade científica”¹¹⁷ (UNHCR, 2005, p. 2, tradução nossa). Contudo, essa possibilidade se opõe ao critério sanguíneo adotada como premissa para obtenção da nacionalidade do país e se mostra uma exceção à regra imposta aos habitantes estrangeiros, uma vez que, para se tornarem nacionais do Catar, esses imigrantes devem falar árabe, viverem no país por pelo menos 25 anos consecutivos e terem seus pedidos aprovados diretamente pelo Emir (Søyland, 2020; Finn, 2016).

Outro ponto importante a ser debatido neste trabalho é o fato de que os atletas nacionalizados não possuem os mesmos direitos que os cidadãos nascidos no Catar, com muitos deles recebendo apenas passaportes temporários (Søyland, 2020). Para Finn (2016), essa diferença de tratamento ocorre porque o governo Catari teme que a cidadania completa para os naturalizados aumente suas despesas com educação, saúde e empréstimos, além de haver a preocupação de que os estrangeiros influenciem negativamente a cultura conservadora e o sistema político do país, que

¹¹⁶ Tradução livre do trecho em inglês: “particularly crucial in consideration that Qatar had won the bid to host the event and thus wanted to field a competitive team. While Qatar was previously not worth mentioning among the major handball nations as signified by mediocre performances in the preceding decades, the emirate successfully placed 2nd in 2015 and has since managed to finish among the top ten in both 2017 and 2021.” (Elias, 2021, p. 9).

¹¹⁷ Tradução livre do trecho em inglês: “to those who have rendered great service to the country, or who have particular skills the country need, or students who excel by showing promising scientific ability” (UNHCR, 2005, p. 2).

são estáveis.

Contudo, a política de naturalização de atletas não tem se mostrado de fato efetiva, com o Catar enfrentando dificuldades em alcançar resultados expressivos nos esportes com seus atletas, além de receber críticas da mídia internacional (Reiche, 2014; Elias, 2021). Ao olhar para os resultados dos Jogos Olímpicos do Rio em 2016, Elias (2021) aponta que, apesar da naturalização ter auxiliado o Catar a projetar a imagem de uma nação esportiva com o grande número de jogadores enviados, a conquista de apenas uma medalha mostrou a dificuldade do país em alcançar resultados esportivos.

No caso do Campeonato Mundial de Handebol Masculino de 2015, Elias (2021) afirma que, embora o Catar tenha tido sua melhor participação em termos de sucesso esportivo, o evento foi acompanhado de críticas internacionais sobre o país: o Catar foi acusado debilitar o espírito esportivo e do jogo limpo, além de ser criticado pela dependência excessiva de jogadores estrangeiros. Para Reiche (2014), a imagem do Catar internacionalmente seria melhor se o país buscasse formas de integrar os filhos dos imigrantes que já moram no país em sua sociedade, a fim de ampliar sua pequena base populacional, no lugar de apenas trazer estrangeiros que “não falam árabe nem vivem no país”¹¹⁸ (Reiche, 2014, p. 501, tradução nossa).

A diplomacia esportiva do Catar não teria alcançado a visibilidade internacional que conquistou sem os objetivos de aumentar a diversificação da renda nacional a partir das participações no capital e do patrocínio de clubes de futebol europeu com grande relevância mundial (Elias, 2021). Para Conn (2013), esse envolvimento reflete duas partes da estratégia catari: uma parte ambiciosa, na busca em construir uma economia moderna e com alicerces favoráveis ao Ocidente no futuro e, por outro lado, uma parte defensiva, visando superar a posição de país às sombras da Arábia Saudita.

O principal ator dos investimentos do Catar nos esportes globais é o *Qatar Sports Investment* (QSI), uma das filiais da QIA (Søyland, 2020). Um dos investimentos mais expressivos do QIA foi a compra do clube francês de futebol, *Paris Saint-Germain* (PSG), com a aquisição separada em duas etapas: 70% dos direitos do clube adquiridos em maio de 2011 e o restante – 30% – adquiridos em 2012 por cerca de €30 milhões (Emmet, 2012).

¹¹⁸ Tradução livre do trecho em inglês: “who neither speak Arabic nor live in the country” (Reiche, 2014, p. 501).

Com o objetivo de transformar o PSG em uma marca de €1 bilhão, o QSI quebrou diversos recordes mundiais e nacionais de transferências de jogadores ao adquirir alguns dos maiores talentos futebolísticos (Grix; Brannagan; Lee; 2019). A aquisição dos direitos do jogador brasileiro Neymar Jr. em 2017 com o valor de €222 milhões foi a transferência mais cara registrada até então e a mais expressiva realizada pelo QSI (Lovett, 2017). De acordo com Søyland (2020), outras transferências expressivas foram a do francês Kylian Mbappé (€180 milhões, em 2018), do uruguaio Edinson Cavani (€64,5 milhões, em 2013) e do argentino Ángel Di María (€63 milhões, em 2015). Com esses investimentos e transferências, segundo o autor, o PSG passou a dominar a Ligue 1, primeira liga do futebol francês, vencendo 7 dos 9 campeonatos realizados entre 2012 e 2020 (Søyland, 2020).

Para Elias (2021), a compra do PSG possui um simbolismo importante na diplomacia esportiva do país, simbolismo este exemplificado pela quantidade expressiva de investimentos realizados no time francês. Essa relevância que o governo Catar e o QSI conferiram ao PSG pode ser explicada, segundo Søyland (2020), pelas oportunidades de propagação da marca do Catar e de ampliação de seu *soft power* que o clube oferece devido a sua localização em Paris. Para o autor, “ao associar-se a Paris e à sua cultura, o Catar procura aumentar a sua presença e influência no mundo”¹¹⁹ (Søyland, 2020, p. 43, tradução nossa). Para Gibson (2014, tradução nossa), com a presença do Catar no clube, o clube “foi redefinido com sucesso aos olhos do mundo e – talvez tão importante quanto – aos olhos dos parisienses”¹²⁰.

Os investimentos do Catar em clubes de futebol, ademais, também são realizados por meio de cotas de patrocínio. Em 2010, a *Qatar Foundation* assinou um acordo de 5 anos com o clube espanhol FC Barcelona e se tornou o primeiro patrocinador da camiseta do time, que tinha uma tradição de não negociar cotas de patrocínio (Conn, 2013; Martin, 2016). O contrato, acordado no valor de €30 milhões por ano durante 5 anos, foi o patrocínio de camiseta mais caro do futebol até então, e dois anos depois o acordo foi convertido no primeiro patrocínio corporativo do clube (Conn, 2013; Martin, 2016). Ao término do período de 5 anos, o clube espanhol

¹¹⁹ Tradução livre do trecho em inglês: “by being associated with Paris and its culture, Qatar seeks to increase its presence and influence in the world” (Søyland, 2020, p. 43).

¹²⁰ Tradução livre do trecho em inglês: “has been successfully rebranded in the eyes of the world and – perhaps as importantly – in the eyes of Parisians” (Gibson, 2014).

estendeu o patrocínio por mais um ano, no valor de €35 milhões (Martin, 2016).

Søyland (2020) nos aponta outros acordos de patrocínio firmados entre a companhia aérea *Qatar Airways* e clubes de futebol: o clube italiano AS Roma, com o valor de €40 milhões para três anos (2018-2021); o clube alemão FC Bayern de Munique, com o valor de €10 milhões por ano (2018-2023); e o argentino Club Atlético Boca Junior, com o valor de €5 milhões por ano (2018-2023). Importante ressaltamos, ademais, que as aquisições de direitos de transmissão dos eventos esportivos pela *Al Jazeera*, que discutimos na seção anterior, também configuram parte da estratégia catari de investimentos no esporte mundial.

Por fim, um último aspecto da diplomacia esportiva do Catar é o desejo de posicionar o país como um bom cidadão global aos olhos da audiência internacional, como um país que busca se envolver e investir em causas que vão além de suas fronteiras (Grix; Brannagan; Lee; 2019). A principal frente desse desejo é o envolvimento com iniciativas de integridade esportiva, principalmente a organização sem fins lucrativos *International Centre for Sport Security* (ICSS), organização independente estabelecida em Doha em 2010 (Søyland, 2020).

A organização busca proteger o esporte das ameaças emergentes e futuras, por meio de um time de especialistas em esporte, cooperação internacional, segurança de eventos, política internacional, anticorrupção, integridade esportiva e desenvolvimento socioeconômico (ICSS). Além disso, o ICSS é classificado como uma organização independente pois, apesar do governo catari ter apoiado o estabelecimento do órgão e, atualmente, uma série de organizações governamentais, internacionais e regionais, além da sociedade civil e das corporações, contribuem para a organização e seus programas (ICSS).

O ICSS oferece uma gama de serviços aos governos, organizações internacionais e indústrias esportivas, além de implementar programas sobre segurança e proteção, integridade esportiva e juventudes (ICSS). A organização também realiza o ICSS's Securing Sport Symposium, realizado anualmente no Catar, uma plataforma para os formadores de política internacionais avançarem seus conhecimentos sobre segurança, proteção e integridade do esporte (Grix; Brannagan; Lee; 2019).

O governo catari e o ICSS também uniram esforços a outras 20 organizações para a criação do *Sport Integrity Global Alliance* (SIGA), a primeira organização internacional dedicada à integridade esportiva independente e autofinanciada

(Søyland, 2020). Atualmente, com mais de 100 membros, apoiadores e parceiros, a SIGA busca uma prática esportiva fundada nos mais altos padrões de integridade, livre de qualquer forma de atividade antiética ou criminosa (SIGA). Visando fornecer liderança global, as áreas de atuação da aliança são: boa governança esportiva, integridade financeira e transparência no esporte, integridade em apostas esportivas e desenvolvimento juvenil (SIGA).

A partir dessas frentes da diplomacia esportiva e do *soft power* adotado pelo Catar, Grix, Brannagan e Lee (2019) sintetizam as estratégias utilizadas pelo país, bem como os recursos usufruídos para alcance destas: (1) distanciar o Catar da imagem conflituosa que seus vizinhos possuem no cenário internacional e (2) promover as características cultural do país através da hospedagem de eventos e megaeventos esportivos; (3) aumentar a conscientização sobre as conquistas do Catar, por meio dos patrocínios esportivos, da *Aspire Academy* e da hospedagem da Copa do Mundo FIFA de 2022; (4) demonstrar a dedicação do Catar com os valores globais, através da integridade e do humanitarismo esportivo, bem como das conferências e fóruns internacionais; e (5) adquirir investimentos estrangeiros por meio da aquisição do *Paris Saint-Germain* e da *beIN Sports*.

Para Søyland (2020), as estratégias de diplomacia esportiva utilizadas pelo Catar buscam construir imagens positivas de um país moderno, amigável e confiável ao estar associado com os esportes globais. O aspecto mais notório dessa estratégia foi a hospedagem da Copa do Mundo FIFA de 2022 que, para Conn (2013, tradução nossa), foi “fruto do esforço ousado do Catar para se tornar conhecido: construção da nação através do futebol, com dinheiro e numa escala sem precedentes”¹²¹. É sobre esse evento de grandes magnitudes que discutiremos no próximo capítulo.

2.3 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Este segundo capítulo analisou as nuances do Catar no período pós-independência, bem como de sua política externa e de sua diplomacia esportiva. Na primeira seção, objetivamos contextualizar o leitor a respeito do histórico, cenário político interno, papel regional, expansão internacional e metas futuras do país, buscando compreender a posição ocupada por ele no final do século XX e início do

¹²¹ Tradução livre do trecho em inglês: “fruition of Qatar's bold effort to make itself known: nation-building through football, with money and on a scale unprecedented” (Conn, 2013).

século XXI. Na segunda seção, destrinchamos os aspectos da diplomacia esportiva catari, abordando sua participação em competições internacionais, hospedagem de eventos esportivos, investimentos no esporte global, naturalização de atletas, desenvolvimento de atletas de elite e integridade esportiva.

CAPÍTULO 3 – A COPA DO MUNDO FIFA 2022 NO CATAR

Neste terceiro e último capítulo, concentraremos nossa discussão sobre o Catar e a Copa do Mundo FIFA de 2022, perpassando pelas vantagens e as controvérsias que surgiram ao longo dos últimos anos. O capítulo está dividido em três seções: na primeira, nossos apontamentos buscam compreender os aspectos positivos e negativos vivenciados pelo Catar ao atrair um evento com esta magnitude a seu país; a segunda se concentra na visão internacional sobre o evento e o país, apontando suas preocupações e críticas; por fim, a terceira seção finaliza o capítulo com uma breve conclusão sobre os argumentos apresentados.

3.1 VANTAGENS E DESVANTAGENS DO CATAR COMO PAÍS-SEDE

Para Grix, Brannagan e Lee (2019, p. 6, tradução nossa), apesar do Catar ser um país estável domesticamente, sem a ocorrência dos conflitos observados em outras partes do Oriente Médio, “a sua relativa proximidade a estes países pode vir a ter um impacto significativo e negativo na sua imagem global”¹²². Nesse sentido, para os autores, uma forma de superar esse impacto negativo é sediar eventos e megaeventos esportivos, que “alcançam um público amplo”¹²³ e auxiliam a transformar a imagem que o público internacional possui do Catar (Grix; Brannagan; Lee, 2019, p. 6, tradução nossa).

Em dezembro de 2010, o então presidente da FIFA, Joseph Blatter, anunciou que a Copa do Mundo de 2022 seria realizada no Catar, após o país ter eliminado os candidatos Estados Unidos, Austrália, Coreia do Sul e Japão, no que se tornaria a primeira edição do torneio realizada no Oriente Médio (Jackson, 2010). A candidatura do Catar se concentrou em argumentar sobre a possibilidade de a FIFA fazer a aposta ousada de levar o campeonato a uma região que estava começando a emergir como um destaque esportivo no mundo (Jackson, 2010). De acordo com Søyland (2020), o Catar é a menor nação, em termos de população e tamanho territorial, a sediar o evento, e possui pouca história e cultura com o futebol.

¹²² Tradução livre do trecho em inglês: “its relative close proximity to these countries can come to significantly and negatively impact its global image” (Grix; Brannagan; Lee; 2019, p. 6).

¹²³ Tradução livre do trecho em inglês: “reach a wide-ranging audience” (Grix; Brannagan; Lee; 2019, p. 6).

Reiche (2014) aponta que a principal razão para o Catar avançar em sua diplomacia esportiva e sediar um evento dessa magnitude é a busca pela diversificação da economia. O autor aponta que, devido ao país possuir baixas taxas de desemprego e um dos maiores PIBs per capita do mundo, ele será capaz de continuar com seus altos níveis de gastos públicos nas próximas décadas (Reiche, 2014). Contudo, tanto o Catar como os outros países do Oriente Médio em algum momento enfrentarão o fim dos combustíveis fósseis e seria menos custoso iniciar uma transformação incremental agora, do que realizar uma mudança radical no futuro (Reiche, 2014).

Para Kamrava (2013), apesar das elites que governam os países da região terem se mostrado adaptáveis e capazes de sobreviver, a habilidade de navegar pela era posterior ao petróleo, bem como a aplicação de reformas de longo alcance, são um tanto quanto questionáveis. Nesse sentido, Reiche (2014, p. 496, tradução nossa) aponta que “o desenvolvimento de um centro esportivo regional, continental e internacional é um passo importante na diversificação da economia do Catar e na sua transformação gradual numa economia pós-hidrocarbonetos”¹²⁴.

Além disso, Reiche (2014) destaca o potencial de atrair novas fontes de renda que os megaeventos esportivos possuem, através do estímulo do turismo, da venda de ingressos e de direitos de transmissão, bem como da atração de investimentos estrangeiros. Dessa forma, apesar de fatores econômicos configurarem um dos aspectos do *hard power*, essas novas fontes de renda são consequências da maior visibilidade que o país-sede de um megaevento esportivo possui e, portanto, exemplificam as oportunidades de *soft power*.

O autor também destaca, ainda, a necessidade de sediar eventos esportivos internacionais e eventos culturais como uma forma de atrair trabalhadores estrangeiros especializados para seu mercado, que complementem a baixa oferta de cidadãos catari (Reiche, 2014). Para ele, os trabalhadores braçais são atraídos devido ao valor dos salários em comparação com seus países de nascimento, mas os profissionais que realizam trabalhos administrativos, de gerência e especializados buscam, mais do que uma remuneração lucrativa, outros aspectos que os atraiam (Reiche, 2014).

¹²⁴ Tradução livre do trecho em inglês: “developing into a regional, continental and international sports hub is a major step in diversifying Qatar’s economy and gradually transforming into a post-hydrocarbon economy” (Reiche, 2014, p. 496).

Outros pontos importantes da estratégia do Catar em sediar a Copa do Mundo FIFA de 2022, apontados por Brannagan e Giulianotti (2014), são: (1) a busca pela supremacia e segurança do Catar como um microestado e (2) a projeção internacional de paz, segurança e integridade. O primeiro tema, a busca pela supremacia e segurança do Catar como um microestado, reflete a “consciência glocal do Catar, ao reconhecer como o Estado-nação e a região mais ampla tendem a ser retratados ou vistos num contexto global”¹²⁵ e o objetivo de aumentar o *soft power* do país através de sua reputação e atratividade no cenário internacional (Brannagan; Giulianotti; 2014, p. 6, tradução nossa).

Ao buscar se destacar internacionalmente, o Catar promove uma imagem de um país competente, profissional, tecnológico e beneficente globalmente, o que auxilia a melhorar a visão que os outros países, especialmente ocidentais, têm dele e, por consequência, da região (Brannagan; Giulianotti; 2014). Os autores afirmam que

Para as autoridades do Catar, o envolvimento bem-sucedido com – e a liderança de – o esporte global é um dos mecanismos mais eficazes para promover uma melhor compreensão das culturas árabe e oriental e para demonstrar o que as sociedades ‘orientais’ têm a oferecer em termos sociopolíticos.¹²⁶ (Brannagan; Giulianotti; 2014, p. 6, tradução nossa)

Apoiando-nos no Construtivismo de Wendt (1999), a partir do interesse nacional de melhorar a percepção internacional sobre o país, o Catar promove esta imagem apontada por Brannagan e Giulianotti (2014) com o objetivo de criar a identidade de um país alinhado com as boas práticas globais. Por consequência, a projeção esportiva internacional do Catar expande a compreensão das culturas árabe e oriental, audaciosamente buscando alterar o entendimento ocidental de tais culturas e, assim, transformar a identidade conflituosa que o Oriente Médio carrega no cenário internacional (Wendt, 1999).

O segundo ponto, que versa sobre a projeção de paz, segurança e integridade do Catar, destaca que as sociedades ocidentais possuem uma visão generalizada do Oriente Médio. Brannagan e Giulianotti (2014), durante sua pesquisa acadêmica, entrevistaram diversas autoridades do Catar e um de seus entrevistados chamou

¹²⁵ Tradução livre do trecho em inglês: “Qatar’s glocal consciousness, in recognizing how the nation-state and the wider region tends to be portrayed or viewed in a global context” (Brannagan; Giulianotti; 2014, p. 6).

¹²⁶ Tradução livre do trecho em inglês: “For Qatari authorities, successful engagement with – and leadership of – global sport is one of the most effective mechanisms for promoting better understandings of Arab and Eastern cultures and for demonstrating what ‘Oriental’ societies have to offer in socio-political terms.” (Brannagan; Giulianotti; 2014, p. 6).

atenção ao fato de que, sobre o Oriente Médio, os ocidentais conhecem apenas o que veem nas notícias, que em grande maioria são os acontecimentos mais infelizes, noticiados de forma ampliada ou sensacionalista. Dessa forma, existe uma visão generalizada, que enxerga o Oriente Médio apenas como uma região de guerras e conflitos civis, pois esse é o cenário retratado nos noticiários e em filmes (Brannagan; Giulianotti; 2014).

Nesse sentido, as autoridades cataris visualizaram na possibilidade de sediar a Copa do Mundo a oportunidade de criar uma plataforma de comunicação global que voltasse os holofotes ocidentais a aspectos poucos abordados do Oriente Médio, de forma a desconstruir a visão generalizada e conflituosa que existe sobre a região (Brannagan; Giulianotti; 2014). Dessa forma, o evento se mostrou uma oportunidade do Catar se lançar no cenário internacional, aumentando a credibilidade e confiança sobre ele, ao passo que auxiliava a transformar a imagem internacional da região como um todo.

Uma quarta vantagem observada pelo Catar com a hospedagem da Copa do Mundo FIFA de 2022 foi a aceleração do desenvolvimento da infraestrutura do país. Para Reiche (2014), investir no esporte é, também, uma ferramenta de desenvolvimento para melhorar a infraestrutura dos países, especialmente os emergentes. O autor aponta que essa infraestrutura se refere àquela relacionada ao esporte, como estádios, e àquela relacionada à cidade, como estradas, ferrovias, aeroportos, portos, telecomunicações, hotéis e outras instalações que aumentam o investimento estrangeiro no país e o turismo (Reiche, 2014).

Segundo o ministro de Finanças do Catar que atuou na preparação para o evento, Ali Shareef Al-Emadi, a estimativa era de que o país gastasse US\$ 200 bilhões em estradas, rodovias, hospitais e um novo aeroporto, com um gasto semanal de cerca de US\$ 500 milhões (ESPN, 2017). Reiche (2014) também nos aponta que a realização do evento colocou um limite para a finalização das obras de infraestrutura do país, como é o caso da construção de um sistema de metrô em Doha. Inicialmente, a primeira fase do projeto, que conecta todos os estádios utilizados na Copa do Mundo, seria concluída apenas após 2022, mas a necessidade do sistema durante o evento adiantou as obras e sua inauguração, que aconteceu em dezembro de 2019 (Reiche, 2014; France 24, 2019).

Um dos grandes problemas enfrentados por países emergentes ao se tornarem sede de megaeventos esportivos é o fenômeno chamado “elefantes brancos”,

observado após a realização da Copa do Mundo de 2010, na África do Sul, e de 2014, no Brasil (REICHE, 2014, p. 490). A expressão é utilizada para se referir à infraestrutura construída para os eventos que custaram um grande dinheiro público e que não foram mais utilizadas após a realização dos eventos.

Buscando evitar esse fenômeno, o Catar estabeleceu que dissolveria parte dos estádios construídos, pois eles não seriam mais necessários após a Copa do Mundo, e doaria parte do material a países em desenvolvimento (Reiche, 2014). Toda a infraestrutura utilizada para criação dos novos estádios seria ecologicamente correta e sustentável para uso futuro, com os estádios tendo designs modulares que possibilitariam a doação de 170 mil assentos, para países que carecem de infraestrutura esportiva que poderiam utilizá-los para a construção de instalações esportivas, após o evento (Søyland, 2020)¹²⁷.

Conforme apontado por Søyland (2020), o estádio Ras Abu Aboud foi construído principalmente com contêiners de transportes e seria a primeira instalação construída para uma Copa do Mundo a ser totalmente desmontada após o torneio. Além deste exemplo, os estádios foram construídos com diversas tecnologias: utilização de partes recicladas e reutilizadas sempre que possível; soluções de eficiência energética e hídrica, como reutilização do ar-condicionado e geração de energia solar; e combinação de resfriamento e eficiência energética com tetos removíveis, que permitem que os estádios sejam utilizados o ano todo – na próxima subseção, abordadores sobre as baixas temperaturas do Catar (Søyland, 2020).

Ao utilizar recursos ecologicamente corretos e sustentáveis, doar partes individuais utilizadas na construção dos estádios e, ainda, reutilizar diversos materiais para construção e reforma de instalações comunitárias, como hospitais, escolas e hotéis, o Catar mostra ao mundo como os megaeventos esportivos, como a Copa do Mundo, “podem ser mais amigáveis com o meio ambiente e ter resultados positivos tanto para a sua própria sociedade como para outros países do mundo”¹²⁸ (Søyland,

¹²⁷ Conforme apontado pelo Prof. Dr. Fausto Mascia, da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (EPUSP), o design modular apresenta-se “como uma estratégia para construir sistemas ou produtos complexos, a partir de subsistemas que podem ser desenvolvidos individualmente, mas que funcionam como um conjunto integrado”. A utilização do design modular na construção dos estádios da Copa do Mundo FIFA de 2022 possibilitou a remoção dos assentos e outras partes a serem doadas, uma vez que elas foram desenvolvidas individualmente. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5680914/mod_resource/content/1/200915_2721_A5design_modular.pdf>. Acesso em: 25 set. 2024.

¹²⁸ Tradução livre do trecho em inglês: “can be more environmentally friendly and have positive outcomes for both their own society and other countries in the world” (Søyland, 2020, p. 24).

2020, p. 24, tradução nossa).

Dessa forma, podemos perceber que o

O Catar está utilizando a diplomacia esportiva para construir relações com outros países, doando partes de seus estádios para países que não têm instalações esportivas e, ao se concentrar em ter uma Copa do Mundo sustentável, eles buscam ganhar admiração e atração globais¹²⁹ (Søyland, 2020, p. 42, tradução nossa).

Uma última grande vantagem para o Catar com a realização da Copa do Mundo FIFA de 2022, e uma de suas estratégias elaboradas, é a promoção internacional do turismo do país. A *Qatar Tourism Authority* (QTA) é a instituição oficial do governo catari responsável pelo crescimento turismo no país e foi criada em 2010 com o objetivo de promover o Catar regional e internacionalmente como um destino de qualidade tanto para viagens de negócios, como também para viagens a lazer – cultural, esportivo ou educacional (Grix, Brannagan, Lee, 2019; *Qatar Tourism*). Ao apontar a ambiciosa meta de atrair 6 milhões de turistas internacionais por ano em 2030, que faria o Catar o destino com crescimento mais rápido do Oriente Médio, a QTA busca “impulsionar toda a cadeia de valor do turismo, aumentar a procura de visitantes locais e internacionais, atrair investimento interno e impulsionar um efeito multiplicador em toda a economia nacional”¹³⁰ (*Qatar Tourism*, tradução nossa).

Para Reiche (2014), sendo o Catar um pequeno país no deserto, poucas pessoas viajariam a ele sem a oferta dos eventos esportivos. Nesse sentido, tais eventos colocaram o Catar no mapa dos potenciais destinos de viagens a laser (Reiche, 2014). Para Grix, Brannagan e Lee (2019), a hospedagem de eventos como a Copa do Mundo pretendem introduzir o Catar a mais pessoas ao redor do mundo, uma vez que as ajuda a descobrir o que o país tem a oferecer. Reiche (2014) destaca que, além dos turistas comuns, os megaeventos esportivos atraem a visita de chefes de Estado, que viajam para apoiar seus times nacionais e se beneficiar dos holofotes do evento.

Em 2018, o então presidente da QTA, Hassan Abdulrahman al-Ibrahim, discorreu sobre a importância de sediar a Copa do Mundo FIFA em uma entrevista

¹²⁹ Tradução livre do trecho em inglês: “Qatar is utilising sport diplomacy to forge relations with other countries, by donating parts of their stadiums to countries who lack sporting facilities, and by focusing on having a sustainable World Cup they seek to gain global admiration and attraction” (Søyland, 2020, p. 42).

¹³⁰ Tradução livre do trecho em inglês: “to boost the entire tourism value chain, grow local and international visitor demand, attract inward investment, and drive a multiplier effect across the domestic economy” (*Qatar Tourism*).

para a *SBC International*. De acordo com Abdulrahman, o Catar tem sido a capital dos megaeventos nas duas décadas antecedentes ao campeonato, com destaque para o sucesso alcançado desde os Jogos Asiáticos de 2006 e a Copa da Ásia de Futebol de 2011, que auxiliou a posicionar o país como um destino internacional (*SBC International*). Para Abdulrahman, o Catar foi capaz de capitalizar investimentos e públicos nos eventos MICE (*Meeting, Incentives, Conferences and Events* – sigla internacional que significa Reuniões, Incentivos, Conferências e Eventos), além ser promovido como um destino de lazer (*SBC International*) Nesse sentido, havia chegado a hora de

diversificar além de apenas esportes e MICE e impulsionar mais a agenda de lazer. E, agora, com a Copa do Mundo chegando, estamos tentando usar esta oportunidade para promover o Catar como um destino, não apenas para os mercados que se classificarão para a Copa do Mundo, mas também para os outros mercados.¹³¹ (*SBC International*, 2018, p. 3, tradução nossa)

Assim, entendemos que a escolha do Catar de se candidatar a país-sede da Copa do Mundo FIFA de 2022 está inserida em uma estratégia de diplomacia esportiva de aumento do *soft power* do país no cenário regional e internacional, sendo uma das aplicações dessa estratégia a hospedagem de megaeventos esportivos. Dessa forma, nessa subseção pudemos entender os motivos pelos quais a Copa do Mundo de 2022 está no centro de toda a diplomacia esportiva do país, devido a sua relevância e às oportunidades que advém da realização de um evento dessa magnitude em seu território.

Retornando à literatura utilizada nesta seção, Elias (2021, p. 11, tradução nossa) aponta que os esforços do Catar podem ser vistos como uma estratégia para alcançar as vantagens do turismo, dos investimentos estrangeiros e dos trabalhadores especializados, ao passo que auxiliam a “promover relações positivas e contato com parceiros globais e potenciais concorrentes”¹³². Para Søyland (2020), como país-sede da Copa do Mundo FIFA de 2022, o Catar teve a incrível oportunidade de aumentar seu *status* no mundo e, ao estabelecer novas relações com os países, criar impressões favoráveis entre o público estrangeiro.

¹³¹ Tradução livre do trecho em inglês: “diversify away from just sports and MICE and to push more the leisure agenda. And now with the World Cup coming, we are trying to use this opportunity to promote Qatar as a destination, not just towards the markets that will qualify for the World Cup, but also to the other markets.” (*SBC International*, 2018, p. 3).

¹³² Tradução livre do trecho em inglês: “to foster positive relations and liaison with global partners and potential competitors” (Elias, 2021, p. 11).

Reiche (2014) também destaca que a promoção do sucesso esportivo do Catar – em termos de hospedagem de megaeventos, atração de atletas de elite para a nacionalização, desenvolvimento de novos atletas e investimentos no esporte internacional – auxilia a fortalecer o país e contribui para a segurança nacional e a manutenção do poder da família governante. Nesse sentido, a dedicação ao processo de diversificação econômica, por exemplo, demonstra que a família Al Thani está comprometida com a busca por novas oportunidades e possibilidade de manter o alto padrão de vida dos cidadãos cataris.

Como discutimos no primeiro capítulo, o esporte é uma das grandes ferramentas de aumento do *soft power* de um país, capaz de auxiliar no alcance dos objetivos geopolíticos, uma vez que atrai e engaja as massas e, por consequência, podem influenciar seus líderes políticos (Reiche, 2014). Reiche (2014) aponta que, diferentemente dos objetivos de países emergentes como Brasil e África do Sul ao sediarem megaeventos esportivos, que visavam se tornar um poder regional, a preocupação com o Catar era aumentar sua segurança nacional como um país de pequenas proporções.

Além disso, os autores também destacam a busca por se distanciar de seus vizinhos regionais e se posicionar como uma potência no Golfo Pérsico e no Oriente Médio. Para Søyland (2020, p. 42, tradução nossa), ao sediar a Copa do Mundo, o Catar deseja mostrar seu poder econômico, político e cultural, o que pode “reforçar a sua reputação como um país estável e moderno numa região que é vista como atrasada por muitos ocidentais”¹³³.

Faz-se necessário, também, compreendermos a estratégia do Catar sobre a ótica do construtivismo de Wendt (1999), que analisamos no capítulo 1. A utilização da diplomacia esportiva e, sobretudo, do futebol pelo país representou uma grande mudança em sua atuação internacional e seus objetivos de política externa. De acordo com Murray (2020), uma das formas de aplicação da diplomacia esportiva é com a finalidade de expressar a cultura de uma nação, a partir de um interesse nacional de expor ao mundo uma prática doméstica do país, como é o caso de Austrália e Estados Unidos, por exemplo. Em outras palavras, quando o esporte é presente no dia a dia do país em todas as suas esferas, ele pode ser projetado internacionalmente como forma de reconhecimento da cultura nacional e propagação da marca do país.

¹³³ Tradução livre do trecho em inglês: “bolster their reputation as a stable and modern country in a region which are perceived as backwards by many westerners” (Søyland, 2020, p. 42).

Contudo, a partir dos escritos apresentados neste trabalho, os registros não comprovam que o Catar possuía uma grande tradição esportiva anterior à década de 70. A partir disso, podemos nos apoiar na teoria construtivista de Wendt (1999) para entendermos o envolvimento do país no cenário esportivo internacional. Para Wendt, as ideias constroem os interesses de um país que, por sua vez, constroem as identidades. Dessa forma, ao entendermos a estratégia do governo catari como a aplicação de um interesse nacional em criar internacionalmente a imagem de uma nação amigável, receptiva e inovadora a partir do esporte, o sucesso dessa estratégia refletir-se-á na criação de uma identidade catari amigável, receptiva e inovadora.

Ou seja, a partir do interesse de criar a imagem de um país alinhado com as boas práticas internacionais, o Catar utiliza o esporte e seus mais diversos mecanismos para projetar essa imagem no cenário internacional. Uma vez que a identidade, conforme Wendt (1999) aponta, apenas é construída a partir da percepção do outro nas relações estabelecidas em sociedade, quando a opinião pública internacional visualiza o Catar como um país amigável e alinhado com as boas práticas internacionais, o interesse nacional se transforma em uma identidade percebida internacionalmente. Assim, a identidade é construída a partir do interesse próprio, independentemente de qual seja esse interesse, e da percepção do outro. Em nossa última subseção deste capítulo e deste trabalho, discutiremos se esse objetivo do governo catari se converteu, de fato, em uma identidade percebida no cenário internacional.

3.2 O SPORTSWASHING E A COPA DO MUNDO FIFA DE 2022

Nesta última seção, discutiremos sobre as controvérsias que circundam a Copa do Mundo FIFA de 2022, realizada no Catar, com o objetivo de entender se a realização do evento foi mais benéfica ou prejudicial para o país. Para Elias (2021), o impacto positivo do megaevento, previsto e esperado pelas autoridades esportivas cataris, é um tanto questionável, pois os objetivos de melhorar a imagem internacional do país como uma nação esportiva, aumentar os investimentos estrangeiros e impulsionar o turismo foram prejudicados por uma série de fatores.

Conforme compreendemos no capítulo 1, Brannagan e Giulianotti (2014) conceitualizam o *soft disempowerment* como o outro lado do *soft power*, que ocorre quando, no lugar de aumentar seu poder de atratividade internacional, um Estado

perturba, ofende ou aliena os outros, resultando em uma perda da atratividade e/ou da influência. Os aspectos prejudiciais para o *soft power* do Catar que discutiremos nessa subseção é um compilado dos aspectos apontados por Brannagan e Giulianotti (2014) e pelos outros atores utilizados nesta pesquisa. Ao final dessa apresentação, poderemos entender se a Copa do Mundo de 2022 foi benéfica para o Catar ou se configurou uma estratégia de *sportswashing*.

Assim que o Catar foi escolhido como país-sede do evento, surgiram questionamentos sobre sua improvável vitória no processo de licitação, devido ao fato de que o país nunca havia sequer participado de uma Copa do Mundo e figurava como 94ª seleção no ranking da FIFA (Harvey, 2011). Em 2014, o jornal *The Times* teve acesso a milhares de documentos que expuseram que a vitória catari para sediar o torneio de 2022 foi possível devido a uma campanha secreta de Mohamed bin Hammam, o principal nome do futebol do país (Calverte; Blake; 2014).

De acordo com os documentos, bin Hammam teria realizado dezenas de pagamentos que, juntos, totalizaram mais de US\$ 5 milhões a dirigentes de alto escalão do futebol com o objetivo de criar apoio ao plano catari (Calverte; Blake; 2014). Mohamed bin Hammam presidiu a Confederação Asiática de Futebol entre 2002 e 2011 e, em 2011, anunciou sua candidatura a presidente da FIFA, com a promessa de atribuir maior transparência ao bloco (*The Guardian*, 2014). Bin Hammam retirou sua candidatura três dias antes da votação e antes do comitê de ética da FIFA anunciar sua suspensão devido a alegações de que ele teria subornado 25 membros da União Caribenha de Futebol, em um total de US\$ 1 milhão (*The Guardian*, 2014).

Em julho de 2012, bin Hammam foi banido perpetuamente pela FIFA de qualquer atividade relacionada ao futebol, mas a decisão foi revertida pelo tribunal de arbitragem do esporte, que afirmou não haver evidências suficientes para a punição (*The Guardian*, 2014). Em dezembro do mesmo ano, o executivo renunciou a todos os seus cargos no futebol, antes de ser novamente banido perpetuamente de qualquer atividade ligada ao futebol pelo comitê de ética da FIFA, decisão que, desta vez, foi mantida (*The Guardian*, 2014).

Conforme apontado por Calverte e Blake (2014), após o primeiro banimento de bin Hammam, o comitê catari de candidatura o repudiou rapidamente. Contudo, os documentos vazados mostraram um contato próximo entre o executivo e os líderes da candidatura do Catar, com a organização de uma excursão luxuosa pega pela

equipe de 2022. Em 2015, os advogados da FIFA secretamente admitiram em documentos judiciais secretos que Mohamed bin Hammam desempenhou um papel fundamental na realização da Copa do Mundo FIFA de 2022 no Catar (Calverte; Blake; 2015).

Em 2017, uma testemunha afirmou que Julio Grondona, que ocupava cargo executivo na FIFA e presidia a Associação Argentina de Futebol (AFA) até sua morte em 2014, teria recebido pelo menos US\$ 1 milhão em propina para votar no Catar como país-sede da Copa do Mundo FIFA de 2022 (Laughland, 2017). De acordo com a testemunha, outros dois executivos sul-americanos da FIFA também teriam recebido US\$ 1 milhão cada um pelos seus votos no Catar: o brasileiro Ricardo Teixeira e o paraguaio Nicolas Leoz, ambos indiciados por promotores estadunidenses em 2015, mas conseguiram evitar a extradição de seus países de origem (Dunbar; Harris; 2017).

Em abril de 2020, o Departamento de Justiça dos Estados Unidos alegou, pela primeira vez, que representantes do Catar subornaram autoridades da FIFA para garantir o direito de sediar a competição de 2022. As descobertas fazem parte de uma grande investigação que condenou vários dirigentes e executivos de futebol (Panja; Draper; 2020). Em resposta, o comitê catari organizador do evento negou as alegações presentes nos documentos publicizados pelos EUA, afirmando que tais documentos fazem parte de um processo maior de investigação, que não está relacionado com a votação para a Copa do Mundo FIFA de 2022 (Al Jazeera, 2020).

Outra autoridade catari relevante no cenário esportivo mundial é Nasser Al-Khelaifi, presidente do Paris Saint-Germain e da *beIN sports*, além de ser membro do comitê executivo da UEFA (Søyland, 2020). Em 2020, Al-Khelaifi e o ex-secretário-geral da FIFA, Jerome Valcke, foram acusados de corrupção na compra dos direitos de transmissão televisiva das Copas do Mundo FIFA de 2026 e 2030 (Associated Press, 2020). De acordo com as acusações, Valcke teria concedido os direitos de transmissão no Oriente Médio e Norte da África dessas duas edições à *beIN sports*, em troca de benefícios prometidos por Al-Khelaifi (Associated Press, 2020).

Outro aspecto que se mostrou um fator de *soft disempowerment* foi a necessidade de construção de estádios, sistemas de metrô e, inclusive, uma nova cidade construída especialmente para o evento, Lusail. Enquanto vimos na seção anterior que a Copa do Mundo acelerou o desenvolvimento da infraestrutura do Catar, ao mesmo tempo nos deparamos com custos exorbitantes que rondaram os US\$ 200 bilhões para a preparação do evento (ESPN, 2017).

De acordo com Søyland (2020), os países que competiam com o Catar pelo objetivo de sediar a competição – Austrália, Coréia do Sul, Estados Unidos e Japão – já possuíam grande parte da infraestrutura necessária para o evento, enquanto os gastos do país do Oriente Médio para construção dessa infraestrutura foram exorbitantes. A cidade de Lusail, localizada a cerca de 14 quilômetros ao norte do centro de Doha e que abrigou as cerimônias de abertura e de encerramento da competição, recebeu um estádio e um complexo residencial, com capacidade para mais de 86 mil e 200 mil pessoas, respectivamente (Harvey, 2011). Dessa forma, uma série de recursos financeiros, materiais e humanos foram gastos para construção de uma cidade desnecessária para o país.

As condições climáticas do verão catari também preocuparam analistas esportivos e especialistas em saúde logo após o anúncio do país-sede, que apontaram os perigos de expor os atletas às altas temperaturas dessa época do ano (Elias, 2021). Tradicionalmente, a Copa do Mundo FIFA é realizada nos meses de verão no hemisfério norte, em junho e julho, porém o Catar costuma experimentar temperaturas acima de 50 °C no período (Søyland, 2020).

Conforme apontado por Elias (2021), o Diretor Médico da FIFA afirmou que realizar o evento nessas condições representaria um grande risco para os atletas e fãs. Inclusive, um dos motivos apontados pelo Comitê Olímpico Internacional ao eliminar a candidatura de Doha como possível sede das Olimpíadas de 2020 foi a preocupação com a saúde dos atletas frente ao calor excessivo (Reiche, 2014). Contudo, o comitê catari organizador da Copa do Mundo FIFA de 2022 alegou que o país teria condições de sediar o evento, inclusive no verão, pois utilizaria uma tecnologia de resfriamento da temperatura dos estádios com ares-condicionados, evitando, assim, problemas com o calor (Søyland, 2020; Gibson, 2015).

A solução encontrada pela FIFA, anunciada apenas em março de 2015, foi de realizar o evento no inverno catari, entre novembro e dezembro, que possui temperaturas em torno dos 25 °C e 29°C (Borden, 2015; Gibson, 2015). De acordo com Borden (2015), esse movimento havia sido esperado desde pouco tempo após o anúncio do Catar como país-sede, com o conhecimento por parte dos oficiais da FIFA de que realizar o evento no verão no golfo pérsico seria imprudente.

Para Elias (2021), as preocupações com as temperaturas do verão catari foram solucionadas com o adiamento do evento, mas os danos à reputação do país já haviam sido causados. O objetivo de promover o Catar como um possível destino de

férias de verão foi colocado em xeque com a decisão da FIFA, uma vez que a adequação do país às condições climáticas do período não se mostrou efetiva (Elias, 2021).

Além disso, a alteração das datas da Copa do Mundo causou descontentamento em diversos atores esportivos internacionais, uma vez que, por consequência, grande parte dos calendários esportivos nacionais e regionais precisaram ser alterados. Segundo Søyland (2020), os primeiros críticos alegaram que o Catar adquiriu os direitos para sediar o evento com a premissa de que eles se candidataram para sediar o evento no verão.

A decisão de alterar as datas do torneio desagradou parceiros importantes da FIFA, principalmente as federações europeias, pois implicaria em uma interrupção de seus calendários no período da competição (Borden, 2015). A própria UEFA, organização máxima de futebol da Europa, precisaria alterar o calendário da temporada 2022-23 da *UEFA Champions League*, que deveria iniciar mais cedo ou terminar mais tarde naquela temporada (Borden, 2015). A Associação de Clubes Europeus chegou a demandar uma compensação financeira pela alteração, mas a FIFA negou, afirmando que a UEFA já havia aceitado as novas datas da competição (Søyland, 2020).

Outro ator que se mostrou insatisfeito com a realização da Copa do Mundo entre novembro e dezembro foi a companhia televisiva Fox, que detinha os direitos de transmissão do evento nos Estados Unidos (Borden, 2015). A companhia chegou a ameaçar que realizaria uma ação legal contra a FIFA, pois as novas datas do torneio mundial coincidiriam com a temporada de futebol americano, também transmitida pela Fox nos EUA (Borden, 2015; Søyland, 2020). Visando evitar a ação legal, a FIFA estendeu os direitos de transmissão da Fox, atribuindo-lhe mais facilmente a transmissão da Copa do Mundo FIFA de 2026 (*Press Association*, 2015).

Além dos problemas de corrupção descobertos na escolha do Catar como país-sede da Copa do Mundo FIFA de 2022, o país também é alvo de denúncias de violação de *fair play*¹³⁴ nos investimentos feitos no *Paris Saint-Germain*. Para Elias (2021), os

¹³⁴ Em sua tradução literal “jogo limpo”, o *fair play* é entendido neste trabalho como a ética no esporte, que busca manter o espírito esportivo nas competições. A utilização do termo *fair play* financeiro refere-se às regras que visam as boas práticas e o controle financeiro dos clubes, para que sua situação financeira seja sustentável no longo prazo (Lourenço, 2014). Disponível em: <<https://ge.globo.com/sp/futebol/noticia/2024/09/06/fair-play-financeiro-para-que-serve-e-como-funciona.ghtml>>. Acesso em 29 set. 2024.

investimentos do país no clube francês fortaleceram o desempenho do time e, assim, conquistou simpatia entre os fãs, mas a prática é vista negativamente e entendida por muitos como uma ameaça à integridade do futebol.

Em um primeiro momento, as cotas de patrocínio das organizações cataris no clube francês foram vistas como uma ameaça ao *fair play* financeiro (Conn, 2018). Segundo Conn (2018), uma investigação conduzida pelo órgão de controle financeiro da UEFA (CFCB, do inglês *Club Financial Control Body*) em 2014 determinou a aplicação de sanções contra o PSG, pois o valor real de patrocínio da *Qatar Tourism Authority* (QTA) estava abaixo do divulgado pelo clube. Ao contratar uma empresa de marketing independente para avaliar o acordo entre o PSG e a QTA, chegou-se à conclusão de que o clube teria encomendado sua própria avaliação e negociado as cotas de patrocínio por um valor injusto (Conn, 2018).

Outro ponto que chamou a atenção foram os gastos exorbitantes com transferências realizadas pelo PSG desde sua aquisição pelo Catar (*The Economic Times*, 2017). De acordo com Søyland (2020), as regras de *fair play* financeiro da UEFA proíbem os clubes europeu de gastar anualmente um valor superior ao de suas receitas durante a temporada, podendo apenas sofrer um prejuízo máximo de £25 milhões em um período de três anos. Em 2014, o PSG chegou a assinar um acordo com a UEFA, no qual concordava em reduzir significativamente seus gastos com transferências nas temporadas de 2014/15 e 2015/16 (Søyland, 2020).

Contudo, a temporada de 2017/18 foi marcada por novas violações financeiras. As aquisições dos jogadores Neymar e Mbappé entre julho e agosto de 2017 somaram, juntas, o valor de £400 milhões, enquanto as receitas do PSG por temporada giram em torno do mesmo valor (*The Economic Times*, 2017). De acordo com o jornal, o clube gastou toda a receita de uma temporada na aquisição de dois jogadores, sem incluir gastos com folha de pagamento e outros bônus, demonstrando que o governo do Catar continua a ignorar os regulamentos do *fair play* financeiro ao investir no clube (*The Economic Times*, 2017). O *The Economic Times* (2017) afirma que essa prática é um *doping* financeiro, “o equivalente monetário de um atleta de pista, ciclista ou nadador usando esteroides”¹³⁵.

Em setembro de 2017, uma nova investigação foi aberta pela UEFA, para analisar as contratações do PSG e sua adequação ao sistema de *fair play* financeiro

¹³⁵ Tradução livre do trecho em inglês: “the monetary equivalent of a track athlete, cyclist or swimmer using steroids” (The Economic Times, 2017).

do futebol europeu, após grande pressão de alguns dos principais clubes europeus (Søyland, 2020; Panja, 2019). Em de 2018, o principal investigador inocentou o time parisiense de agir contra as regras do *fair play* financeiro, porém, alguns meses depois, a UEFA anunciou que reabriria o caso (Panja, 2019). Contudo, o Tribunal de Arbitragem do esporte negou a reabertura da investigação após um recurso do clube, afirmando que a decisão original deveria ser mantida (Panja, 2019).

Ronay (2019), aponta que diversos países com históricos críticos de violação de direitos humanos – que, como veremos com mais detalhes adiante, é o caso do Catar – possuem a prática de fazer uso de empresas caras de relações públicas, sendo os investimentos no futebol uma forma de melhorar tais relações¹³⁶. Nesse sentido, o autor acredita que, à medida que o alcance global do futebol e do esporte como um todo aumente, essas práticas de “*sportswashing*” também aumentem, mas aposta em uma conscientização dos fãs e do público em geral sobre as práticas, para além do olhar apenas sobre a fama das estrelas esportivas (Ronay, 2019).

Além disso, a organização de integridade esportiva financiada em grande pelo governo Catari, o *International Centre for Sport Security* (ICSS), também foi alvo de uma investigação que colocou em xeque a credibilidade da organização (Søyland, 2020). A partir do acesso a documentos internos do próprio órgão, o *Football Leaks*, série de investigações jornalísticas sobre o futebol profissional mundial, encontrou uma série de incidências questionáveis.

De acordo com Rouget, Martiniere e Schmidt (2018), jornalistas do investigativo francês Mediapart divulgaram que o ICSS contratou dois ex-oficiais da Interpol para espionar o sheik kuwaitiano Ahmad Al-Fahad Al-Sabah, rival do Catar, presidente do Conselho Olímpico da Ásia e do Handebol Asiático, bem como membro do Comitê Olímpico Internacional (COI). Os contratados do ICSS teriam acessado ilegalmente o computador do sheik com milhares de e-mail e documentos enquanto ele participava de uma conferência do COI na Suíça, em abril de 2015 (Rouget, Martiniere e Schmidt, 2018).

Para Søyland (2020, p. 58), esse é um caso de *sportswashing*, no qual “o

¹³⁶ Em sua matéria no The Guardian, o jornalista Barney Ronay discorre sobre essa prática comum entre países com históricos de violações de direitos humanos, apresentando um infográfico com todas as relações estabelecidas entre tais países e clubes europeus, além da participação de Nasser Al-Khelaifi, presidente da beIN sports já retratado neste trabalho, e de Vladimir Putin, presidente russo, no futebol mundial. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/2019/feb/15/sportswashing-europes-biggest-clubs-champions-league-owners-sponsors-uefa>>. Acesso em: 29 set. 2024.

governo do Catar fornece 70% dos fundos para uma ONG sem fins lucrativos sediada em Doha, que supostamente trabalha pela integridade do esporte global”¹³⁷, enquanto os documentos do *Football Leaks* sugerem o contrário. Long (2011) destaca que o ICSS também é um dos parceiros do comitê organizador da Copa do Mundo FIFA de 2022. Nesse sentido, para Søyland (2020), o ICSS é uma ferramenta de relações públicas para o governo catari lavar sua reputação, escondendo suas práticas na ideia de uma organização preocupada com a integridade do esporte mundial. Assim, seu real objetivo seria “desviar a atenção dos direitos humanos e das questões de corrupção relacionadas com o Catar e trabalhar como fachada para a integridade esportiva”¹³⁸ (Soyland, 2020, p. 58).

Um dos pontos que mais chamaram a atenção da sociedade internacional como um todo foram as violações de direitos humanos observadas no Catar. De acordo com Søyland (2020), desde que o Catar foi escolhido como país-sede da edição de 2022 da Copa do Mundo FIFA, diversas críticas foram emitidas pela mídia internacional e por organizações de direitos humanos, principalmente sobre o sistema de trabalho *Kafala*. O *Kafala* é um sistema baseado em patrocínio que vincula trabalhadores migrantes aos seus empregadores, diminuindo a possibilidade dos trabalhadores de mudarem de emprego e, muitas vezes, impedindo que deixem o país sem permissão dos empregadores (Anistia Internacional, 2019).

Para Elias (2021), mesmo que o Catar e a FIFA tenham prometido repetidas vezes total transparência nas situações trabalhistas, o grande número de publicações de organizações internacionais, bem como de declarações de especialistas esportivos, prejudicaram a reputação do país e levantaram questionamentos sobre o evento antes mesmo dele começar. Em 2013, a estimativa era que pelo menos meio milhão de trabalhadores extras chegariam de países como Nepal, Índia e Sri Lanka para trabalharem na construção de estádios, hotéis e outras infraestruturas para o evento (Booth, 2013). No mesmo ano, os trabalhadores ouvidos por uma investigação sindical descreveram trabalhos forçados em um calor de 50 °C, negação de água potável gratuita, doenças endêmicas nas instalações superlotadas e insalubres e fome. (Booth, 2013).

¹³⁷ Tradução livre do trecho em inglês: “the Qatari government provides 70 percent of the funds for a non-profit NGO based in Doha, who supposedly works for the integrity of global sports” (Søyland, 2020, p. 58).

¹³⁸ Tradução livre do trecho em inglês: “to divert attention away from human rights and corruption issues connected to Qatar, and work as a façade for sports integrity” (Søyland, 2020, p. 58).

Em 2016, uma produção da Anistia Internacional denunciou uma série de violações de direitos humanos sofridas pelos imigrantes: (1) as taxas de recrutamento que os trabalhadores pagavam para agentes em seus países de origem variaram entre US\$ 500 e US\$ 4.300, tornando-os muitas vezes endividados e com medo de deixarem seus empregos ao chegar no Catar; (2) muitos dos trabalhadores viviam em acomodações apertadas, sujas e inseguras, em quartos para oito ou mais pessoas; (3) os agentes de recrutamento prometiam um salário de US\$ 300 por mês mas, ao chegar no Catar, o salário figurava em torno de US\$ 190; (4) os salários dos trabalhadores muitas vezes ficavam vários meses atrasados, levando-os ao desespero devido a seus empréstimos e suas famílias; e (5) os trabalhadores tinham seus passaportes confiscados pelos empregadores, impedindo-os a sair do país sem autorização (Anistia Internacional, 2016).

Um novo relatório da Anistia Internacional (2019) apontou os abusos sofridos pelos mais de 174 mil trabalhadores, em sua grande maioria mulheres, que realizavam serviços domésticos. Esses trabalhadores viviam em casas isoladas dos públicos, eram excluídos das leis trabalhistas do país, corriam risco de sofrer abusos físicos e sexuais, eram forçados a trabalhar por longas horas e tinham seus celulares e passaportes confiscados. Esse mesmo relatório informou que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) estaria trabalhando com as autoridades cataris em um amplo processo de reforma trabalhistas, após assinatura de um acordo por parte do Catar com a organização (Anistia Internacional, 2019).

Em maio de 2020, uma pesquisa revelava por Pattison e Sedhai apontou que diversos trabalhadores foram demitidos em meio ao grande avanço da pandemia da COVID-19, forçando-os a permanecer no país e mendigar por comida para sobreviver. Em abril de 2020, uma diretiva governamental permitiu que as empresas que pararam de operar pelas restrições da pandemia colocassem seus trabalhadores em licença não-remunerada ou rescindissem seus contratos, desde que mantivessem o fornecimento de comida e acomodação, o que não aconteceu em alguns casos, segundo relatos de trabalhadores (Pattison; Sedhai; 2020).

Segundo a Anistia Internacional (2020), em agosto de 2020, o Emir do Catar sancionou duas reformas trabalhistas anunciadas em outubro de 2019, visando combater a pressão internacional sobre o sistema *Kafala*. As leis derrubaram as restrições à mudança de emprego dos trabalhadores migrantes sem permissão do empregador, facilitando que os trabalhadores escapem de abusos sofridos pelos

empregadores, e introduziram um salário-mínimo equivalente a US\$ 275, além de subsídios para alimentação e acomodação, quando estes não são fornecidos pela empresa (Anistia Internacional, 2020).

Contudo, conforme um estudo da *Human Rights Watch* (2022) evidenciou, as reformas aprovadas pelas autoridades cataris ou demoraram para serem aprovada ou foram implementadas de forma ineficaz. Em 2021, o *The Guardian* divulgou que mais de 6.500 trabalhadores migrantes da Índia, Paquistão, Nepal, Bangladesh e Sri Lanka morreram no Catar desse que o país conquistou o direito de sediar a Copa do Mundo – uma média de 12 trabalhadores mortos por semana (Pattison et al., 2021). Dados oficiais dos países e suas embaixadas contabilizaram 6.751 mortes, mas a investigação aponta que este número certamente é maior, pois não inclui a morte de trabalhadores de outros países, como Quênia e Filipinas (Pattison et al., 2021).

As causas de morte presente nos relatórios são, principalmente, ferimentos decorrentes de quedas de grandes alturas, asfixia por enforcamento, causa indeterminada devido à decomposição do corpo e, as mais comuns, mortes naturais, frequentemente atribuídas a insuficiência cardíaca ou respiratória grave (Pattison et al., 2021). Para o *The Guardian*, essas classificações são feitas sem autópsia e carecem de explicações médicas legítimas para suas causas, enquanto, na realidade, um dos principais fatores para as mortes de trabalhadores é o calor excessivo (Pattison et al., 2021).

Hiba Zayadin, pesquisadora para a *Human Rights Watch*, afirmou que foi solicitado que o Catar alterasse suas leis sobre autópsias e aprovasse a exigência de uma causa de morte significativa em todas as certidões de óbito, mas nenhuma das solicitações foi atendida (Pattison et al., 2021). De acordo com o *The Guardian*, o governo catari não contesta o número de mortes, mas afirma que ele é proporcional à força de trabalho imigrante do país e que tal número não se refere apenas às mortes de trabalhadores migrantes na construção (Pattison et al., 2021).

Para a *Human Rights Watch* (2022), a FIFA é responsável pelos trabalhadores empregados nos estádios e nas obras de preparação para a Copa e, embora houvesse mobilização de grupos da sociedade civil solicitando um posicionamento, a autoridade do futebol fracassou em impor condições para proteger os trabalhadores, tornando-se, assim, uma “facilitadora complacente dos abusos generalizados sofridos” por eles (*Human Rights Watch*, 2022).

Por isso, em maio de 2022, uma séria de organizações internacionais de

direitos humanos e sindicatos assinaram uma carta aberta solicitando à FIFA uma compensação de, pelo menos, US\$ 400 milhões para os trabalhadores migrantes que sofreram violações de direitos humanos no Catar (*Human Rights Watch*, 2022; Anistia Internacional, 2022). O valor, igual ao prêmio que será entregue na competição, representa uma pequena parcela perto dos US\$ 6 bilhões esperados em receita pela FIFA com o evento (Anistia Internacional).

Outra violação de direitos humanos vivenciada no Catar é a discriminação concretizada na legislação LGBTfóbica do país. Ao se candidatar para a Copa do Mundo FIFA de 2022, o Catar prometeu abordar suas questões de direitos humanos, porém, no ano da escolha do país-sede, o então presidente da FIFA, Joseph Blatter, sugeriu que os fãs homossexuais deveriam se abster de atividades sexuais durante o torneio (Harvey, 2011).

O relatório *Qatar: FIFA World Cup 2022 – Human Rights Guide for Reporters*, de 2022, apresenta os artigos do Código Penal do Catar que versam sobre as relações homossexuais: o art. 285 estabelece pena de até 7 anos de prisão para relações sexuais consensuais entre homens maiores de 16 anos, enquanto o art. 296 prevê penas de um a três anos para qualquer homem que “estimular” outro homem a “cometer um ato de [...] imoralidade” (*Human Rights Watch*, 2022).

O mesmo relatório denunciou que as forças do Departamento de Segurança Preventiva do Catar, que fazem parte do Ministério do Interior, prenderam seis pessoas LGBT+ em setembro de 2022. Durante a detenção, as pessoas foram submetidas a maus tratos, incluindo graves espancamentos e assédio sexual e, como requisito para sua libertação, “as forças de segurança exigiram que as mulheres transgêneros detidas participassem de sessões de terapia de conversão em um centro de ‘saúde comportamental’ patrocinado pelo governo” (*Human Rights Watch*, 2022). O relatório, ademais, divulgou violações sobre direitos das mulheres e liberdade de expressão.

Um ponto que não deve deixar de ser mencionado é o baixo rendimento esportivo apresentado pela seleção catari durante o evento. Como país-sede da Copa do Mundo FIFA, a seleção do país que hospeda o evento não passa pelas eliminatórias continentais, estando automaticamente classificada para a competição (Molina, 2023). Durante o torneio, o Catar foi a seleção com pior rendimento dentre as 32 seleções participantes, tendo três derrotas em três jogos e sendo eliminada sem obter nenhum ponto (FIFA).

Para Barthe (2017), o baixo rendimento da seleção catari frente às grandes infraestruturas futebolísticas e gastos enormes, “reduz a pequena monarquia a uma caricatura que ela tanto quer abandonar, a do ‘falso’, do artificial, recheado de petrodólares”¹³⁹. Nesse sentido, Elias (2021) aponta que o evento poderia justamente reforçar a imagem e percepção internacional de que o Catar desejava fugir com a realização do evento.

A partir dos aspectos apresentados nesta seção e tomando como base o trabalho de Brannagan e Giulianotti (2014), podemos afirmar que, enquanto as autoridades cataris buscaram o envolvimento em práticas esportivas globais e, sobretudo, na realização da Copa do Mundo FIFA de 2022 como forma de cultivar o *soft power* o país, a estratégia, na verdade, se converteu em forma de *soft disempowerment* e em uma tentativa de *sportswashing*. Para os autores, isso resultou em questões levantadas pela sociedade internacional em relação à capacidade e ao direito do país de sediar a competição, bem como à prestação do Estado para se integrar totalmente com a comunidade internacional (Brannagan e Giulianotti, 2014).

De acordo com Reiche (2014), o Catar precisa se mostrar mais aberto à crítica internacional e promover reformas efetivas nas áreas domésticas que despertam insatisfação. Para o autor, ganhar *soft power* no cenário internacional não é resultado de medidas de curto prazo, como sediar megaeventos esportivos, mas esses megaeventos podem auxiliar na construção de relacionamentos longos com outros países – que necessitam, também, de medidas em outras áreas, como cultura, educação, economia e política (Reiche, 2014).

Reiche (2014) afirma, ainda, que não é possível determinar se os investimentos no setor esportivo auxiliarão no objetivo catari de diversificar sua economia, pois os eventos sediados pelo país enfrentam uma falta de demanda doméstica, impossibilitando que assumam um papel importante no cenário econômico do país. Por outro lado, o autor afirma que, no lugar de investir em diversas ligas profissionais esportivas, uma possibilidade seria concentrar os esforços nacionais em alguns poucos esportes, que podem contribuir para o desenvolvimento de um setor profissional consistente em esportes específicos, atribuindo, assim maiores chances de se perpetuarem no futuro (Reiche, 2014).

¹³⁹ Tradução livre do trecho em inglês: “reduces the little monarchy to a caricature that it so desperately wants to leave behind, that of the ‘fake,’ the artificial, stuffed with petrodollars” (Barthe, 2017).

Para Søyland (2020), ao organizar megaeventos esportivos e investir em clubes de futebol como uma forma de desviar atenção de seus problemas internos por meio da prática do *sportswashing* e aumentar seu *soft power*, os Estados buscam criar uma imagem de países modernos, inovadores e amigáveis. Contudo, uma consequência não intencional é o aumento da atenção internacional sobre as políticas internas do país, podendo, assim, se transformar em uma estratégia nociva e em uma forma de *soft disempowerment*, como foi o caso do Catar (Søyland, 2020; Brannagan e Giulianotti, 2014).

De acordo com Søyland (2020), desde o anúncio da FIFA em 2010, a mídia e o público internacional estão mais cientes sobre os problemas domésticos do Catar: a falta de direitos políticos, as violações de direitos humanos e os abusos trabalhistas enfrentados pelos trabalhadores migrantes. Por consequência, o país viu sua reputação global diminuir drasticamente (Søyland, 2020). Nye (2008) afirma que a credibilidade de um país e, de longe, o principal fator em sua busca pelo aumento do *soft power* internacional. Dessa forma, se o país perde sua credibilidade, como foi o caso do Catar, sua mensagem para o resto do mundo não será nada além de propaganda (Søyland, 2020).

A partir das discussões apresentadas neste capítulo, entende-se que o objetivo de Catar de aumentar seu *soft power* e se portar como uma nação alinhada às boas práticas internacionais se converteu em um caso de *soft disempowerment* e em uma tentativa de *sportswashing*. Nesse sentido, ao nos apoiarmos no Construtivismo de Wendt (1999), podemos afirmar que a estratégia movida pelo interesse catari em construir a identidade de um país inovador, moderno, tecnológico e amigável não se concretizou na construção dessa identidade de fato, pois tal estratégia foi manchada pelas políticas internas do país.

3.3 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Neste terceiro e último capítulo, nos concentramos sobre a realização da Copa do Mundo FIFA de 2022, sediada pelo Catar entre novembro e dezembro daquele ano. Na primeira seção, entendemos como o evento poderia ser estratégico e benéfico para o país, pela atenção internacional, desenvolvimento de infraestrutura, atração de turistas e possibilidades de diversificação econômica que ele traria. Contudo, na segunda seção, compreendemos que tal estratégia se transformou em um caso de

soft disempowerment e em uma tentativa de *sportswashing*, que apenas resultou em críticas internacionais e insatisfação sobre o país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tinha como objetivo analisar a prática da diplomacia esportiva dos países como forma de promoção internacional, aumento do poder regional e alcance dos objetivos de política externa. Ao longo dos três capítulos apresentados neste trabalho, pudemos responder à pergunta de pesquisa “quais são as estratégias adotadas pelos Estados ao sediar megaeventos esportivos e como elas refletem na política internacional?”, tomando como estudo de caso o Catar e seus objetivos com a hospedagem da Copa do Mundo FIFA de 2022.

A partir da pesquisa bibliográfica realizada, concluiu-se que a hipótese de que a Copa do Mundo serviu como uma forma de *sportswashing* para a identidade internacional do Catar é verdadeira. Apesar de sediar o evento com o objetivo de aumentar seu *soft power* e sua importância no cenário internacional, o torneio apenas serviu para escancarar as controvérsias existentes no cenário interno do país e se transformar em um caso de *soft disempowerment*, bem como se apresentar como uma forma de *sportswashing*, ou seja, uma limpeza da reputação internacional do país.

Com estudos de pesquisadores do tema escolhido, ademais, conclui-se que, para melhorar a reputação e a posição internacional do Catar, o país precisaria levar em conta as críticas feitas às suas políticas internas, buscando a reformulação, principalmente, de suas legislações trabalhistas e de acolhimento de trabalhadores migrantes. Além disso, seria necessário investir em novas frentes de *soft power*, para potencializar o alcance do país no mundo todo para além do esporte.

Outro objetivo do Catar com a realização da Copa do Mundo FIFA era a diversificação de sua economia frente a sua dependência das exportações de petróleo e de gás natural. Conforme apontado por Reiche (2014), tal objetivo não foi alcançado, visto que a utilização do evento por si só não seria capaz de abrir novas frentes de receita econômica. Dessa forma, a Copa do Mundo FIFA de 2022 foi uma edição atípica do campeonato, que ofuscou as vantagens esperadas pelo país do Oriente Médio, além de expor vários escândalos de corrupção levados nos cargos de mais altos escalões da FIFA.

REFERÊNCIAS

2022 World Cup hosts Qatar spending \$500 million a week – finance minister. **ESPN**, 2017. Disponível em: <https://www.espn.com/soccer/story/_/id/37512945/2022-world-cup-hosts-qatar-spending-500-million-week-finance-minister>. Acesso em: 24 set. 2024.

2024 Global Champions Season Calendar. **Global Champions**. Disponível em: <<https://www.gcglobalchampions.com/en-us/schedule>>. Acesso em: 23 set. 2024.

ABOUT Us. **Aspetar**. Disponível em: <<https://www.aspetar.com/en/about-us>>. Acesso em: 18 set. 2024.

ABOUT Us. **ICSS**. Disponível em: <<https://theicss.org/about-us/>>. Acesso em: 21 set. 2024.

AKHUNDOVA, Gulnara. Baku European Games 2015: A fearsome PR machine is using sport to sweep human rights under the carpet. **The Independent**, 2015. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/voices/comment/baku-european-games-2015-a-fearsome-pr-machine-is-using-sport-to-sweep-human-rights-under-the-carpet-10314316.html>>. Acesso em: 02 set. 2024.

ALLISON, Lincoln; MONNINGTON, Terry. Sport, prestige and international relations. *In*: ALLISON, Lincoln (org.). **The global politics of sport: The role of global institutions in sport**. 1. ed. Londres, Nova Iorque: Routledge, 2005. p. 5-23.

ÁREAS Territoriais. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**, 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15761-areas-dos-municipios.html?t=acesso-ao-produto&c=53>>. Acesso em: 12 set. 2024.

ARENDDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**, 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. 352 p.

BARTHE, Benjamin. Le foot, coûteuse obsession du Qatar. **Le monde**, 2017. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/festival/article/2017/08/11/le-foot-couteuse-obsession-du-qatar_5171226_4415198.html>. Acesso em: 26 set. 2024.

BEIN Sports chairman Nasser Al-Khelaifi goes on trial over TV rights corruption. **Associated Press**, 2020. Disponível em: <<https://www.arabnews.com/node/1734466/media>>. Acesso em: 2 out. 2024.

BLANCHARD, Christopher. Qatar: Background and U.S. Relations. **Congressional Research Service Report**, 2014. Disponível: <<https://sgp.fas.org/crs/mideast/RL31718.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2024.

BOOTH, Robert. Qatar World Cup construction 'will leave 4,000 migrant workers dead'. **The Guardian**, 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/global-development/2013/sep/26/qatar-world-cup-migrant-workers-dead>>. Acesso em: 3 out. 2024.

BORDEN, Sam. FIFA Confirms Winter World Cup for 2022. **The New York Times**, 2015. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2015/03/20/sports/soccer/fifa-confirms-winter-world-cup-for-2022.html>>. Acesso em: 28 set. 2024.

BRANNAGAN, Paul; GIULIANOTTI, Richard. Qatar, Global Sport and the 2022 FIFA World Cup. *In*: GRIX, Jonathan (org.). **Leveraging Legacies from Sports Mega-Events: Concepts and Cases**. 1. ed. Londres, 2014: Palgrave Macmillan. p. 154-165.

BRANNAGAN, Paul; GIULIANOTTI, Richard. Soft power and soft disempowerment: Qatar, global sport and football's 2022 World Cup finals. **Leisure Studies**, v. 34, p. 703-719, out. 2014.

BULL, Hedley. **The anarchical Society: A Study of Order in World Politics**. 3. ed. Hampshire, Nova Iorque: Palgrave, 2002. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4034174/mod_resource/content/1/Hedley Bull-The Anarchical Society_ A Study of Order in World Politics -Palgrave Macmillan \(2002\).pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4034174/mod_resource/content/1/Hedley%20Bull-The%20Anarchical%20Society_-_A%20Study%20of%20Order%20in%20World%20Politics%20-Palgrave%20Macmillan%20(2002).pdf)>. Acesso em: 28 ago. 2024.

CALENDAR 2024. **Wanda Diamond League**. Disponível em: <<https://www.diamondleague.com/calendar/>>. Acesso em: 23 set. 2024.

CALVERT, Jonathan; BLAKE, Heidi. Fifa admits fixer helped Qatar cup bid. **The Times**, 2015. Disponível em: <<https://www.thetimes.com/article/fifa-admits-fixer-helped-qatar-cup-bid-f9xl3nxfxr>>. Acesso em: 2 out. 2024.

CALVERT, Jonathan; BLAKE, Heidi. Plot to buy the World Cup. **The Times**, 2014. Disponível em: <<https://www.thetimes.com/article/plot-to-buy-the-world-cup-lvxdg2v7l7w>>. Acesso em: 2 out. 2024.

CATAR: abusos de direitos mancham a Copa do Mundo da FIFA. **Human Rights Watch**, 2022. Disponível em: <<https://www.hrw.org/pt/news/2022/11/18/qatar-rights-abuses-stain-fifa-world-cup>>. Acesso em: 3 out. 2024.

CHAMPIONSHIP MotoGP overview. **Fédération Internationale de Motocyclisme**. Disponível em: <<https://www.fim-moto.com/en/sports/view/fim-world-championship-grand-prix-4327>>. Acesso em: 23 set. 2024.

COMPETITION History. **International Handball Federation**. Disponível em: <<https://www.ihf.info/competitions/men/308/-ihf-mens-club-world-championship-2024/184043/history?q=/competitions/men/308/-ihf-mens-club-world-championship-2024/184043/history&page=0>>. Acesso em: 23 set. 2024.

CONN, David. How Qatar became a football force: from Barcelona to PSG and World Cup. **The Guardian**, 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/2013/nov/18/qatar-barcelona-psg-world-cup-2022>>. Acesso em: 21 set. 2024.

CONN, David. Paris Saint-Germain may face Uefa sanctions for over-valued Qatari deals. **The Guardian**, 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/2018/apr/11/psg-may-face-uefa-sanctions-overvalued-qatari-deal>>. Acesso em: 29 set. 2024.

COPA do Mundo da FIFA™ Grupos e fase eliminatória. **FIFA**. Disponível em: <<https://www.fifa.com/pt/tournaments/mens/worldcup/qatar2022/knockout-and-groups>>. Acesso em: 26 set. 2024.

CORPORATE Information. **Aspire Zone**. Disponível em: <<https://www.aspirezone.qa/corporate-information.aspx?lang=en>>. Acesso em: 18 set. 2024.

DUNBAR, Graham; HARRIS, Rob. World Cup bribes, death threats: Corrupt world of FIFA. **Associated Press**, 2017. Disponível em: <<https://apnews.com/national-national-general-news-4c704914a9d244e580cc26192d289d86>>. Acesso em: 2 out. 2024.

ELIAS, Tarek. **Qatar's Sports Diplomacy as a Driver for International Visibility, Prestige, and Branding**. Scienci Po Kuwait Program. 2021. Disponível em: <<https://www.sciencespo.fr/kuwait-program/wp-content/uploads/2021/11/sciencespo-kuwait-program-2021-elias-tarek.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2024

EMMET, James. QSI completes PSG buyout. **SportsPro Media**, 2012. Disponível em: <https://www.sportspromedia.com/news/qsi_completes_psg_buyout/>. Acesso em: 20 set. 2024.

ENGEL, Tilman. Qatar's Tourism Strategy vis-à-vis World Cup 2022. **SBC International**, 2018. Disponível em: <<https://www.sbc-international.de/wp-content/uploads/2018/10/Qatar-Tourism-Strategy-World-Cup-2022.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2024.

EXPERIENCE a World Beyond: Qatar Tourism launches new campaign and continues its goal to welcome six million visitors by 2030. **Qatar Tourism**, 2021. Disponível em: <<https://www.qatartourism.com/en/news-and-media/press-releases/eawb-qatar-tourism-launches-new-campaign-and-continues-its-goal-to-welcome-six-million-visitors-by-2030>>. Acesso em: 23 set. 2024.

FACILITIES. **Aspire Zone**. Disponível em: <<https://www.aspirezone.qa/facilities.aspx?lang=en>>. Acesso em: 18 set. 2024.

FAQS. **SIGA**. Disponível em: <<https://siga-sport.com/faqs/>>. Acesso em: 21 set. 2024.

FIFA confirms clubs will not be compensated for winter 2022 World Cup. **Press Association**, 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/2015/feb/25/2022-world-cup-fifa-uefa-no-compensation>>. Acesso em: 28 set. 2024.

FINN, Tom. Qatar's recruited athletes stir debate on citizenship. **Reuters**, 2016. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-qatar-olympics-nationality-idUSKCN11015P/>>. Acesso em: 20 set. 2024.

FIVB Competitions. **Fédération Internationale de Volleyball**. Disponível em: <<https://www.fivb.com/volleyball/fivb-competitions/>>. Acesso em: 23 set. 2024.

GDP per capita. **World Bank Group**. Disponível em:

<https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.PCAP.PP.CD?end=2023&name_desc=false&start=1990&view=chart>. Acesso em: 12 set. 2024.

GIBSON, Owen. Why PSG and the World Cup will not be enough for football-hungry Qatar. **The Guardian**, 2014. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/2014/apr/03/psg-world-cup-football-tv-rights-qatar>>. Acesso em: 21 set. 2024.

GIBSON, Owen. World Cup 2022: the when, why and what of a winter Qatar tournament. **The Guardian**, 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/blog/2015/feb/24/world-cup-2022-winter-qatar-fifa-task-force-temperature>>. Acesso em: 28 set. 2024.

GOVERNANCE. **ICSS**. Disponível em: <<https://theicss.org/governance/>>. Acesso em: 21 set. 2024.

GRAY, Matthew. **Qatar: Politics and the Challenges of Development**. 1. ed. Boulder & Londres: Lynne Rienner Publishers, 2013. 271 p.

GRIX, Jonathan; BRANNAGAN, Paul; LEE, Donna. **Entering the Global Arena: Emergins States, Soft Power Strategies and Sports Mega-Events**. 1a. ed. Londres: Palgrave Macmillan, 2019. 117p. (Mega Event Planning)

HARVEY, Oliver. Should Qatar host the 2022 World Cup? **The Sun**, 2011. Disponível em: <<https://www.thesun.co.uk/archives/news/680064/should-qatar-host-the-2022-world-cup/>>. Acesso em: 3 out. 2024.

JACKSON, Jamie. Qatar wins 2022 World Cup bid. **The Guardian**, 2010. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/2010/dec/02/qatar-win-2022-world-cup-bid>>. Acesso em: 24 set. 2024.

JIMÉNEZ-MARTÍNEZ, César; SKEY, Michael. How repressive states and governments use 'sportswashing' to remove stains on their reputation. **The Conversation**, 2018. Disponível em: <<https://theconversation.com/how-repressive-states-and-governments-use-sportswashing-to-remove-stains-on-their-reputation-100395>>. Acesso em: 02 set. 2024.

KAMRAVA, Mehran. **Qatar: Small State, Big Politics**. 1a. ed. Ithaca, Londres: Cornell University Press, 2015.

LAUGHLAND, Oliver. Fifa official took bribes to back Qatar's 2022 World Cup bid, court hears. **The Guardian**, 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/2017/nov/14/fifa-bribery-corruption-trial-qatar-2022-world-cup>>. Acesso em: 2 out. 2024.

LENSKYJ, Helen. **The Olympic Games: A Critical Approach**. 1a. ed. Bingley: Emerald Publishing, 2020.

LINZ, Juan. **Totalitarian and Authoritarian Regimes**. 1. ed. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 2000. 275 p.

LONG, Michael. Qatar 2022 in safe hands with the ICSS. **SportsPro Media**, 2011.

Disponível em:

<https://www.sportspromedia.com/news/qatar_2022_in_safe_hands_with_the_icss/>. Acesso em: 30 set. 2024.

LOVETT, Samuel. PSG sign Neymar from Barcelona in £200m world-record deal.

The Independent, 2017. Disponível em:

<<https://www.independent.co.uk/sport/football/transfers/neymar-psg-signs-barcelona-five-year-world-record-deal-a7875921.html>>. Acesso em: 20 set. 2024.

MARTIN, Richard. Barcelona extend Qatar Airways sponsorship deal to 2017.

Reuters, 2016. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/uk-soccer-spain-fcb/barcelona-extend-qatar-airways-sponsorship-deal-to-2017-idUKKCN0ZZ1N2/>>.

Acesso em: 21 set. 2024.

MOLINA, Murilo. Eliminatórias da Copa do Mundo 2026: como funciona e quantos países classificam em cada continente. **Comitê Olímpico Internacional**, 2023.

Disponível em: <<https://olympics.com/pt/noticias/eliminotorias-copa-como-funciona-paises-classificados>>. Acesso em: 26 set. 2024.

MÜLLER, Martin. What makes an event a mega-event? Definitions and sizes.

Leisure Studies, v. 34, n. 6, p. 627-642, jan. 2015.

MURRAY, Stuart. **Sports Diplomacy: Origins, Theory and Practice**. Londres, Nova Iorque: Routledge, 2018. 261 p. (Routledge New Diplomacy Studies).

MURRAY, Stuart. The Two Halves of Sports-Diplomacy. **Diplomacy & Statecraft**. v. 23, n. 3, p. 576-592, ago. 2012.

NOSSITER, Adam. Emir of Qatar Tours New Orleans to See Fruit of His \$100 Million Donation. **The New York Times**. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2008/04/30/us/nationalspecial/30emir.html>>. Acesso em: 14 set. 2024.

NYE, Joseph. Public Diplomacy and Soft Power. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, v. 616, p. 94–109, mar. 2008.

OVERVIEW. **ICSS**. Disponível em: <<https://theicss.org/overview/>>. Acesso em: 21 set. 2024.

PANJA, Tariq. In P.S.G. Case, Documents Show UEFA Surrendered Without a Fight.

The New York Times, 2019. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2019/07/24/sports/psg-uefa-ffp.html?auth=login-email&login=email>>. Acesso em: 30 set. 2024.

PANJA, Tariq; DRAPER, Kevin. U.S. Says FIFA Officials Were Bribed to Award World Cups to Russia and Qatar. **The New York Times**, 2020. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2020/04/06/sports/soccer/qatar-and-russia-bribery-world-cup-fifa.html>>. Acesso em: 2 out. 2024.

PARIS Saint-Germain indulging in financial doping. **The Economic Times**, 2017.

Disponível em: <<https://economictimes.indiatimes.com/news/sports/paris-saint-germain-indulging-in-financial->

doping/articleshow/60199801.cms?planGroup=ETPNoTrial&utm_source=admitad&utm_medium=Affiliate&src=Admitadtest&utm_campaign=1560786_lb_4qaiya2&tagtag_uid=6f38e7d0489cd6c904bc67e921a298ca#google_vignette>. Acesso em: 29 set. 2024.

PATISSON, Pete et al. Revealed: 6,500 migrant workers have died in Qatar since World Cup awarded. **The Guardian**, 2021. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/global-development/2021/feb/23/revealed-migrant-worker-deaths-qatar-fifa-world-cup-2022>>. Acesso em: 3 out. 2024.

PATISSON, Pete; SEDHAI, Rosham. Qatar's migrant workers beg for food as Covid-19 infections rise. **The Guardian**, 2020. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/global-development/2020/may/07/qatars-migrant-workers-beg-for-food-as-covid-19-infections-rise>>. Acesso em: 3 out. 2024.

QATAR – The World Factbook. **CIA**, 2024. Disponível em: <<https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/qatar/>>. Acesso em: 12 set. 2024.

QATAR denies allegations of corruption in World Cup 2022 bid. **Al Jazeera**, 2020. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/sports/2020/4/7/qatar-denies-allegations-of-corruption-in-world-cup-2022-bid>>. Acesso em: 2 out. 2024.

QATAR ExxonMobil Open. **ATP Tour**. Disponível em: <<https://www.atptour.com/en/tournaments/doha/451/overview>>. Acesso em: 23 set. 2024.

QATAR handball team coach faces questions over foreign players. **BBC**, 2015. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-middle-east-31031852>>. Acesso em: 23 set. 2024.

QATAR hits metro milestone ahead of World Cup. **France24**, 2019. Disponível em: <<https://www.france24.com/en/20191210-qatar-hits-metro-milestone-ahead-of-world-cup>>. Acesso em: 24 set. 2024.

QATAR National Development Strategy 2011-2016. **General Secretariat for Development Planning**, 2011. Disponível em: <https://www.psa.gov.qa/en/nds1/Documents/NDS_ENGLISH_SUMMARY.pdf>. Acesso em: 14 set. 2024.

QATAR National Vision 2030. **General Secretariat for Development Planning**, 2008. Disponível em: <https://www.psa.gov.qa/en/qnv1/Documents/QNV2030_English_v2.pdf>. Acesso em: 14 set. 2024.

QATAR Natural Gas. **World Meter**. Disponível em: <<https://www.worldometers.info/gas/qatar-natural-gas/#gas-reserves>>. Acesso em: 12 set. 2024.

QATAR Oil. **World Meter**. Disponível em: <<https://www.worldometers.info/oil/qatar-oil/#oil-reserves>>. Acesso em: 12 set. 2024.

QATAR Second National Development Strategy 2018-2022. **General Secretariat for**

Development Planning, 2018. Disponível em: <<https://www.psa.gov.qa/en/knowledge/Documents/NDS2Final.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2024.

QATAR Sports Sector Strategy 2011-2016. **General Secretariat for Development Planning**, 2011. Disponível em: <https://blogs.napier.ac.uk/qatar2022/wp-content/uploads/sites/29/2015/06/sports_sector_strategy_final-English.pdf>. Acesso em: 14 set. 2024.

QATAR World Cup of shame. **Anistia Internacional**, 2016. Disponível em: <<https://www.amnesty.org/en/latest/campaigns/2016/03/qatar-world-cup-of-shame/>>. Acesso em: 3 out. 2024.

QATAR: FIFA should set aside \$440m for World Cup workers compensation fund. **Anistia Internacional**, 2022. Disponível em: <<https://www.amnesty.org.uk/press-releases/qatar-fifa-should-set-aside-440m-world-cup-workers-compensation-fund>>. Acesso em: 3 out. 2024.

QATAR: FIFA World Cup 2022 – Human Rights Guide for Reporters. **Human Rights Watch**, 2022. Disponível em: <https://www.hrw.org/sites/default/files/media_2022/11/202211mena_qatar_worldcup_reportersguide_2.pdf>. Acesso em: 3 out. 2024.

QATAR: Law No. 38 of 2005 on the acquisition of Qatari nationality. **Refworld**, UNHCR. Disponível em: <<https://www.refworld.org/legal/legislation/natlegbod/2005/en/101711>>. Acesso em: 20 set. 2024.

QATAR: New laws to protect migrant workers are a step in the right direction. **Anistia Internacional**, 2020. Disponível em: <<https://www.amnesty.org/en/latest/press-release/2020/08/qatar-announcement-kafala-reforms/>>. Acesso em: 3 out. 2024.

QIA. **Qatar Investment Authority**. Disponível em: <<https://www.qia.qa/en/Pages/default.aspx>>. Acesso em: 27 set. 2024

REALITY check: migrant workers rights with four years to Qatar 2022 World Cup. **Anistia Internacional**, 2019. Disponível em: <<https://www.amnesty.org/en/latest/campaigns/2019/02/reality-check-migrant-workers-rights-with-four-years-to-qatar-2022-world-cup/>>. Acesso em: 3 out. 2024.

REED, Stanley. Qatar Pushes for a Larger Role on the Global Stage. **The New York Times**, 2013. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2013/01/07/business/global/07iht-jazeera07.html?_r=0>. Acesso em: 16 set. 2024.

REICHE, Danyel. Investing in sporting success as a domestic and foreign policy tool: the case of Qatar. **International Journal of Sport Policy and Politics**, International Journal of Sport Policy and Politics, v. 7, n. 4, p. 489-504, dez. 2014.

RISE and fall of Mohamed bin Hammam – timeline. **The Guardian**, 2014. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/2014/jun/01/mohamed-bin-hammam-timeline>>. Acesso em: 2 out. 2024.

ROCHE, Maurice. **Mega-events and Modernity**: Olympics and expos in the growth of global culture. 1a. ed. Londres, Nova Iorque: Routledge, 2000. 281 p.

ROLIM SILVA, Luis. The Establishment of the Qatar National Olympic Committee: Building the National Sport Identity. **The International Journal of the History of Sport**, v. 31, n. 3, p. 306-319, fev. 2014.

RONAY, Barney. Sportswashing and the tangled web of Europe's biggest clubs. **The Guardian**, 2019. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/2019/feb/15/sportswashing-europes-biggest-clubs-champions-league-owners-sponsors-uefa>>. Acesso em: 30 set. 2024.

ROUGET, Antton; MARTINIERE, Mathieu; SCHMIDT, Robert. How Qatar used an anti-corruption organisation to spy on its rivals. **Mediapart**, 2018. Disponível em: <https://www.mediapart.fr/en/journal/international/251118/how-qatar-used-anti-corruption-organisation-spy-its-rivals?page_article=1>. Acesso em: 30 set. 2024.

SANDS, Robert. Anthropology Revisits Sport through Human Movement. *In*: SANDS, Robert; SANDS, Linda (org.). **The Anthropology of Sport and Human Movement: A Biocultural Perspective**. 1. ed. Plymouth: Lexington Books, 2010.

SAUDI Arabia: Launch of women's football league should not distract from abysmal human rights situation. **Anistia Internacional**, 2020. Disponível em: <<https://www.amnesty.org/en/latest/news/2020/02/saudi-arabia-launch-of-womens-football-league-should-not-distract-from-abysmal-human-rights-situation/>>. Acesso em: 02 set. 2024.

SØYLAND, Håvard. **Qatar's sports strategy**: A case of sports diplomacy or sportswashing? 2020. Dissertação (Mestrado): Master in International Studies. Iscte: Instituto Universitário de Lisboa, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/22176>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

TOURNAMENT. **Qatar Masters**. Disponível em: <<https://www.qatar-masters.com/tournament/>>. Acesso em: 23 set. 2024.

TOURNAMENTS. **WTA Tennis**. Disponível em: <<https://www.wtatennis.com/tournaments>>. Acesso em: 23 set. 2024.

VASCONCELOS, Douglas. **Esporte, poder e relações internacionais**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008. 332p. Disponível em: <https://funag.gov.br/loja/download/852-Esporte_Poder_e_Relacoes_Internacionais.pdf>. Disponível em: 03 out. 2024.

VISION and Mission. **SIGA**. Disponível em: <<https://siga-sport.com/vision-and-mission/>>. Acesso em: 21 set. 2024.

VISION, Mission and History. **Qatar Olympic Committee**. Disponível em: <<https://www.olympic.qa/about/vision-mission-and-history#:~:text=It%20is%20one%20of%202015,Sports%20Games%20Federation%20in%201982>>. Acesso em: 16 set. 2024.

WENDT, Alexander. **Social theory of international politics**. Cambridge University

Press (Virtual Publishing), 2003. 429 p. (Cambridge Studies in International Relations).

WHO We Are. **Aspire Academy**. Disponível em: <<https://www.aspire.qa/about/who-we-are>>. Acesso em: 18 set. 2024.